LUMEN FLUENS · ESTUDO COMPARADO XIV

LUMEN FLUENS, MARCEL E JASPERS

Onde nos tocamos, onde nos separamos — Estudo Comparado XIV

VERSÃO 1.1 — COM AS DECISÕES DO FUNDADOR

NOVEMBRO DE 2026

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Vigília (a noite "que ninguém causou" diante das situações-limite e do naufrágio lido como cifra; "presença, não vitória" diante da esperança "em ti para nós"), o Abrigo ("Sê casa para o outro" diante da *disponibilité* e da fidelidade criadora), o Corpus ("eu sou meu corpo" diante de "são seu instrumento"), as Águas Comuns ("ninguém navega um rio privado" diante da comunicação em que a existência se torna si mesma; a margem "estar consigo" diante da *humanitas*), a Independência confessional ("Que Deus é, isso basta" diante de "a filosofia não decide isso por ninguém") e a Lux sem nome (o mistério, a transcendência, o abrangente, a cifra e a existência como material, nunca como nome).

Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.

Versão 1.1, 12 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 12 de novembro de 2026.

Prólogo — O estado da questão e o método

Marcel e Jaspers são os dois nomes que a série deixou para o fim do existencialismo, e são os dois que mais falam do que o cânon chama noite. Marcel escreve, em 1944, que a esperança se resume em "Espero em ti para nós" (*Homo viator*, trad. Sígueme, 2005, pp. 72–73; ver 1.4) [V-es: Sígueme]; Jaspers escreve, em 1932, que as situações-limite são "como uma parede em que esbarramos, em que naufragamos" e que "experimentar situações-limite e existir é o mesmo" (*Filosofia*, II, Springer, 2.ª ed., 1948, p. 469; ver 1.5) [V-de]. O cânon diz da noite que é "o mal que ninguém causou", que "há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba", e que a Vigília promete "presença, não vitória" (Cânon v1.2, "A Vigília"). As três casas falam de uma escuridão que ninguém escolheu, lida lado a lado por decisão do fundador (n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e dizem coisas diferentes do que se faz nela [leitura do estudo].

A tese de partida, que o estudo testou: Marcel e Jaspers tocam o cânon onde põem a pessoa diante de outro e dentro de uma noite que não se vence — a presença, a situação-limite entrada "de olhos abertos" —, e separam-se dele onde leem nessa noite uma linguagem: o tu absoluto atrás do "em ti", a cifra atrás do naufrágio. A fronteira central não passa por "explica × não explica", porque nenhum dos três explica a noite; passa por "lê um sinal × não lê sinal algum" (3.2) [leitura do estudo].

Este é o primeiro estudo da série escrito depois dos seis refeitos. O Estudo V, sobre o existencialismo, validado em 6 de novembro de 2026, deixou Marcel e Jaspers de fora por decisão: "en-

tram só pelo essencial e medem-se no Estudo XIV” (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V). Deixou também quinze pontos à espera, que o capítulo 5 recolhe um a um (5.3): a *disponibilité* homônima da Disponibilidade, “sem ponte e com a medição no Estudo XIV”, e a palavra “instrumento” como hipótese, “sem aspas de Marcel” (n.º 8); as situações-limite lidas ao lado da noite, “como leituras”, com a parte de Jaspers remetida para aqui (n.º 5); a culpa política e metafísica de Jaspers como porta de (k) e *A questão da culpa* como matéria do tratado da justiça (n.º 12). Não há Ficha de outubro sobre os dois: o que o estudo propõe em 5.5 é a primeira, e é proposta.

O estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 6 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos I a XIII; nenhuma decisão é reaberta, e toda extensão de decisão a Marcel ou a Jaspers vem como [hipótese do estudo] ou [leitura do estudo] e entra como pergunta no capítulo 3. Dois registros pesam mais do que os outros. O Estudo XIII fixou a margem como “estar consigo” e o compromisso do Abrigo como “a promessa dita a outro” (decisões n.º 4 e n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e deixou a comunicação de Jaspers e a *humanitas* da *Laudatio* de Arendt sem medição (5.1); o Estudo VII fixou que a luz é “dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), e é diante dessa letra que a comunicação de Jaspers, lugar em que a existência se torna si mesma, encontra a sua fronteira (3.8).

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: Marcel e Jaspers entram no Lumen Fluens pela presença e pela noite, e encontram oito fronteiras, das quais quatro se dizem aqui — a da cifra, a da esperança, a do mistério e a da fé —; a da disponibilidade, a da comunicação, a do corpo e a da biografia ficam para 3.6 a 3.14 e 6.1.

Entram pela presença, porque o ser disponível de Marcel é “capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele” (*Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, trad. Villoro, 1955, pp. 72–73; ver 1.3) [V-es: Villoro; página a confirmar], e o Pilar IV diz “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), o mais próximo dos seis usos de “presença” nos escritos (2.2); porque a fidelidade criadora, que “só salvaguarda criando” e não existe “senão a uma pessoa” (*Ser e ter*, Aubier-Montaigne, 1968, p. 119; ver 1.3) [V-fr], fica ao lado do compromisso do Abrigo, a promessa dita a outro (2.4); e porque Marcel escreve que “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” (*Diário metafísico*, Gallimard, 1927, apêndice, p. 323; ver 1.2) [V-fr], e o Corpus nega que o corpo seja obstáculo ao espírito (2.3).

Entram pela noite, porque nenhum dos dois a trata como problema a resolver: Marcel distingue o problema do mistério, “algo em que estou eu mesmo engajado” (*Ser e ter*, 1968, p. 146; ver 3.3) [V-fr], e Jaspers diz que as situações-limite se dão “sem poder explicá-las e derivá-las de outra coisa” (*Filosofia*, II, p. 469) [V-de]; o Tratado da Vigília diz que “importa a presença, e não a explicação” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”) (2.5, 2.8). Entram ainda pelo rio, porque a luta amante de Jaspers visa a veracidade e a “palavra verdadeira posta em circulação” é

manutenção das águas (2.10), e pela fé, porque Jaspers diz que “A fé não é uma posse” (*Introdução à filosofia*, Piper, 1971, pp. 40–41; ver 1.8) [V-de], Marcel diz que a ontologia “não saberia exigir, nem pressupor, nem integrar” a revelação (*Ser e ter*, 1968, p. 150) [V-fr], e o cânon “não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) (2.13).

Encontram a fronteira da cifra, porque Jaspers lê o naufrágio como “a última cifra do ser no existir” (*Filosofia*, I, p. 285; ver 1.7) [V-de] e a cifra “não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem”, ainda que a última, a indecifrável, “fica aberta, daí seu silêncio” (*Filosofia*, III, pp. 786 e 877) [V-de]; o cânon não lê sinal algum na noite, nem mudo, e diz de “uma luz acesa dentro da noite” que “não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”) (3.2). Encontram a fronteira da esperança, porque Marcel espera “em ti” e a Vigília “devolve a quem está nela um lugar” e “não promete que alguém venha, nem o nega” (Tratado da Vigília, “Definição” e “Fundamentação”), sem nomear um tu a quem se espere; a Vigília não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (3.1) [leitura do estudo].

Encontram a fronteira do mistério, porque o mistério de Marcel é o do ser em que se está engajado, e a noite do cânon é um acontecimento, “o mal que ninguém causou”, e a Lux “é de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I); “mistério” não ocorre nos escritos (3.3). Encontram, enfim, a fronteira da fé, porque Jaspers escreve “Que Deus é, isso basta” (*A questão da culpa*, Schneider, 1946, p. 105; ver 1.8) [V-de], e o cânon “não decide isso por ninguém”: um afirma um pressuposto do filosofar, o outro não decide, e o estudo não escolhe entre a fé revelada de Marcel e a fé filosófica de Jaspers — o cânon fica fora dessa divergência (3.5) [leitura do estudo].

Um achado vem primeiro. A palavra que corre como de Marcel, “meu corpo não é meu instrumento”, não existe nessa forma, e o Estudo V tinha razão em não a citar; mas a letra de Marcel recusa, sim, tratar o corpo como instrumento — só se é o corpo “na medida em que não o trato como um instrumento” (*Diário metafísico*, 1927, p. 237) [V-fr] —, e isso dá letra à hipótese que a decisão n.º 8 de 06/11/2026 deixou aberta. A fronteira passa pela palavra do Pilar IV, “são seu instrumento”, e por um só dos três sentidos que “instrumento” tem nos escritos (3.10). É achado deste estudo, e a decisão não se reabre [leitura do estudo].

Outro achado é de direção. “Disponibilidade” é palavra das duas casas, e o Estudo V a deixou homônima, sem ponte. O estudo mediu: a *disponibilité* de Marcel volta-se ao outro na necessidade dele — “Estar indisponível: estar ocupado de si” (*Ser e ter*, 1968, p. 90) [V-fr] —, e a Disponibilidade do Pilar III volta-se ao novo, “prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa”; o que em Marcel se chama disponibilidade está mais perto do Abrigo, “Sê casa para o outro”, do que do Pilar III, e mesmo aí a fronteira é frontal, porque o ser absolutamente disponível “não se reconhece o direito de dispor livremente de si” (*Ser e ter*, 1968, p. 155) [V-

fr], e o Abrigo “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII) (2.1, 3.6) [leitura do estudo].

O estudo propôs ao fundador, que a adotou (decisão n.º 1 de 12 de novembro sobre o Estudo XIV), uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita de Marcel e Jaspers a presença e recusa a cifra** (6.2). A presença aceita é a de Marcel, por letra — a de quem está “todo por inteiro” com quem dele precisa —, e a de Jaspers, por gesto — a de quem entra na situação-limite “de olhos abertos” (*Filosofia*, II, p. 469) [V-de] —, lidas ao lado de “presença, não vitória” e de “estar inteiro onde o corpo está”, com o homônimo declarado.

A cifra recusada é a noite lida como linguagem de uma transcendência, mesmo a indecifrável: a última cifra de Jaspers é muda, e a recusa a alcança; do lado do cânon está “importa a presença, e não a explicação” e “o cânon não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II). A fórmula não nomeia a Lux por contraste, porque não diz “recusa a transcendência”, e deixa a leitura de fé a quem crê: “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”).

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado (3.15): “aceita a presença e recusa a transcendência”, porque nomearia a Lux por contraste e diria o que a Independência confessional não diz; “aceita a disponibilidade”, porque esbarra na decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V; “aceita a comunicação”, porque esbarra na luz “dada antes de qualquer relação” e “comunicação” é palavra de Mounier nos escritos; “aceita a situação-limite e recusa o naufrágio”, porque a situação-limite entra no cânon só como leitura e “naufrágio” é tradução do estudo. A escolha é a pergunta (dm) de 6.3 [leitura do estudo].

Uma cautela de doutrina fica dita na primeira página. Marcel é católico desde 1929 [V via secundária: Hanley] e escreve que “uma fidelidade absoluta envolve uma pessoa absoluta” (*Ser e ter*, 1968, p. 119) [V-fr]; Jaspers afirma que Deus é e diz uma coisa em 1947 — “Deus não é cifra, mas a própria realidade” (*Da verdade*, p. 1051) [V via secundária: Weidmann] — e outra em 1962 — “o próprio Deus lhe é uma cifra” (*Obras completas*, I/13, Schwabe, p. 248; ver 1.8) [V-de] —, e o estudo registra as datas sem escolher. O cânon não decide por ninguém: “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). Deus, o tu absoluto, a transcendência, a cifra e o abrangente são, neste estudo, voz de quem os diz, como material; nenhum vira nome da Lux, e o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico [leitura do estudo].

Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. Marcel e Jaspers dizem o que está nos textos, citado e localizado, sempre com o nome de quem escreveu: “os dois dizem” só onde

concordam, e dizendo que concordam; onde divergem — sobre o além, sobre o ser, sobre a fé —, o estudo diz a divergência e o cânon fica fora dela (4.1).

Marcel é citado por obra, ano da edição e página: o *Diário metafísico* na edição Gallimard de 1927, *Ser e ter* na edição Aubier-Montaigne de 1968 (e nunca na de 1935), *A dignidade humana* na de 1964, no francês; *Homo viator* e *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* chegam pelas traduções espanholas (Sígueme, 2005; Villoro, 1955), e o estudo o declara. Jaspers é citado por obra, volume e página da edição alemã: a *Filosofia* na 2.ª edição de 1948, de paginação contínua; *A questão da culpa* na de 1946; a *Introdução à filosofia* na de Piper, 1971; *A fé filosófica* de 1962 nas *Obras completas*, I/13; *Da verdade* só por intermediário nomeado.

A tradição lê o que um intérprete nomeado faz dos textos: Ricoeur, cujo *Gabriel Marcel e Karl Jaspers* é de 1947, e não de 1948, e chega por Kuang [V via secundária: nota editorial da *Festschrift* de 1953; tese a confirmar]; Arendt, pela *Laudatio* de 1958, que o Estudo XIII já leu; Mounier; Levinas; e os que os Estudos anteriores citaram. Os tradutores (Villoro, a equipe de Sígueme, García Norro) entram pelo nome, ao lado do original, onde a passagem foi conferida na tradução. Arendt e Jaspers foi o Estudo XIII; Ricoeur e os dois foi o IX; o existencialismo foi o V: citam-se por eles e não se refazem (4.2, 4.3, 4.5).

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas, do Glossário validado e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. Os Estudos I a XIII entram como leitura anterior e se citam pelas seções; as contagens de palavras valem para os sete escritos, e não só para o Cânon v1.2.

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e os dois autores escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo 1 os reúne (1.11), e cada capítulo avisa quando um aparece.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. [V-fr], [V-de], [V-es: Sígueme], [V-es: Villoro] e [V-es: García Norro] dizem que a passagem foi conferida nessa língua ou nessa tradução, e que o português é do estudo, com o original nas Fontes de cada capítulo; [V-pt: Souza] diz que o português é do tradutor, e não do estudo; [V-en: autor] diz que a passagem foi conferida em inglês, e o português é do estudo, como cada Fonte declara; [V via secundária: autor] diz que a passagem foi lida dentro de outro texto; [paráfrase] diz que há a tese sem a letra; [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase

circula, mas o estudo não achou a passagem. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Os limites são estes. De Marcel, não foram abertos em francês *Homo viator*, *O mistério do ser*, *Posição e aproximações*, *Os homens contra o humano* nem o ensaio de 1932–33 sobre Jaspers, que chega só por intérprete (1.9); a frase que corre como dele sobre o corpo e o instrumento não existe nessa forma e não se cita (3.10). De Jaspers, não foram abertos *A situação espiritual do tempo*, *Os grandes filósofos* além do que as Fontes dizem, a correspondência com Arendt nem o parecer de 1945 fora da tradução espanhola; a frase "sou só na medida em que me decido" não foi achada, e a letra mais próxima é "ao escolher, sou" (*Filosofia*, II, p. 451; ver 1.5) [V-de]; *Scheitern* vai como "naufrágio", tradução do estudo, onde a tradição brasileira também diz "fracasso" (1.7). De Ricoeur, o livro de 1947 chega só por Kuang, com páginas a confirmar. Onde a palavra "esperança" aparece em Jaspers, o estudo a marca e não a estende.

Cuidados de vocabulário, os homônimos de que o estudo se guarda (a lista em 1.11), que cada capítulo repete onde trabalha. "Disponibilidade" é, em Marcel, voltada ao outro e, no Pilar III, ao novo. "Presença" tem seis usos nos escritos e, em Marcel, é relação. "Esperança" ocorre uma vez nos escritos, na recusa da Vigília; em Marcel é "em ti para nós". "Mistério", "cifra", "naufrágio", "situação-limite", "abrangente", "comunhão" e "luta" não ocorrem nos escritos; "comunicação" ocorre duas vezes, ditas de Mounier.

"Transcendência" tem ao menos quatro usos, o do Pilar IV, o de Jaspers e dois de Marcel, e nenhum é nome da Lux (3.4). "Fidelidade" e "fiel" ocorrem seis vezes nos escritos, todas "à luz". "Culpa" ocorre oito vezes, nenhuma como a de Jaspers; o lobo é definido pelo ato, e o cânon não põe a culpa em lado nenhum. "Instrumento" tem três sentidos nos escritos, e a crítica de Marcel toca só um. "Eterna" e "imortal" não se dizem da Lux, e "atemporal" é letra (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); o que o cânon diz de si nesse ponto está fora deste estudo (3.11). "Solidão" é palavra evitada, e os sentidos são os do Estudo XIII.

Quando um capítulo diz que um dos dois não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e o Glossário.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. Marcel e Jaspers são expostos primeiro em sua melhor forma, cada um por tema, na ordem do pensamento (capítulo 1), e o que a casa deixou dito com clareza — Jaspers e Heidegger, Jaspers de 1933 a 1948, Marcel e Vichy, a mulher e a família, a técnica — é dito no mesmo capítulo, sem acusar e sem desculpar; a biografia não é doutrina (1.10). Só depois se procura onde o cânon já anda ao lado deles (capítulo 2), e onde se separa (capítulo 3). O capítulo 3 numera as perguntas, de (dm) a (dw), e o capítulo 6 as reúne numa só lista com as herdadas (g), (j) e (k).

O capítulo 4 põe os dois um diante do outro — Marcel leu Jaspers e divergiu dele sobre o além; de Jaspers sobre Marcel o estudo não tem letra — e diante das casas da série: Ricoeur, que leu os dois; Arendt, que leu Jaspers; Kierkegaard e Nietzsche, que Jaspers leu; Sartre e Heidegger; Hegel e Levinas; Sócrates e Platão, Aristóteles, Agostinho; o budismo, a Stoa, o cristianismo, o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo; Taylor e Marx, as duas portas. Dele sai um padrão: Jaspers chega às casas como classificador de pessoas, Marcel quase não chega, e onde falta letra o capítulo não preenche (4.10).

O capítulo 5 recolhe o que a série já disse dos dois — as prévias do Estudo XIII, os Estudos IX a XII, os quinze pontos que o Estudo V deixou para aqui, as decisões herdadas que tocam — e propõe ao fundador a primeira Ficha de Marcel e Jaspers, com seis toques e oito fronteiras, mais uma linha de registro (5.5). O capítulo 6 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que Marcel e Jaspers oferecem à Vigília, ao Abrigo, ao Corpus, às Águas Comuns, à Independência confessional e à série, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12), de 4 de novembro sobre o Estudo III (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo IV (n.º 1 a 12), e de 6 de novembro sobre o Estudo V (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo VI (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo.

Só a de 6 de novembro sobre o Estudo V lhes dá matéria; as de 23 e 31 de outubro e a de 6 de novembro sobre o Estudo VI os nomeiam apenas como próximos interlocutores; várias outras os tocam de perto, e o capítulo 5 as recolhe (5.3, 5.4).

Quando o estudo relaciona a Marcel ou a Jaspers as decisões, pergunta se a leitura vale, e marca. As relacionadas são estas: “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” e a luz “dada antes de qualquer relação” (n.º 2 e n.º 3 de 17 de outubro sobre o Estudo VII);

o Abrigo que “revela e nada exige” e que “não vai até a substituição” (n.º 3 e n.º 4 de 19 de outubro sobre o Estudo VIII); o lobo definido pelo ato (n.º 10 de 23 de outubro sobre o Estudo IX); o veto sem voz externa (n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X); o Abrigo que “não pede retorno em ponto algum” e o padrão das fronteiras (n.º 5 e n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI);

a ordem do todo como teodiceia (n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII); a margem como “estar consigo”, o compromisso como promessa dita a outro, a mentalidade alargada na Bússola

e a ação e o discurso de Arendt (n.º 4, n.º 5, n.º 6 e n.º 9 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII); “a Lux é de alguém” (n.º 3 de 3 de novembro sobre o Estudo I); “o cânon não diz que a noite é prova” (n.º 7 de 3 de novembro sobre o Estudo II); o *ātman* e o Tao como estrutura, nunca nome da Luz (n.º 2 de 4 de novembro sobre o Estudo IV; n.º 4 de 6 de novembro sobre o Estudo VI); e, do Estudo V, a fórmula, as situações-limite ao lado da noite, a *disponibilité* e o “instrumento”, Moriá, o padrão e os registros (n.º 1, n.º 5, n.º 8, n.º 9, n.º 11 e n.º 12 de 6 de novembro sobre o Estudo V).

O que a série já disse e o que fica para aqui

O que a série já disse dos dois está no capítulo 5: o Estudo XIII, 5.1 e 5.2, que contou os cinco usos de “presença” e deixou a comunicação de Jaspers e a *humanitas* sem medição; os Estudos IX a XII, em que Ricoeur, Quigley e Salamun, o ter de Marcel e o mistério os trouxeram; o Estudo V, 1.6, 1.8, 2.7, 2.8, 3.10, 3.11 e 5.1, que os pôs de lado com quinze pontos e três decisões. Nada disso é Ficha: a Ficha proposta está em 5.5, como proposta, e a página antiga dos estudos não tem Ficha dos Estudos VIII a XIII [tese a confirmar].

Decisões do fundador (versão 1.1, 12 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão integral do Estudo XIV — o primeiro escrito depois dos seis estudos refeitos, e o primeiro sobre Marcel e Jaspers, que não tinham Ficha de outubro — e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das decisões de 17 de outubro (Estudo VII), de 19 de outubro (Estudo VIII), de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV, e de 6 de novembro sobre os Estudos V e VI. Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e dão a Marcel e Jaspers a sua primeira Ficha. No corpo, cada questão decidida leva a marca “[Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º N): …]”.

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita de Marcel e Jaspers a presença e recusa a cifra. A presença aceita é a de Marcel, por letra — a de quem está “todo por inteiro” com quem dele precisa —, e a de Jaspers, por gesto — a de quem entra na situação-limite “de olhos abertos” —, lidas ao lado de “presença, não vitória” e de “estar inteiro onde o corpo está”, como leitura, com o homônimo declarado. A cifra recusada é a noite lida como linguagem de uma transcendência, mesmo a indecifrável: a última cifra de Jaspers é muda, e a recusa a alcança; do lado do cânon está “importa a presença, e não a explicação” e “o cânon não diz que a noite é prova”. A fórmula não nomeia a Lux por contraste e deixa a leitura de fé a quem crê. Caem “aceita a presença e recusa a transcendência”, “aceita a

disponibilidade", "aceita a comunicação" e "aceita a situação-limite e recusa o naufrágio", pelas razões de 3.15.

2. **A *disponibilité*** (questão (dn)): a *disponibilité* de Marcel lê-se ao lado da Disponibilidade do Pilar III e do Abrigo, como leitura, com a direção dita na mesma frase — ao outro, em Marcel; ao novo, no Pilar III. A decisão n.º 8 de 6 de novembro sobre o Estudo V, que a deixou homônima "sem ponte e com a medição no Estudo XIV", está cumprida e não se reabre: a palavra segue homônima, e a direção fica dita.
3. **A presença** (questão (do)): a *présence* de Marcel lê-se ao lado de "estar inteiro onde o corpo está" (Pilar IV), como leitura; os outros cinco usos de "presença" nos escritos — "presença, não vitória", o silêncio da margem, a presença contínua, a presença encarnada, a "presença anterior a qualquer olhar" — ficam declarados homônimos.
4. **A fidelidade criadora** (questão (dp)): a fidelidade criadora de Marcel, que não existe "senão a uma pessoa", lê-se ao lado do compromisso do Abrigo, a promessa dita a outro (decisão n.º 5 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII), como leitura, com a fronteira dita — o termo, uma pessoa × a luz, e o Abrigo que "revela e nada exige". Que a fidelidade responda a uma expectativa é glosa de Ricoeur, não letra de Marcel.
5. **O corpo e o "instrumento"** (questão (dq)): "eu sou meu corpo" lê-se ao lado do Corpus, com a fronteira dita na palavra "instrumento" do Pilar IV — o sentido em que o corpo é instrumento do espírito —, ficando fora dela os outros dois sentidos dos escritos. A letra de Marcel que recusa tratar o corpo como instrumento dá letra à hipótese que a decisão n.º 8 de 6 de novembro sobre o Estudo V deixou aberta; é achado deste estudo, a decisão não se reabre, e "meu corpo não é meu instrumento" continua sem se citar.
6. **A esperança** (questão (dr)): a Ficha registra a fronteira da esperança com as duas letras na mesma frase — "espero em ti para nós" e a Vigília, que não se chama "esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete" — e o toque, que nenhum dos dois conta com o que virá, sem declarar parentesco e com o "esperar" do Tratado dito no sentido que o Tratado lhe dá. "Otimismo" é palavra de Marcel, não do Tratado da Vigília.
7. **A noite como cifra** (questão (ds)): a Ficha registra a fronteira entre a noite lida como cifra e naufrágio, mesmo a indecifrável, e "presença, não vitória" — "o cânon não diz que a noite é prova" —, sem dizer que a noite é uma situação-limite, o que a decisão n.º 5 de 6 de novembro sobre o Estudo V já fixou como leitura, e sem decidir onde cai a culpa de Jaspers. Que a noite também não seja sinal de transcendência fica como leitura do estudo, adotada.
8. **A comunicação e a *humanitas*** (questão (dt)): a comunicação de Jaspers e a *humanitas* de Arendt leem-se ao lado da "palavra verdadeira posta em circulação" e da margem como "estar consigo" (decisão n.º 4 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII), como leitura, com a fronteira dita — a existência que se torna si mesma na comunicação × a luz "dada antes de qualquer relação"; a *humanitas* que não se adquire no estar só × a margem que "também é

rio” —, sem que o rio vire espaço público. A decisão n.º 9 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII, sobre a ação e o discurso de Arendt, segue como está.

9. **A existência, o abrangente e a transcendência** (questão (du)): a existência, o abrangente e a transcendência de Jaspers leem-se como estrutura, nunca como nome da Lux, como a série fez com o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao (decisão n.º 4 de 6 de novembro sobre o Estudo VI). “Transcendência” tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux; o mistério, o tu absoluto, a cifra e o ser ficam como material, na voz de quem os diz. O cânon não é teísta, ateu nem agnóstico.
10. **A Ficha está aprovada** (questão (dv)): como proposta em 5.5 — seis toques, oito fronteiras e uma linha de registro —; é a primeira Ficha de Marcel e Jaspers e entra na página dos estudos do site nas três línguas.
11. **O padrão das fronteiras estende-se a Marcel e a Jaspers** (questão (dw)): a obra lida, a biografia anotada (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI; n.º 11 de 3 de novembro sobre o Estudo II; n.º 11 de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 6 de novembro sobre os Estudos V e VI) — Jaspers e Heidegger, de 1933 a 1948, e o parecer de 1945; Marcel e Vichy, em 1942; a mulher e a família ficam como biografia, não doutrina, com as lacunas marcadas, sem acusar nem desculpar.
12. **Registros adotados**: a culpa de Jaspers, nas quatro formas de *A questão da culpa*, é registro, não fronteira nem toque — *A questão da culpa* já é matéria do tratado da justiça, a culpa metafísica não tem palavra no cânon, que define o lobo pelo ato, e (g) segue aberta até o tratado; Moriá não tem letra em Marcel nem em Jaspers, e (j) segue como está, com a leitura recebida na decisão n.º 9 de 6 de novembro sobre o Estudo V; a porta para Marx recebe só a culpa política e metafísica de Jaspers, a técnica de Marcel registra-se e não vai à porta, e (k) segue aberta até o estudo de Marx. **Publicação** como os Estudos V e VI: integral, página própria com resumo trilíngue e nota de decisões, e a Ficha na página dos estudos nas três línguas. Próximo estudo: XV — Taylor.

1. Marcel e Jaspers em sua melhor forma

Marcel e Jaspers vêm aqui cada um por si, com a letra que o estudo tem e as datas que conferiu. A aproximação com o cânon começa no capítulo 2.

1.1 Os dois percursos em vinte linhas

Os dois percursos cabem em marcos de datas, e as datas que divergem vêm ditas.

Gabriel Marcel nasceu em Paris, em 7 de dezembro de 1889 (Hanley, 1998, p. 213) [V via secundária: Hanley]; outra fonte dá o dia 8, e o estudo registra as duas datas [tese a confirmar]. Em 1909 vem a tese sobre Coleridge e Schelling [tese a confirmar]. Em 1914 começa o *Diário metafísico*, que sai em 1927 (Gallimard); em 1919 casa-se com Jacqueline Boegner, morta em 1947 (Hanley). As entradas de outubro e novembro de 1920 sobre “eu sou meu corpo” são do diário, e o apêndice “Existência e objetividade”, de data provável 1925, o fecha [tese a confirmar]. Em 23 de março de 1929 é batizado na Igreja católica, com Mauriac por padrinho (Hanley). Em 21 de janeiro de 1933 expõe em Marselha “Posição e aproximações concretas do mistério ontológico”; em 1935 sai *Ser e ter*; em 1940, *Da recusa à invocação*, e a família passa a viver no castelo de Le Peuch, na Corrèze, em 1941–43 (Hanley). *Homo viator* sai em 1944; as Conferências Gifford, em Aberdeen, são de 1949–50; *O mistério do ser* e *Os homens contra o humano*, de 1951. Em 1964 recebe o Prêmio da Paz de Frankfurt; morre em 8 de outubro de 1973 (Hanley).

Karl Jaspers nasceu em Oldenburg, em 23 de fevereiro de 1883. Conheceu em 1907 Gertrud Mayer, de família judia ortodoxa (1879–1974), com quem se casou em 1910; publicou em 1913 a *Psicopatologia geral*, que o estudo só aponta; foi professor extraordinário em Heidelberg em 1916 e ordinário, de filosofia, em 1921 [tese a confirmar]. A *Psicologia das visões de mundo* (1919) traz a primeira letra das situações-limite (*Grenzsituationen*); a amizade com Heidegger começa em 1920 [tese a confirmar]; *A situação espiritual do tempo* é de 1931 e a *Filosofia*, em três volumes, de 1932; seguem *Razão e existência* (1935) e *Filosofia da existência* (1938). No fim de setembro de 1937 é forçado à aposentadoria; em 1938 lhe proíbem publicar, e a proibição se torna oficial em 1943. Em 1.º de abril de 1945 os americanos entram em Heidelberg [tese a confirmar].

Sai em 1946 *A questão da culpa*; em 1947, o Prêmio Goethe e *Da verdade*; em 1948 assume a cátedra de Basileia, e sai *A fé filosófica*. *Os grandes filósofos* é de 1957; em 1958 recebe o Prêmio da Paz dos livreiros alemães, o mesmo que Marcel receberia em 1964 [tese a confirmar]. Emérito em 1961, recebe a cidadania suíça em 1967–68 e morre em Basileia em 26 de fevereiro de 1969 [tese a confirmar].

Quatro divergências ficam registradas. A de nascimento de Marcel, acima. A de Ricoeur: o livro *Gabriel Marcel e Karl Jaspers* é de 1947 (Éditions du Temps présent), e não de 1948 [tese a confirmar]. A do ensaio de Marcel sobre Jaspers, de 1932 ou de 1932–33 (ver 1.9). E as de paginação, que o estudo cita sempre com a edição: *Ser e ter* em 1968 (Aubier-Montaigne) e não em 1935; *Filosofia* na 2.ª edição de 1948, de paginação contínua, e não na de 1956; *A fé filosófica* em 1948, só por citação, e em 1962.

Das datas passa-se à exposição, que começa pelo corpo de Marcel (1.2).

1.2 Marcel: ser e ter, e o corpo

Marcel começa pelo corpo, e é no corpo que a oposição entre ser (*être*) e ter (*avoir*) ganha letra.

Em 23 de outubro de 1920 o diário escreve: “há um sentido em que eu sou meu corpo, seja lá o que isso possa significar” (Marcel, *Diário metafísico*, Gallimard, 1927, p. 236) [V-fr], e dá à fórmula, na mesma página, o nome de “ambígua”. A ressalva vem logo: “só sou meu corpo (no sentido em que sou minhas ideias, minhas obras) na medida em que não o trato como um instrumento” (*Diário metafísico*, p. 237) [V-fr]. No dia seguinte, a razão: “ao negar que o corpo seja inteiramente pensável, contesto que possa ser tratado como instrumento” (24 out. 1920, pp. 238–239) [V-fr]. Em 9 de novembro: “não sou o senhor, nem o proprietário, nem o conteúdo do meu corpo” (p. 252) [V-fr].

A forma mais citada, “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo”, é do apêndice, e Marcel a dá como “este protesto quase impossível de reprimir”, porque “algo em mim nega a exterioridade do meu corpo em relação a mim mesmo, que está implicada na noção puramente instrumentalista do corpo” (*Diário metafísico*, apêndice, p. 323) [V-fr]. A variante circulante, com “mas” no lugar da vírgula, não é a letra.

A frase “meu corpo não é meu instrumento”, que corre como de Marcel, não foi achada nessa forma no *Diário metafísico*, em *Ser e ter*, em *O mistério do ser* nem em *Homo viator*, e o estudo não a cita. A letra mais próxima é de 1961: a interpretação do corpo como instrumento, “se é cômoda, se é mesmo impossível não recorrer a ela, é filosoficamente insustentável”, porque tratar o próprio poder do corpo como instrumento nos deixa “engajados numa regressão infinita” (Marcel, *A dignidade humana*, Aubier-Montaigne, 1964, 3.ª lição, p. 67) [V-fr]. Na mesma lição ele corrige a si mesmo: errara em recorrer à noção de “alma”, e “eu sou meu corpo” só se justifica na medida em que o corpo é, “se ouso dizer, desobjetivado”, e não em sentido materialista (*A dignidade humana*, pp. 67–68) [V-fr]. A decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V deixou “instrumento” como homônimo e hipótese do estudo, sem aspas de Marcel; a hipótese ganha agora letra dele, a de recusar o instrumento. É achado deste estudo: a decisão não se reabre, e não se põe ponte [leitura do estudo].

O ter vem do mesmo ponto. Em 1931 o diário ainda escreve: “Não posso, portanto, dizer que tenho um corpo, ao menos propriamente falando, mas a misteriosa relação que me une ao meu corpo está na raiz de todas as minhas possibilidades de ter” (Marcel, *Ser e ter*, Aubier-Montaigne, 1968, 30 mar. 1931, p. 104) [V-fr]; no esboço de novembro de 1933, escreve: “O corpo é o ter-tipo. E, no entanto…” (*Ser e ter*, p. 205) [V-fr], com as reticências dele, que abrem a volta ao corpo como o que não se tem.

O perigo está em outro lugar: “parece ser da essência do meu corpo ou dos meus instrumentos, enquanto os trato como possuídos, tender a me suprimir, a mim que os possuo” (*Ser e ter*, pp. 206–207) [V-fr], e, mais curto, “possuir é quase inevitavelmente ser possuído” (11 mar. 1931, p. 85) [V-fr]. Em *Homo viator*, o corpo já não é dito por domínio: “não posso dizer, em verdade, nem que sou dono do meu corpo, nem que sou seu escravo, nem que sou seu proprietário” (Marcel, *Homo viator*, trad. espanhola, Sígueme, 2005, “O mistério familiar”, pp. 81–82) [V-es: Sígueme; tradução do estudo]. Merleau-Ponty, que resenhou *Ser e ter* em 1936, resume: “Faço causa comum com ele, e, de certa maneira, eu sou o meu corpo” (*La Vie intellectuelle*, 15/10/1936, trad. Souza, *Dialectus*, pp. 146–147) [V-pt: Souza]. A frase é dele, não de Marcel.

Do corpo, que não se tem, passa-se ao mistério em que se está (1.3).

1.3 Marcel: problema e mistério, disponibilidade, presença, fidelidade

Quatro palavras de Marcel, que o cânon também tem ou quase tem, dependem da distinção entre problema (*problème*) e mistério (*mystère*).

A distinção nasce no diário em 22 de outubro de 1932: “O problema é algo que se encontra, que barra o caminho. Está inteiro diante de mim. O mistério, ao contrário, é algo em que me encontro engajado, cuja essência é, por conseguinte, não estar inteiro diante de mim” (*Ser e ter*, pp. 124–125) [V-fr]. A palavra é *engagé*, engajado, e não “implicado”. No sumário (*Linéaments*) da conferência de Marselha, Marcel acrescenta: “um mistério transcende por definição toda técnica concebível” (*Ser e ter*, § C, p. 146) [V-fr], e dá o “problema do mal” como exemplo de mistério degradado em problema. Em 2 de fevereiro de 1933 ele mesmo corrige a fórmula: o mistério é um problema que invade “suas próprias condições imanentes de possibilidade (e não seus dados)” (pp. 157–158) [V-fr]. Em 1961 diz que “o misterioso aqui evocado deve ser buscado antes do lado da luz que do lado da obscuridade” (*A dignidade humana*, 5.ª lição, p. 113) [V-fr]. Essa “luz” é palavra de Marcel sobre o mistério, e não é a Lux do cânon, que é de alguém e fica sem nome; o mistério não é nome dela [leitura do estudo]. O recolhimento (*recueillement*) também está no sumário (§ D, p. 147) [V-fr; paráfrase]; o estudo só o nomeia.

A disponibilidade (*disponibilité*) é o ponto de que o cânon mais se aproxima pela palavra. “Estar indisponível: estar ocupado de si”, escreve Marcel em 15 de março de 1931, e acrescenta que, com um indisponível, tem “consciência de estar com alguém para quem não sou” (*Ser e*

ter, p. 90) [V-fr]. Define a vida espiritual inteira como “o conjunto das atividades pelas quais tendemos a reduzir em nós a parte da indisponibilidade” (*indisponibilité*; p. 86) [V-fr]. O contrário é o ser disponível: “capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele” (Marcel, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, trad. Villoro, UNAM, 1955, pp. 72–73) [V-es: Villoro; tradução do estudo; página a confirmar], e “o ser absolutamente disponível para os outros não se reconhece o direito de dispor livremente de si” (*Ser e ter*, 16 jan. 1933, p. 155) [V-fr]. A direção é o outro, na necessidade dele.

A presença (*présence*) anda junto: “A caridade como presença, como disponibilidade absoluta” (*Ser e ter*, 11 mar. 1931, p. 85) [V-fr], e, para quem se abre, “sou uma presença”, ao passo que para o indisponível “sou um objeto” (Villoro, pp. 72–73) [V-es: Villoro; tradução do estudo; página a confirmar]. A presença de Marcel é relação, um “com” (*coesse*), e não coisa [paráfrase; V-es: Villoro; página a confirmar].

A fidelidade criadora (*fidélité créatrice*) tem a mesma direção. Em 7 de outubro de 1932: “Ideia de uma fidelidade criadora, de uma fidelidade que só salvaguarda criando. […] Não há fidelidade senão a uma pessoa, e não a uma ideia ou a um ideal. Uma fidelidade absoluta envolve uma pessoa absoluta” (*Ser e ter*, p. 119) [V-fr]. No sumário de Marselha, ela é “uma atestação não somente perpetuada, mas criadora”, oposta à “permanência inerte” de uma lei (§ G, pp. 149–150) [V-fr]. Essa ontologia, diz Marcel, “está evidentemente aberta na direção de uma revelação”, que não poderia “nem exigir, nem pressupor, nem integrar”, mas cuja aceitação pode preparar (§ H, p. 150) [V-fr]. É a fé católica de 1929 dita em linguagem de ontologia; o estudo a registra na voz dele [leitura do estudo].

Da fidelidade passa-se à esperança, ao tu e à técnica (1.4).

1.4 Marcel: a esperança, o tu e a técnica

A esperança (*espérance*) de Marcel é dita no “tu”, e a técnica descreve o mundo em que a presença se perde.

O “Esboço de uma fenomenologia e de uma metafísica da esperança” parte do ato de dizer “eu espero”, separa a esperança do otimismo, que é a ilusão de que o resultado está assegurado, e a faz esperança sem coisa determinada; a esperança absoluta não tem condição e se dirige a um tu absoluto (*toi absolu*) (Marcel, *Homo viator*, pp. 38, 41–47) [paráfrase; V-es: Sígueme]. A fórmula é pessoal: “Espero em ti para nós: tal é talvez a expressão mais adequada e mais elaborada do ato que o verbo esperar traduz de uma maneira ainda confusa e velada” (*Homo viator*, pp. 72–73) [V-es: Sígueme; tradução do estudo], cujo francês só chega por secundária [V via secundária: Antaby; página a confirmar], e que a p. 105 repete como “a fórmula autêntica da esperança”. A definição é outra, e fala de disponibilidade: “a esperança é essencialmente […] a disponibilidade de uma alma tão profundamente comprometida numa experiência de comunhão

que leva a cabo o ato que transcende a oposição entre o querer e o conhecer” (p. 79; reticências da fonte) [V-es: Sígueme; tradução do estudo]. A frase que corre, “a esperança é a memória do futuro”, só se achou em forma comparativa: a esperança é “como uma memória do futuro” (p. 65) [V-es: Sígueme; tradução do estudo].

O “tu” não é ornamento. Fidelidade, esperança e disponibilidade têm, em Marcel, uma pessoa por termo (ver 1.3), e a esperança absoluta, um tu absoluto; Deus e o tu absoluto são palavra dele, e o estudo as registra na voz dele, como material [leitura do estudo].

A técnica é o lado inverso. *Os homens contra o humano* (1951) diz: “No mundo de hoje, pode-se dizer que um ser perde tanto mais consciência de sua realidade íntima e profunda quanto mais depende de todas as mecânicas” (Marcel, *Os homens contra o humano*, La Colombe, 1951, p. 46) [V via secundária: Duclos; tradução do estudo], e “entre o aparelho e seu possuidor não se estabelece de modo algum a relação viva […]” (p. 48) [V via secundária: Duclos; tradução do estudo]. É o ter-instrumento que o diário de 1933 já descrevia (*Ser e ter*, pp. 206–207; ver 1.2), em escala do mundo [leitura do estudo].

De Marcel passa-se a Jaspers, pelas situações em que ninguém escolhe estar (1.5).

1.5 Jaspers: a existência, as situações-limite e a liberdade

Jaspers parte da existência (*Existenz*) e do que a põe à prova.

“Existência é o que nunca se torna objeto, origem […]. Existência é o que se refere a si mesmo e, nisso, à sua transcendência” (Jaspers, *Filosofia*, I, 2.ª ed., Springer, 1948, p. 13) [V-de]. *Existenz* não é o simples existir (*Dasein*), que é, em *Razão e existência*, o primeiro modo do abrangente (Jaspers, *Razão e existência*, Piper, 1960, pp. 46–47) [paráfrase; V-de]. A palavra *Grenzsituation*, situação-limite, entra em 1919: “Estas situações, que em toda parte nos limites do nosso existir são sentidas, vividas, pensadas, chamamo-las por isso ‘situações-limite’” (Jaspers, *Psicologia das visões de mundo*, Springer, 1919, p. 202) [V-de]; a lista é “a luta, a morte, o acaso, a culpa” (p. 204), com o sofrimento tratado à parte.

Em 1932: “Situações como a de que estou sempre em situações, de que não posso viver sem luta e sem sofrimento, de que inevitavelmente tomo culpa sobre mim, de que tenho de morrer, chamo situações-limite. Não se transformam, a não ser em sua aparência; são, referidas ao nosso existir, definitivas. […] São como uma parede em que esbarramos, em que naufragamos. Não podem ser mudadas por nós, mas apenas trazidas à clareza” (*Filosofia*, II, p. 469) [V-de].

As listas não coincidem e o estudo diz de qual fala. A de 1919 tem luta, morte, acaso e culpa. A de 1932 abre com estar em situação, com o acaso sob a determinação, segue em morte, sofrimento, luta e culpa e termina na “questionabilidade de todo existir” (*Filosofia*, II, pp. 474–508) [V-de; paráfrase]. A de 1950 é “preciso morrer, preciso sofrer, preciso lutar, estou sujeito ao

acaso, enredo-me inevitavelmente em culpa” (Jaspers, *Introdução à filosofia*, Piper, 1971, p. 18) [V-de]. A reação, nessa mesma página, é “o velamento ou, se de fato as apreendemos, […] o desespero e a restauração”; o que as situações “mostram” é o naufrágio (p. 20; ver 1.7). A morte própria “é inexperimentável para mim” (*Filosofia*, II, p. 485) [V-de]. E “experimentar situações-limite e existir é o mesmo” (p. 469) [V-de].

A liberdade é escolha de si, e a escolha de si não é solitária: “a liberdade, porém, é como a escolha de mim mesmo […]. Ao escolher, sou; se não sou, não escolho […]. Esta decisão na escolha é originariamente comunicativa. A escolha de mim mesmo é com a escolha do outro” (*Filosofia*, II, p. 451) [V-de]. A frase “sou só na medida em que me decido” não foi achada nessa forma; a mais próxima é “decisão e ser-si-mesmo são uma só coisa” (p. 450) [V-de].

Da liberdade, que é comunicativa, passa-se à comunicação (1.6).

1.6 Jaspers: a comunicação

A comunicação (*Kommunikation*) é o centro de *Filosofia* II, e a palavra de Jaspers para ela é uma luta.

“O ser-si-mesmo na situação do existir só é na comunicação” (*Filosofia*, II, p. 231) [V-de]. “Não posso tornar-me eu mesmo sem entrar em comunicação, e não posso entrar em comunicação sem estar só” (p. 348) [V-de]: a comunicação de Jaspers exige solidão, e a de que fala não é só relação. “O processo do tornar-se manifesto na comunicação é aquela luta singular que, como luta, é ao mesmo tempo amor” (p. 351) [V-de], uma “luta amante de veracidade implacável” (*liebender Kampf*, p. 356) [V-de]. Não é a luta de 1919, “forma fundamental de toda existência” (*Psicologia das visões de mundo*, p. 227) [V-de].

Em 1950: “Mas eu só sou com o outro, sozinho nada sou. […] Só na comunicação se realiza toda outra verdade, só nela sou eu mesmo” (*Introdução à filosofia*, p. 22) [V-de; página a confirmar]. A frase “só na comunicação chego a mim mesmo” não está nessa forma; esta é a mais próxima. “Não há liberdade isolada” (p. 89) e “a verdade começa a dois” (p. 95) [V-de].

Da comunicação passa-se ao naufrágio e às cifras (1.7).

1.7 Jaspers: a transcendência, as cifras, o naufrágio e o abrangente

A cifra de Jaspers é linguagem, e não explicação: é a parte dele em que mais se erra.

O abrangente (*das Umgreifende*) entra quando “o ser no todo não pode ser nem objeto nem sujeito, e sim tem de ser o ‘abrangente’, que na cisão vem à manifestação” (*Introdução à filosofia*, p. 25) [V-de]; “superstição é o acorrentamento ao objeto, fé é o fundar-se no abrangente” (p. 30) [V-de]. A definição geral, em *Razão e existência* (pp. 42–45), o estudo não a tem em letra [loca-

lização a confirmar]. A cifra (*Chiffre*) é a linguagem da transcendência (*Transzendenz*): “A objetividade metafísica chama-se cifra porque não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem” (*Filosofia*, III, p. 786) [V-de]. E o naufrágio (*Scheitern*) é “a última cifra do ser no existir” (*Filosofia*, I, p. 285) [V-de]. A tradução é do estudo: a tradição brasileira (Benetti, 2011) diz “fracasso” e Ricoeur, *échec*; o estudo escreve naufrágio e registra a divergência uma vez [tese a confirmar].

O naufrágio de Jaspers é visto de dentro do nada e do transcender. “Posso naufragar como eu mesmo, sem que a confiança filosófica e sem que palavra divina e garantia religiosa ajudem”, e pergunta-se “se o naufrágio pode ser não só naufrágio, mas um eternizar” (*Filosofia*, III, p. 866) [V-de]; “sem transcender só se vive num desespero radical, que deixa só o nada” (p. 876) [V-de]. Mas a última cifra é *undeutbar*, indecifrável: “não se pode saber por que o mundo é”; “a indecifrabilidade como última cifra não é mais cifra determinável. Fica aberta, daí seu silêncio. Pode igualmente tornar-se o vazio absoluto ou o cumprimento definitivo” (p. 877) [V-de]; o capítulo termina em “tolerar é o caminho antes do repouso” e “basta que o ser seja” (p. 878) [V-de]. Ricoeur formula a pergunta que essa cifra deixa e lê que Jaspers responde pelo silêncio (ver 4.2) [V via secundária: Kuang; página a confirmar].

Do naufrágio, que não se explica, passa-se ao “Deus é” e à culpa (1.8).

1.8 Jaspers: a fé filosófica e a culpa

A fé filosófica (*philosophischer Glaube*) de Jaspers diz “Deus é”, sem conteúdo de saber, e a culpa (*Schuld*) que ele escreve é uma solidariedade.

“Que Deus é, isso basta” aparece em *A questão da culpa*, com Jeremias: “Quando tudo desaparece, Deus é: este é o único ponto firme” (Jaspers, *A questão da culpa*, Schneider, 1946, p. 105) [V-de], logo seguido da advertência de que o que é verdade “no extremo” vira “sedução” se o homem se precipita nele por cansaço, impaciência, desespero. Em 1950: “Se há ‘imortalidade’, isso não se pergunta” (*Introdução à filosofia*, p. 32) [V-de]. *A fé filosófica*, de 1948, formula “Deus é”, “há a exigência incondicional” e “o mundo tem um existir que desaparece entre Deus e existência” (Jaspers, *A fé filosófica*, 1948, p. 33), e diz: “Só quem parte de Deus pode procurá-lo” (p. 35) [V via secundária: Weidmann].

A fé não é posse: “O Deus em quem se crê é o Deus distante, o Deus oculto, o Deus indemonstrável. […] A fé não é uma posse” (*Introdução à filosofia*, pp. 40–41) [V-de]. Em 1947, “Deus não é cifra, mas a própria realidade” (Jaspers, *Da verdade*, 1947, p. 1051) [V via secundária: Weidmann; página a confirmar]; em 1962, “O próprio Deus lhe é uma cifra” (Jaspers, *Obras completas*, I/13, p. 248) [V-de]. Jaspers diz uma coisa em 1947 e outra em 1962, e o estudo registra as datas sem escolher. A revelação como posse é recusada: “A verdade é uma, está, pela

revelação, na posse dos crentes. […] É o pé do diabo nos escritos bíblicos", não "na fé bíblica propriamente dita" (*Obras completas*, I/13, p. 70) [V-de].

A culpa vem em quatro (criminal, política, moral e metafísica), com uma instância para cada uma: o tribunal, a violência e a vontade do vencedor, a própria consciência e a comunicação com o próximo, e só Deus. A metafísica: "há uma solidariedade entre os homens como homens, que torna cada um corresponsável por toda injustiça e toda iniquidade do mundo […]. Se não faço o que posso para impedi-los, sou cúmplice" (*A questão da culpa*, p. 31) [V-de]; "culpa metafísica é a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem […]: que eu ainda viva é minha culpa" (p. 64) [V-de]. A culpa existencial de *Filosofia* II é outra: "sou eu mesmo, mas como culpado" (*Filosofia*, II, pp. 506–507) [V-de].

Do que cada um escreveu passa-se ao que um escreveu do outro (1.9).

1.9 Marcel lê Jaspers

Marcel escreveu pouco sobre Jaspers, e só parte do que escreveu tem letra aberta.

Três notas de Marcel têm letra. A primeira é o diário de 9 de novembro [1932]: "Aprofundar o sentido do que chamei o peso ontológico da experiência humana; aqui Jaspers pode ser útil" (*Ser e ter*, p. 128) [V-fr]. A entrada fala de uma ajuda possível e não prova leitura anterior. A segunda é a nota de agosto de 1934: "Creio dever anotar aqui o acordo fundamental entre essas visões e as de Jaspers, que eu não conhecia em 1931" (*Ser e ter*, p. 105, n. 1) [V-fr], a letra mais próxima do que Marcel aceita dele, sobre a prova humana e a morte. A terceira é de 1961: a leitura do *Sistema de Filosofia*, feita "na época", foi "para mim decisiva" e pôs em luz a importância central da ideia de situação (*A dignidade humana*, 5.ª lição, pp. 114–115) [V-fr]. É testemunho de trinta anos depois, e não registro do momento [leitura do estudo].

Marcel também planeja comparar-se com Scheler, Buber, Jaspers e Heidegger (*A dignidade humana*, p. 16) [paráfrase; V-fr], e em *Homo viator* junta "Heidegger ou Jaspers" entre os filósofos que se pronunciam contra o além (*Homo viator*, p. 267) [paráfrase; V-es: Sígueme]. Essa frase diverge do que Jaspers escreve sobre a transcendência (1.7, 1.8), e o estudo registra a divergência sem decidir [leitura do estudo].

O ensaio de Marcel sobre Jaspers, "Situação fundamental e situações-limite em Karl Jaspers", saiu em *Recherches philosophiques* II (1932–33), pp. 317–348, e foi reimpresso em *Da recusa à invocação* (1940) [tese a confirmar]. O estudo tem do ensaio o título, o volume e a seção [V-fr] e, por Englebert, a tese de que ele atribui a Jaspers cinco situações (p. 329) [V via secundária: Englebert; página a confirmar; tese a confirmar]. Nada do que o ensaio diz é afirmado aqui.

Mounier e Ricoeur leem os dois lado a lado (ver 4.2); o rótulo "existencialismo cristão" é tratado em 4.5.

Da leitura mútua passa-se ao que a casa deixou dito com clareza (1.10).

1.10 O que a casa deixou dito com clareza

Cinco assuntos pesam sobre os dois nomes, e cada um é dito aqui com a letra que tem e com o que não tem.

A regra vem do Estudo XIII (4.6): “Basta uma frase: a biografia não é doutrina, e o cânon não se lê aqui pela vida de ninguém.” O padrão das fronteiras, fixado na decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI e estendido ao existencialismo na n.º 11 de 06/11/2026 sobre o Estudo V, é o mesmo: a biografia vai anotada e a obra, lida. O estudo anota e não julga, sem acusar e sem desculpar.

Jaspers e Heidegger. Heidegger entra no Partido Nazista em 1.º de maio de 1933; o contato entre os dois se rompe no fim de 1933; o círculo de Heidelberg do verão de 1933 teria o princípio do chefe (*Führerprinzip*) [tese a confirmar]. O parecer de Jaspers de 22 de dezembro de 1945 diz do pensar de Heidegger que é “não livre, ditatorial e carente de comunicação” (García Norro, org., *Correspondência Heidegger–Jaspers*, apêndice, pp. 228–231) [V-es: García Norro; tradução do estudo; página a confirmar]; as cartas de março de 1950 estão nas pp. 158–160 da mesma edição [página a confirmar].

Jaspers, de 1933 a 1948. As datas de 1937 e 1938 estão em 1.1, e as quatro culpas, em 1.8: a culpa metafísica é a falta de solidariedade absoluta. As palavras de agosto de 1945 estão em *A questão da culpa* (pp. 64–65) e, na edição crítica, são variante do aparato [paráfrase; V-de]. O estudo diz o que está escrito e não diz o que ele fez.

Marcel e Vichy. A censura de Vichy proibiu a publicação em revista de “Obediência e fidelidade”, escrito em março de 1942 em Le Peuch (*Homo viator*, “Procedência dos textos”, pp. 137–146), e a p. 139 fala de uma “desvitalização da França” [V-es: Sígueme; tradução do estudo]. O estudo não lê o episódio como resistência nem como adesão.

A mulher e a família. Em “O mistério familiar” aparece, a propósito da mulher, a expressão “simples instrumento de reprodução” (*Homo viator*, pp. 96, 100) [paráfrase; V-es: Sígueme]. De Jaspers, *A situação espiritual do tempo* (1931), onde o tema poderia vir, o estudo não tem a letra [localização a confirmar].

A técnica e a massa. Marcel a diz em *Os homens contra o humano* (1.4). Jaspers, em 1958, fala de “uma forma de Estado que só a era técnica tornou possível, a dominação total” (Jaspers, discurso do Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães, 1958, p. 7 do opúsculo) [V-de]. *A situação espiritual do tempo* não está em letra.

Se o padrão das fronteiras se estende a Marcel (Vichy, a família) e a Jaspers (Heidegger, 1933–1948), o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dw)).

Da clareza passa-se aos vocábulos que soam igual no cânon (1.11).

1.11 Os homônimos reunidos

Os vocábulos que os dois autores e o cânon têm em comum soam iguais e não são ponte.

- *Disponibilidade.* Em Marcel, a *disponibilité* é dirigida ao outro na necessidade dele (1.3). No Pilar III, é "prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa". Homônimas, sem ponte (decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V).
- *Presença.* O cânon tem seis usos de "presença" nos escritos — os cinco que o Estudo XIII, 5.1, contou e um do Tratado da Luz Interior (ver 2.2) —, um deles "estar inteiro onde o corpo está" (Pilar IV). Em Marcel, a *présence* é relação (1.3). Arendt fica no XIII.
- *Esperança.* Nos escritos, a palavra ocorre uma vez, para recusá-la: a Vigília não se chama "nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete" (Tratado da Vigília, "Definição"). Marcel: 1.4.
- *Mistério, cifra, naufrágio, situação, luta.* Zero ocorrências nos escritos (de "luta", só "luto"). Marcel (1.3) e Jaspers (1.5–1.7) as têm.
- *Transcendência.* Pilar IV: "A transcendência passa pela matéria". Jaspers (1.7) e Marcel (*Ser e ter*, § F, p. 149, a negação do desespero) a usam em outros sentidos (ver 3.4).
- *Fidelidade e compromisso.* "Fidelidade" e "fiel" ocorrem seis vezes nos escritos (duas e quatro), todas "à luz"; o compromisso do Abrigo é promessa dita a outro (decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Marcel: fidelidade criadora a uma pessoa (1.3).
- *Comunicação.* Duas ocorrências nos escritos, ambas ditas de Mounier (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"); o cânon diz "a palavra verdadeira posta em circulação" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). Jaspers: 1.6.
- *Situação-limite e noite.* Cânon v1.2, "A Vigília": "há escuridões que nenhuma bússola veta" e "A noite é o mal que ninguém causou"; "E distingue-se a noite do lobo". A decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V leu as situações-limite ao lado da noite, como leitura. Jaspers: 1.5.
- *Culpa e lobo.* "Culpa" ocorre oito vezes nos escritos, nenhuma como a de Jaspers (1.8); o lobo é definido pelo ato (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). A Disputatio, "Ad tertium", declara a lacuna (ver 3.9).
- *Ser e ter, instrumento.* Pilar IV: "são seu instrumento"; Abrigo: "lamparina de museu". "Instrumento" tem três sentidos nos escritos, e Marcel o recusa para o corpo (1.2).

- *Imortalidade e atemporal.* “Eterna” e “imortal” não se dizem da Lux (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); “atemporal” é letra.
- *Liberdade, decisão e Bússola.* Catecismo, 24: “A decisão é sempre de quem caminha”. Jaspers: 1.5.
- *Deus e tu absoluto.* Palavras de Marcel e de Jaspers (1.4, 1.8). O cânon não é teísta, ateu nem agnóstico: “A filosofia não decide isso por ninguém” (Independência confessional).
- *Solidão.* Uma ocorrência nos escritos, no Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”, palavra evitada (Estudo XIII, 2.2). Jaspers: 1.6.
- *Existência.* “não é condição de existência da luz, mas condição de sua visibilidade” (Tratado da Luz Interior, “Resposta”). Jaspers: 1.5.

Nenhum desses vocábulos é nome da Lux, em nenhuma das duas vozes (ver 3.4) [leitura do estudo].

A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Dos homônimos passa-se ao que o leitor leva (1.12).

1.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui

O leitor leva daqui poucas coisas, e nenhuma delas é um método de vida.

Primeiro: Marcel e Jaspers dizem coisas fortes e precisas, e cada um as diz de dentro de uma experiência: o corpo, o tu e a fidelidade em um; a situação-limite, a comunicação e o naufrágio em outro. Segundo: o cânon responde pela sua própria letra, em capítulo próprio, e não pela de ninguém. Terceiro: o estudo não escolhe entre os dois.

As perguntas ao fundador estão numeradas no capítulo 3 e herdam (g), (j) e (k). Duas nascem deste capítulo: a letra de Marcel que recusa tratar o corpo como instrumento (*Diário metafísico*, pp. 237–239, 323; *A dignidade humana*, p. 67) dá letra à hipótese que a decisão n.º 8 de 06/11/2026 deixou aberta, e é achado deste estudo (ver 6.3, questão (dq)); e o padrão das fronteiras (1.10; letra (dw)). O estudo não escolhe qual Jaspers o cânon encontra, e registra as duas leituras (ver 3.5).

Do que cada um diz de melhor passa-se ao que há de comum entre eles e o cânon (capítulo 2).

2. Onde nos tocamos

Este capítulo aproxima, e o 3 separa. Cada seção põe a letra de Marcel ou de Jaspers ao lado da letra do cânon e diz, em uma frase, onde as duas se tocam e onde se separam; as aproximações são do estudo, e nenhuma é glossário [leitura do estudo].

2.1 A *disponibilité*, a Disponibilidade e o Abrigo

O homônimo mais exato do estudo veio do Estudo V com decisão: a *disponibilité* (“disponibilidade”) de Marcel é homônima da Disponibilidade do Pilar III, “sem ponte e com a medição no Estudo XIV” (decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V).

Marcel define a *indisponibilité* (“indisponibilidade”) antes da *disponibilité*: “Estar indisponível: estar ocupado de si” (Marcel, *Ser e ter*, Aubier, 1968, p. 90) [V-fr]. O ser disponível “é capaz de estar todo por inteiro comigo” (Marcel, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, trad. Villoro, 1955, pp. 72–73) [V-es: Villoro; página a confirmar] (ver 1.3).

O Pilar III diz outra coisa: “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III). “Ocupado de si” e “apego ansioso” são palavras diferentes, e a n.º 8 as deixou homônimas; se há toque, é de gesto [hipótese do estudo]. A direção também difere: ao outro na necessidade dele, em Marcel; ao novo que o rio traz, no Pilar III.

O voltar-se ao outro está mais perto do Abrigo, “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”), do que do Pilar III, em cuja letra o outro não aparece [leitura do estudo]. Mas a fronteira é frontal: o ser absolutamente disponível “não se reconhece o direito de dispor livremente de si” (*Ser e ter*, 1968, p. 155) [V-fr], e o Abrigo “não vai até a substituição”, pois ser casa para o outro “nunca pede que a luz própria se apague” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII); onde Marcel põe o dom sem reserva, o cânon põe a Bússola [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dn)) se a *disponibilité* se lê ao lado da Disponibilidade e do Abrigo, como leitura, com a direção dita (ao outro × ao novo). Da disponibilidade passa-se à presença.

2.2 A presença de Marcel e os seis usos de “presença”

A *présence* (“presença”) de Marcel mede-se contra os seis usos de “presença” na letra do cânon: os cinco que o Estudo XIII (5.1) contou e um sexto, do Tratado da Luz Interior.

Em Marcel a presença é relação: o ser disponível está “todo por inteiro” com quem dele precisa (ver 1.3). Os seis usos do cânon são “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV); “presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”); o silêncio da margem, que

"também é presença" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"); a "presença contínua" que a correnteza cobra (Tratado das Águas Comuns, "O problema que responde"); a "presença encarnada" da celebração maior (Cânon v1.2, "Regra de Vida"); e a "presença anterior a qualquer olhar" (Tratado da Luz Interior, "Definição").

O uso mais próximo é "estar inteiro onde o corpo está": o "inteiro" do Pilar IV ecoa o "todo por inteiro" de Marcel, e a Vigília também põe a presença diante de alguém, pois "devolve a quem está nela um lugar" (Tratado da Vigília, "Definição") [hipótese do estudo]. A fronteira é de objeto: Marcel diz a presença de um ser disponível a quem dela precisa, e o Pilar IV, a atenção reunida ao corpo, pois "presença é reunir os dois" (Catecismo, 18); a presença contínua, exigida como prova de pertença, não tem letra de Marcel ao lado [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (do)) se a *présence* se lê ao lado de "estar inteiro onde o corpo está", ficando os outros cinco usos declarados homônimos. Da presença passa-se ao corpo.

2.3 "Eu sou meu corpo" e o Corpus

A letra de Marcel dá letra à hipótese do "instrumento" que a decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V deixou aberta; é achado deste estudo, e a decisão não se reabre [leitura do estudo].

Em 23 de outubro de 1920 Marcel escreve que "há um sentido em que eu sou meu corpo" e que só o é "na medida em que não o trato como um instrumento" (*Diário metafísico*, Gallimard, 1927, pp. 236–237) [V-fr]; e "Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo" é do Apêndice (p. 323) [V-fr] (ver 1.2).

O Corpus recusa o corpo como obstáculo: "O corpo, o lugar, o ritmo — os 'tijolos do templo' — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV).

O toque é a recusa da exterioridade entre o corpo e a pessoa: Marcel nega "a exterioridade do meu corpo em relação a mim mesmo" (p. 323), e o Pilar IV nega "obstáculos ao espírito" [leitura do estudo]. A fronteira passa pela palavra, que tem três sentidos nos escritos: no Pilar IV, é o que serve ao espírito; nos outros dois, é o que o cânon recusa, a vida que "trata a si mesma como instrumento, nunca como fim" (Tratado da Luz Interior, "O problema que responde") e o indivíduo que "vê no rio um instrumento" (Tratado das Águas Comuns, "O problema que responde"). Marcel está mais perto destes dois: corpo e instrumentos, enquanto possuídos, tendem "a me suprimir" (*Ser e ter*, 1968, p. 207) [V-fr] [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dq)) se o corpo que se é lê-se ao lado do Corpus, com os três sentidos de "instrumento" ditos. Do corpo passa-se à fidelidade.

2.4 A fidelidade criadora e o compromisso do Abrigo

A decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII fixou o compromisso do Abrigo como a promessa dita a outro, em leitura; resta medir a fidelidade de Marcel.

Marcel anota em 7 de outubro de 1932 “uma fidelidade que só salvaguarda criando”, a fidelidade criadora (*fidélité créatrice*), e diz que “Não há fidelidade senão a uma pessoa” (*Ser e ter*, 1968, p. 119) [V-fr] (ver 1.3). Ricoeur lê que a obrigação de cumprir promessas “corre o risco de petrificar-se na rigidez estoica da simples fidelidade, se não for regada pelo desejo de responder a uma expectativa”, e que Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade (Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, via Estudo IX, 4.2 e 5.5) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2].

Quem vive o Lumen Fluens “se compromete a ser lugar seguro no rio” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). O toque e a fronteira cabem na mesma frase: a fidelidade de Marcel tem por termo uma pessoa e, no limite, “uma pessoa absoluta”, e o compromisso do Abrigo tem por termo quem chega, e o Abrigo “revela e nada exige” (decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII) e “não pede retorno em ponto algum” (decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI) [leitura do estudo]. Que a fidelidade responda a uma expectativa é a glosa de Ricoeur, e não está achada com essas palavras em Marcel. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dp)) se a fidelidade criadora se lê ao lado do compromisso do Abrigo, a promessa dita a outro, com a fronteira dita. Da fidelidade passa-se ao mistério.

2.5 Mistério × problema e a Vigília que não explica

O toque é de gesto: nenhum dos dois trata a noite como problema a resolver.

Marcel distingue o problema (*problème*) do mistério (*mystère*): “um mistério é algo em que estou eu mesmo engajado” (*Ser e ter*, 1968, p. 146) [V-fr] (ver 1.3); degradar o mistério em problema é “procedimento fundamentalmente vicioso” (p. 146) [V-fr], e o exemplo que ele dá é o problema do mal. A Vigília “não lê a noite a partir do fim, lê-a a partir de quem está nela” (Tratado da Vigília, “O problema que responde”); “importa a presença, e não a explicação” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”); e não é consolo, “quando consolar é explicar” (Tratado da Vigília, “Definição”). O gesto comum é recusar que a dor receba de fora uma solução [leitura do estudo].

A fronteira: o mistério de Marcel é o do ser em que se está engajado, e a noite é, no cânon, “o mal que ninguém causou” (Cânon v1.2, “A Vigília”). “Mistério” é palavra que o cânon não tem, e o Estudo XII (5.2), que leu a presença sem explicação como parente dele, fez leitura. Da noite sem solução passa-se à esperança.

2.6 A esperança que não é otimismo e “uma luz acesa dentro da noite”

A fronteira mais fina do estudo começa por um toque: Marcel separa a esperança do otimismo, e a Vigília recusa o esperar que conta com o que virá.

Marcel diz que a esperança (*espérance*) absoluta não põe condição nem espera algo determinado (*Homo viator*, Sígueme, 2005, pp. 38 e 45–47) e a resume em “Espero em ti para nós” (pp. 72–73) [paráfrase; V-es: Sígueme] (ver 1.4). A Vigília não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”, e quem vela “não faz depender a luz do que virá” (Tratado da Vigília, “Definição”); no fundo da noite há “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília, “Segunda objeção”). “Esperança” ocorre uma vez nos escritos, e na recusa; “otimismo” é palavra de Marcel, e o Tratado da Vigília não a diz; se a esperança de Marcel faz ou não depender a luz do que virá, a letra aberta não diz, e o estudo mede adiante (3.1) [leitura do estudo].

A fronteira, na mesma frase do toque: Marcel espera “em ti”, e a Vigília devolve a presença a “quem está nela” e “não promete que alguém venha, nem o nega” (Tratado da Vigília, “Definição” e “Fundamentação”), sem nomear um tu a quem se espere; a espera que o Tratado atribui a Weil “tem objeto, alguém que virá” [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dr)) se a Ficha registra as duas esperanças, com o toque e a fronteira ditos. Da esperança passa-se ao ter.

2.7 Ser e ter e a lamparina de museu

O toque é de estrutura: o que se guarda pode voltar-se contra quem o guarda.

Em Marcel, o ter (*avoir*), oposto ao ser (*être*), tem no corpo o seu caso-tipo: “O corpo é o ter-tipo. E, no entanto…” (*Ser e ter*, 1968, p. 205) [V-fr]; enquanto possuídos, corpo e instrumentos tendem a suprimir quem os possui (ver 2.3).

A lamparina de museu é a luz que só se protege: “Uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu. A luz é para todo o mundo ver — e sentir” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). A lamparina tem três lugares, “de museu, quando a luz só se protege; guardada do vento, na margem; posta no rio”, e “o que os separa é o devolver” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”). O toque é a posse que tende a suprimir o possuidor, e a luz que só se guarda e deixa de ser vista [leitura do estudo]. A fronteira é de palavra e de remédio: “ter”, como substantivo, não ocorre nos escritos, e a lamparina de museu não é o *avoir* de Marcel, que é fenomenologia do corpo, das posses e dos instrumentos; o remédio do cânon não é deixar de ter, é devolver. Do ter passa-se às situações-limite.

2.8 As situações-limite e “escuridões que nenhuma bússola veta”

O Estudo V leu as situações-limite ao lado da noite, como leitura (decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); cada situação da lista de 1950 mede-se aqui contra a letra, sem dizer que a noite é uma situação-limite.

Jaspers chama situações-limite (*Grenzsituationen*) as que “não se transformam, a não ser em sua aparência” e são “como uma parede em que esbarramos, em que naufragamos” (*Filosofia*, II, Springer, 1948, p. 469) [V-de] (ver 1.5).

Em 1950 a lista é morrer, sofrer, lutar, “estou sujeito ao acaso” e a culpa (*Introdução à filosofia*, Piper, 1971, p. 18) [V-de]. O cânon diz que “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba” (Cânon v1.2, “A Vigília”). O acaso coincide, até na palavra. O sofrimento tem, na letra, a perda e a doença, vizinhas; a categoria o cânon não tem. “Morrer” e “lutar” não têm palavra no cânon, que nada diz do depois; Jaspers diz que a morte como fato objetivo “ainda não é situação-limite” (*Filosofia*, II, p. 483) [V-de]. O toque é de estrutura, o maior do estudo: nenhum dos dois explica o que não se pode mudar; o “sem poder explicá-las e derivá-las de outra coisa” de Jaspers ecoa “importa a presença, e não a explicação” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”) [leitura do estudo].

A fronteira, na mesma frase do toque: para Jaspers, entrar nelas “de olhos abertos” é tornar-se si mesmo, pois “experimentar situações-limite e existir é o mesmo” (p. 469), e a fronteira “ainda é imanente e já aponta para a transcendência” (p. 470) [V-de]; no cânon, o valor da pessoa é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), a Vigília promete “presença, não vitória” e o cânon “não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); que a noite também não seja sinal de transcendência é leitura deste estudo [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (ds)) se a Ficha registra a fronteira entre a noite lida como cifra e naufrágio, mesmo a indecifrável, e “presença, não vitória”, sem dizer que a noite é uma situação-limite. Das situações-limite passa-se à culpa.

2.9 A culpa e o lobo

A culpa é a situação de Jaspers que mais pede cuidado com a letra do cânon.

Jaspers distingue quatro culpas, cada uma com a sua instância: o tribunal, a vontade do vencedor, a consciência e, na metafísica, em que “há uma solidariedade entre homens como homens que torna cada um corresponsável por toda injustiça”, só Deus (*A questão da culpa*, Schneider, 1946, pp. 31–32) [V-de] (ver 1.8).

O cânon define o lobo pelo ato: “O lobo é o mal que alguém inflige, e é lobo quem o inflige, com ou sem intenção”, e diante dele “resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao

outro” (Tratado da Vigília, “Definição”); a fronteira entre noite e lobo “passa pelo ato, não pela pessoa” (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). A culpa metafísica de Jaspers, a de quem sobrevive sem ter infligido, não tem palavra no cânon, e a Disputatio registra a lacuna: “subsiste, sim, uma ausência” (Disputatio, “Ad tertium”); a culpa criminal e a política de quem inflige é a que mais se aproxima do lobo [leitura do estudo]. O estudo registra e não decide: a culpa de Jaspers é matéria do tratado da justiça, (g), e a política e a metafísica são porta de (k). Da culpa passa-se à comunicação.

2.10 A comunicação e as Águas Comuns

O Estudo XIII (5.2) perguntou se a palavra verdadeira posta em circulação e a vez respeitada se leem ao lado da ação e do discurso de Arendt, e a decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII disse que sim, como leitura, com o rio sem ser programa; a comunicação (*Kommunikation*) de Jaspers ficou sem decisão.

Em Jaspers o ser-si-mesmo se faz na comunicação: “só nela sou eu mesmo” (*Introdução à filosofia*, Piper, 1971, p. 22) [V-de] (ver 1.6); e ela tem uma luta, a luta amante (*liebender Kampf*) “de veracidade implacável” (*Filosofia*, II, 1948, p. 356) [V-de].

As Águas Comuns dizem: “Ninguém navega um rio privado”, e “A palavra verdadeira posta em circulação, a confiança honrada, a vez respeitada, o espaço comum cuidado — tudo isso é manutenção das águas” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”).

O toque e a fronteira cabem na mesma frase: a luta amante visa a veracidade e a “palavra verdadeira” circula, e a pessoa de Jaspers só chega a si diante de outra, como a luz é “pessoal, nunca individual” [leitura do estudo]; mas em Jaspers a comunicação é o lugar em que a existência se torna si mesma, e no cânon a luz é “dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), pois “O que o rio dá é alcance, a luz levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” (Tratado das Águas Comuns, “Resposta”). A “luta” é homônima e não é o lobo nem a resistência. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dt)) se a comunicação de Jaspers e a *humanitas* de Arendt (2.14) se leem ao lado da “palavra verdadeira posta em circulação” e da margem como “estar consigo”, com a fronteira dita e o rio sem espaço público. Da comunicação passa-se à escolha.

2.11 “Ao escolher, sou” e a Bússola

A decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V já fixou a fronteira desta seção: a escolha é lugar da pessoa, e não função da Bússola, que só veta.

“Sou só na medida em que me decido” não foi achada em Jaspers. A letra mais próxima é “ao escolher, sou; se não sou, não escolho” (*Filosofia*, II, 1948, p. 451) [V-de] (ver 1.5); a mesma

página diz que “o que eu mesmo seja ainda está aberto”. O cânon diz que “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”) e que “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24).

O toque é a escolha como lugar da pessoa, e a fronteira vem na mesma linha: a invenção que o V recusa é a condição de que o que a pessoa vale dependa de ser inventado; Jaspers não diz que o valor dependa da escolha, diz que o ser-si-mesmo está aberto até a decisão, e o cânon fica com “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [leitura do estudo]. Da escolha passa-se ao julgar.

2.12 A mentalidade alargada

A decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII leu a mentalidade alargada na Bússola: o caso que ela percebe inclui as perspectivas dos outros, e o veto continua sem voz externa.

A expressão é de Kant, e é Arendt quem a atribui a Jaspers na *laudatio* (Estudo XIII, 5.2) [V via secundária: Estudo XIII, 5.2]; em Jaspers não foi achada nessa forma. Vizinhas: “A escolha de mim mesmo é com a escolha do outro” (*Filosofia*, II, 1948, p. 451) [V-de] e, entre as fórmulas de autorreflexão, “pensar no outro” (*Introdução à filosofia*, 1971, p. 94) [V-de]. O outro entra no que se decide: em Jaspers, pela comunicação, em que a escolha de si se faz junto com a do outro; na Bússola, no caso percebido, e o veto é a própria Lux, sem voz externa [leitura do estudo]. Do julgar passa-se à fé.

2.13 A fé filosófica e a Independência confessional

O vizinho mais próximo da Independência confessional pede o maior cuidado com o que a letra dos dois não faz da Lux.

Jaspers diz que “A fé não é uma posse” e que “O Deus em quem se crê é o Deus distante, o Deus oculto, o Deus indemonstrável” (*Introdução à filosofia*, 1971, pp. 40–41) [V-de]; o “Deus é” e a cifra, com as datas, estão em 1.8. Marcel diz que a ontologia está “aberta na direção de uma revelação”, que ela “não saberia exigir, nem pressupor, nem integrar” (*Ser e ter*, 1968, p. 150) [V-fr].

O cânon responde: “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). O toque: Jaspers diz que a fé não é uma posse, Marcel, que a ontologia não saberia exigir nem pressupor a revelação, e o cânon não decide a fé por ninguém [leitura do estudo].

A fronteira: Deus, o tu absoluto e a transcendência são aqui voz de quem os diz, e o cânon deixa a origem em aberto, “deliberadamente” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). Neste estudo, o ser, o mistério, o abrangente (*das Umgreifende*), a cifra (*Chiffre*) e a existência (*Exis-*

tenz) não são postos como nome da Lux (ver 3.4) [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (du)) se a existência, o abrangente e a transcendência de Jaspers se leem como estrutura, nunca como nome da Lux, como a série fez com o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao (decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI); o estudo não presume a extensão. Da fé passa-se à *humanitas*.

2.14 A *humanitas* e a margem

O Estudo XIII deixou a medição da *humanitas*, que Arendt louva em Jaspers, contra a margem.

Arendt diz que a *humanitas* "nunca se adquire no estar só, nunca por se dar ao público a obra de cada um" ("Karl Jaspers: uma *laudatio*", 1958, via Estudo XIII, 5.2) [V via secundária: Estudo XIII, 5.2; tradução do estudo]. Jaspers diz que não pode "entrar em comunicação sem estar só" (*Filosofia*, II, 1948, p. 348) [V-de] (ver 1.6). Para o cânon, a margem é "estar consigo" (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII): "A margem também é rio; o silêncio à beira d'água também é presença" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"), e "Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação").

O toque: em Jaspers o estar só é momento da comunicação, e na margem o estar consigo continua no rio; entre os sentidos de "solidão" que o Estudo XIII distinguiu, a p. 348 inclina-se a "estar consigo", e não à desolação. A fronteira: a *humanitas* se ganha entre amigos e em público, e a margem "também é rio" sem ser pública [leitura do estudo]. Da margem passa-se a Sartre.

2.15 Marcel contra Sartre e o V

O toque que fecha o capítulo é o do Estudo V: a pessoa que não se inventa.

O Estudo V fixou que o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V; ver 2.11). Marcel recusa em Sartre uma metafísica que nega a graça (*Homo viator*, Sígueme, 2005, p. 193) [paráfrase; V-es: Sígueme] (ver 4.5), e a alma mais disponível, sobre a liberdade, "não se pertence" (*Posição e aproximações*, 1955, p. 80) [V-es: Villoro]. Marcel e o V tocam-se em que a pessoa não se faz a si mesma; Marcel o diz pela graça, e o cânon, pela luz que "se revela" e é "de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I), sem dizer de quem a pessoa a recebe; o estudo não concilia nem opõe "não se pertence" e "a Lux é de alguém" [leitura do estudo]. Do toque passa-se à fronteira, que é o capítulo 3.

3. Onde nos separamos

Este capítulo mede as fronteiras uma a uma, com a letra dos dois lados; o estudo não escolhe entre Marcel e Jaspers, e onde eles divergem o cânon fica fora da divergência. O ser, o mistério, o tu absoluto, a transcendência, o abrangente, a cifra, a existência e a liberdade não são nome da Lux, e nenhuma palavra dos dois é posta como tal [leitura do estudo].

3.1 A esperança “em ti para nós” e a Vigília que não se chama esperança

A fronteira mais fina do estudo é a da esperança (*espérance*), porque Marcel e o Tratado da Vigília recusam, cada um a seu modo, a espera que conta com o que virá [leitura do estudo].

“Espero em ti para nós”, escreve Marcel (*Homo viator*, trad. Sígueme, 2005, pp. 72–73; ver 1.4) [V-es: Sígueme]. A esperança não é otimismo (pp. 45–47), e a esperança absoluta dirige-se a um tu absoluto (p. 38) [paráfrase; V-es: Sígueme]; “otimismo” é palavra de Marcel, e o Tratado da Vigília não a diz [leitura do estudo]. Em *A dignidade humana* a esperança ganha um objeto: postula que a frustração entre os vivos e os mortos não é definitiva (*A dignidade humana*, Aubier-Montaigne, 1964, p. 121) [V-fr; paráfrase].

Jaspers também escreve “esperança” na *Introdução à filosofia* (Piper, 1971, p. 95) [V-de; paráfrase; localização a confirmar], mas o capítulo do naufrágio na *Filosofia* fecha em tolerar e em repouso, e não em esperança (*Filosofia*, III, Springer, 2.ª ed., 1948, paginação contínua, p. 878) [V-de; paráfrase]. A tradição lê a esperança de Marcel como “uma não-aceitação que é ao mesmo tempo uma distensão pela qual adoto o ritmo da prova” (Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, Temps présent, 1947, seção sobre a esperança) [V via secundária: Kuang; página e atribuição a confirmar].

A letra da Vigília é outra: “Velar não é vigiar nem esperar. Quem vigia guarda-se do que virá; quem espera conta com o que virá; quem vela não faz depender a luz do que virá — permanece desperto no escuro” (Tratado da Vigília, “Definição”). A Vigília é também a que não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”). “Esperança” ocorre uma só vez nos escritos, nessa recusa; a espera de Weil “tem objeto, alguém que virá”, e diante dela “a Vigília não promete que alguém venha, nem o nega” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”).

Resta medir qual dos dois verbos do Tratado se aplica à esperança de Marcel antes de declarar parentesco [leitura do estudo]. “Vigiar”, guardar-se do que virá, não descreve Marcel em passagem alguma aberta. “Esperar”, no sentido estreito de contar com o que virá, descreve o otimismo, que Marcel também recusa, e não o “em ti”. A fronteira passa, portanto, pelo “tu”: do lado de Marcel, o tu, o nós e, atrás, o tu absoluto; do lado do cânon, a Vigília “devolve a quem

está nela um lugar” e “não promete que alguém venha, nem o nega” (Tratado da Vigília, “Definição”), sem nomear um tu a quem se espere. A página de *A dignidade humana*, em que a esperança postula um reencontro, é onde ela mais se aproxima de uma manhã, e o cânon não proíbe essa leitura: “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”, segunda objeção).

Questão aberta (dr): a Ficha registra a fronteira da esperança com as duas letras na mesma frase — “espero em ti para nós” (Marcel) e a Vigília, que não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília) — e o toque também, que nenhum dos dois conta com o que virá, sem declarar parentesco e com o “esperar” do Tratado dito no sentido que o Tratado lhe dá [leitura do estudo]? O estudo pergunta ao fundador.

Da esperança passa-se à noite lida como cifra.

3.2 A noite como cifra e como naufrágio, e a noite sem explicação

A fronteira central do estudo é a da noite lida como cifra e a noite sem explicação, e ela passa mais fina do que “explica × não explica”, porque Jaspers também não explica.

Jaspers não explica o mundo: “Não se pode saber por que o mundo é” (*Filosofia*, III, pp. 876–877; ver 1.7) [V-de]. Mas lê o naufrágio (*Scheitern*) como linguagem: ele é “a última cifra do ser no existir” (*Filosofia*, I, p. 285) [V-de], e a cifra (*Chiffre*) é a língua da transcendência, “não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem” (*Filosofia*, III, p. 786; ver 1.7) [V-de]. A última cifra é muda: a indecifrabilidade “fica aberta, daí seu silêncio”, e pode tornar-se “o vazio absoluto ou o cumprimento definitivo” (*Filosofia*, III, p. 877; ver 1.7) [V-de]. Ainda assim, “sem transcender só se vive num desespero radical” (*Filosofia*, III, p. 876), e o capítulo termina em “experimentar o ser” no naufrágio (p. 878) [V-de]. Na *Introdução à filosofia*, a reação às situações-limite (*Grenzsituationen*) é o velamento ou “desespero e restauração” (p. 18), e o ímpeto fundamental é ganhar no naufrágio o caminho ao ser, “no silêncio diante do indecifrável” (p. 20) [V-de]. A tradição lê a resposta de Jaspers como silêncio: o ser que brilha no fundo do fracasso “não pode mais ser dito” (Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, pp. 428–434; ver 4.2) [V via secundária: Kuang; página a confirmar].

O cânon responde: “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba” (Cânon v1.2, “A Vigília”), e a noite é “o mal que ninguém causou”. Quem está nela sabe que “o ‘para quê’ volta sem resposta” (Tratado da Vigília, “Definição”); diante dela “importa a presença, e não a explicação” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”); e “quem vela para que a noite passe, espera; para que signifique, interpreta; vela quem fica, passe a noite ou não” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). O cânon “não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); que a noite também não seja sinal de transcen-

dência é leitura deste estudo [leitura do estudo]. O Tratado deixa a leitura de fé a quem crê, e a Vigília não depende dela (ver 3.1).

A medição [leitura do estudo]: Jaspers recusa o velamento (*Verschleierung*), e o Tratado da Vigília recusa o consolo que explica (“Definição”); o estudo não os faz uma só coisa. Nenhum dos dois explica a noite. A diferença é outra: Jaspers lê o naufrágio como linguagem de uma transcendência, ainda que a última cifra seja muda e possa ser vazio ou plenitude, lê nele o lugar em que se experimenta o ser, e põe o transcender como o que separa a vida do nada. O cânon não lê sinal algum na noite, nem mudo; promete presença e diz que a luz “não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). Jaspers pede a leitura para que se viva; a Vigília vive sem ela. A fórmula “recusa a cifra” só se sustenta com esta glosa: a cifra, mesmo a indecifrável (ver 3.15).

Cada situação da lista de 1950 mede-se contra a letra em 2.8, sem dizer que a noite é uma situação-limite, porque a decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V fixou a leitura ao lado; a culpa de Jaspers fica para 3.9.

Questão aberta (ds): a Ficha registra a fronteira entre a noite lida como cifra e naufrágio, mesmo a indecifrável, e “presença, não vitória” (“o cânon não diz que a noite é prova”), sem dizer que a noite é uma situação-limite, o que a n.º 5 já fixou, e sem decidir onde cai a culpa de Jaspers? O estudo pergunta ao fundador.

Da noite como cifra passa-se ao mistério.

3.3 O mistério do ser e a Lux de alguém

Marcel tem outra palavra para o que não se resolve, o mistério (*mystère*), e é preciso medi-la à parte, porque o cânon não a tem.

Em 21 de janeiro de 1933, Marcel escreve que um mistério “é algo em que estou eu mesmo engajado” e que “transcende por definição toda técnica concebível” (*Ser e ter*, Aubier-Montaigne, 1968, p. 146; ver 1.3) [V-fr]. Em *A dignidade humana* o misterioso é buscado antes do lado da luz que do lado da obscuridade (p. 113) [V-fr; paráfrase], e essa luz é a do mistério, e não a Lux do cânon, que é de alguém e fica sem nome [leitura do estudo].

Pelo gesto, e não pela palavra, o cânon responde: o consolo que explica “alivia pela razão, que fala de fora” (Tratado da Vigília, “Definição”), e a Vigília “não lê a noite de cima nem do fim” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). A letra de Marcel toca esse gesto [leitura do estudo]: ficar dentro do que se pergunta, e não resolvê-lo de fora. Mas “mistério” é zero nos escritos e no glossário, e o mistério de Marcel é o do ser em que estou engajado; a noite do cânon é “o mal que ninguém causou”, um acontecimento, e a Lux “é de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). O “ser”, como substantivo, ocorre uma vez, em “predicado do ser, não do fa-

zer” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”), dito de Boécio e de Tomás como material, nunca da Lux. O estudo não faz do mistério uma ponte, nem uma segunda palavra para a Lux.

Do mistério passa-se à transcendência e ao abrangente.

3.4 A transcendência e o abrangente, e a Lux sem nome

“Transcendência” tem ao menos quatro usos, e o abrangente nunca é nome da Lux.

Para Jaspers a fronteira entra em sua função própria: “ainda ser imanente e já apontar para a transcendência” (*Filosofia*, II, p. 470; ver 1.5) [V-de], e a cifra é cifra “porque não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem” (*Filosofia*, III, p. 786; ver 1.7) [V-de]. O abrangente (*das Umgreifende*) vem na *Introdução à filosofia* como o ser no todo, que não é objeto nem sujeito (p. 25) [V-de; paráfrase]. Marcel diz “transcendência” em dois outros registros: o mistério que “transcende toda técnica concebível” (ver 3.3) e o ultrapassamento do desespero, da traição e da morte (*Ser e ter*, 1968, p. 149; ver 4.7) [V-fr; paráfrase].

O cânon tem a palavra em sentido próprio: “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV); “a transcendência — o que vai além de nós — passa pela matéria” (Catecismo, 17); e a Disputatio recusa “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” (Disputatio, 2, “Sed contra”). Nenhum dos usos é o de outro [leitura do estudo]: no Pilar IV o além de nós passa pelo corpo, o lugar e o ritmo; em Jaspers a fronteira aponta para o que não é objeto, e a cifra é a sua língua; em Marcel o mistério ultrapassa toda técnica, e o ultrapassamento do desespero é outro uso; e nenhum é nome da Lux.

A Lux, por sua vez, “não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), é “pessoal, nunca individual” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”) e é de alguém. A fronteira não faz de Jaspers uma versão do cânon, e a palavra dele fica como material, na voz de quem a diz.

Questão aberta (du): a existência, o abrangente e a transcendência de Jaspers leem-se como estrutura, nunca como nome da Lux, como a série fez com o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao (decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI)? O estudo pergunta ao fundador, e não presume a extensão.

Da transcendência passa-se à fé que Jaspers professa.

3.5 “Que Deus é, isso basta” e “a filosofia não decide isso por ninguém”

Esta é a fronteira mais próxima da série e continua do lado de lá, porque Jaspers afirma e o cânon não decide isso por ninguém [leitura do estudo].

Em 1946 Jaspers escreve “Que Deus é, isso basta” (*A questão da culpa*, Schneider, 1946, p. 105; ver 1.8) [V-de], com a advertência de que isso se torna sedução se o homem se precipita nele, pois “humildade e medida são a nossa parte” (p. 105) [V-de]. Em 1950, “a fé não é uma posse” (*Introdução à filosofia*, pp. 40–41) [V-de]; e a fé filosófica (*philosophischer Glaube*) de 1948 tem ponto de partida: “só quem parte de Deus pode procurá-lo” (*A fé filosófica*, p. 35, via Weidmann, introdução a *Obras completas*, I/13) [V via secundária: Weidmann].

Jaspers diz uma coisa em 1947 e outra em 1962, e o estudo registra as datas sem escolher (ver 1.8): em 1947, “Deus não é cifra, mas a própria realidade” (*Da verdade*, p. 1051) [V via secundária: Weidmann]; em 1962, “o próprio Deus lhe é uma cifra” (*Obras completas*, I/13, Schwabe, p. 248) [V-de]. Quanto à revelação, a crítica dele recai sobre a atitude de ter a verdade em posse dos crentes, que ele localiza nos escritos bíblicos, e não na fé bíblica propriamente dita (*Obras completas*, I/13, p. 70) [V-de; paráfrase]. Marcel, católico desde 1929 [V via secundária: Hanley], escreve que “uma fidelidade absoluta envolve uma pessoa absoluta” (*Ser e ter*, 1968, p. 119) [V-fr], e a tradição os põe lado a lado em “filosofia do mistério e filosofia do paradoxo”, no título de Ricoeur (1947) [V via secundária: Kuang; localização a confirmar]. A divergência, a fé revelada e a fé filosófica, é dos dois; o estudo não escolhe, e o cânon fica fora dela.

O cânon responde na Independência confessional: “A filosofia não decide isso por ninguém” e exige apenas “fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; texto inteiro em 2.13). Pela letra, isso não faz do cânon teísta, ateu nem agnóstico (Estudo V, 5.1) [leitura do estudo]. A fronteira é a de afirmar um pressuposto do filosofar e de não decidir [leitura do estudo]: “Deus”, o tu absoluto e “Deus é” ficam na voz de quem os diz, como material, e nenhum vira nome da Lux.

Da fé passa-se à disponibilidade.

3.6 A *disponibilité* ao outro e a Disponibilidade ao novo

A palavra é a mesma, “disponibilidade” (*disponibilité*), e a direção é outra; o Estudo V a deixou homônima da Disponibilidade (decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V).

Para Marcel, o ser disponível “é capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele” (*Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, trad. Villoro, pp. 72–73; ver 1.3) [V-es: Villoro], e que “estar indisponível: estar ocupado de si” (*Ser e ter*, 1968, p. 90) [V-fr]. A *disponibilité* tem, portanto, um outro à frente.

No Pilar III, a Virtude é “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III). A direção é o novo, e não o outro; o Abrigo, “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”), volta-se ao outro sem usar a palavra [leitura do estudo].

Questão aberta (dn): a *disponibilité* lê-se ao lado da Disponibilidade e do Abrigo, como leitura, com a direção dita na mesma frase (ao outro × ao novo)? O V a deixou "sem ponte e com a medição no Estudo XIV" (n.º 8 de 06/11/2026). O estudo pergunta ao fundador.

A presença (*présence*) de Marcel pede a mesma conta: é o que o ser disponível é para o outro, e não objeto (ver 1.3). O cânon tem seis usos de "presença" (ver 2.2), e o mais próximo é "estar inteiro onde o corpo está" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV) [leitura do estudo]; os outros são homônimos.

Questão aberta (do): a presença de Marcel lê-se ao lado de "estar inteiro onde o corpo está" (Pilar IV), como leitura, e os outros usos ficam declarados homônimos? O estudo pergunta ao fundador.

Da disponibilidade passa-se à fidelidade.

3.7 A fidelidade a uma pessoa e o Abrigo que nada exige

A fidelidade criadora (*fidélité créatrice*) de Marcel tem uma pessoa por termo; a do cânon é "à luz", e o Abrigo nada pede em troca.

"Não há fidelidade senão a uma pessoa, e não a uma ideia ou a um ideal", escreve Marcel (*Ser e ter*, 1968, p. 119; ver 1.3) [V-fr], e a fidelidade é atestação criadora (pp. 149–150) [V-fr; paráfrase]. Que ela responda a uma expectativa é a glosa de Ricoeur (*O si-mesmo como um outro*, pp. 292–293, via Estudo IX, 4.2; ver 2.4) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2], não achada com essas palavras em Marcel [leitura do estudo].

O cânon tem "fidelidade" e "fiel" seis vezes nos escritos (duas de "fidelidade", quatro de "fiel"), todas "à luz". O Abrigo "revela e nada exige" (decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII) e "não pede retorno em ponto algum" (decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI). O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro (decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII).

A fronteira passa pelo termo (uma pessoa, a luz) e pelo que o Abrigo não pede [leitura do estudo]; o toque está na promessa dita a outro, que o Estudo XIII já leu como compromisso.

Questão aberta (dp): a fidelidade criadora lê-se ao lado do compromisso do Abrigo, a promessa dita a outro (decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), com a fronteira dita — o termo, uma pessoa × a luz, e o Abrigo que "nada exige"? O estudo pergunta ao fundador.

Da fidelidade passa-se à comunicação.

3.8 A comunicação como lugar de ser si mesmo e a luz dada antes de qualquer relação

Em Jaspers a comunicação (*Kommunikation*) é o lugar em que a existência (*Existenz*) se torna ela mesma; no cânon a luz vem antes da relação.

Em Jaspers, ninguém se torna si mesmo sem entrar em comunicação, e ninguém entra nela "sem estar só" (*Filosofia*, II, p. 348; ver 1.6) [V-de]; "decisão e ser-si-mesmo são uma só coisa", e a escolha é "originalmente comunicativa" (*Filosofia*, II, pp. 450–451) [V-de]. A forma extrema é a luta amante (*liebender Kampf*, pp. 351, 356) [V-de]. Em 1958 diz que "por tal luta uns com os outros só então cada um chega a si mesmo" (discurso do Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães, 1958, p. 7 do opúsculo) [V-de].

O cânon responde com Mounier, "quem está mais perto", e pela letra: "Ninguém navega um rio privado" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"); a pessoa é aquilo que a luz abre; "abrir-se não é diluir-se" (Tratado das Águas Comuns, "Objeção provável e resposta breve"); "Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"). A luz é "dada antes de qualquer relação" (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII). "Comunicação" ocorre duas vezes nos escritos, ambas de Mounier.

A fronteira [hipótese do estudo]: no rio a palavra e a vez fazem o nós; em Jaspers a comunicação é o lugar em que a existência se torna ela mesma. O cânon não faz de ninguém um si mesmo pela relação, porque a luz já é de alguém. O toque é de gesto, e a fronteira é de fundo.

Da comunicação passa-se à culpa.

3.9 A culpa metafísica e a Disputatio

A culpa (*Schuld*) de Jaspers pede uma instância; o cânon tem o lobo e uma lacuna que a Disputatio registra.

Jaspers chama a culpa metafísica "a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem" (*A questão da culpa*, 1946, p. 64; ver 1.8) [V-de], a única das quatro culpas de 1946 que tem Deus por instância (p. 32) [V-de; paráfrase]. Já em 1932 a culpa de que não se sai — "em todo caso caio inevitavelmente em culpa" (*Filosofia*, II, pp. 506–507) — vem com a responsabilidade, "a disposição de tomar a culpa sobre si" (p. 507) [V-de].

O cânon define o lobo pelo ato: ele "é o mal que alguém inflige" e, diante dele, "resiste-se, e deve-se justiça" (Cânon v1.2, "A Vigília"); "a irreflexão não é noite" (Tratado da Vigília, "Definição"). "Culpa" ocorre oito vezes nos escritos, e nenhuma como a *Schuld* de Jaspers. A Disputatio diz que "o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização"

(Disputatio, 4, “Ad tertium”), e o Tratado da Vigília deixa a justiça ao lobo “para um tratado dedicado” (Tratado da Vigília, “Síntese”).

A culpa de Jaspers não tem palavra no cânon; o lobo é definido pelo ato (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), e a culpa criminal e política de quem inflige é a que mais se aproxima dele; a de quem nada infligiu o cânon não nomeia [leitura do estudo]. O estudo registra e não decide.

Questão aberta (g), herdada: a justiça devida ao lobo segue aberta até o tratado da justiça, e *A questão da culpa* entra como matéria dele, como a n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V já mandou, e como a n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e a n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV fizeram com a matéria das casas deles; é registro, não fronteira nem toque.

Questão aberta (k), herdada: a porta para Marx recebe só a culpa política e metafísica de Jaspers (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V) e segue aberta até o estudo de Marx; a técnica de Marcel registra-se e não vai à porta.

Da culpa passa-se à palavra “instrumento”.

3.10 “Instrumento” e o corpo de Marcel

“Instrumento” tem agora letra de Marcel, e a letra dá letra à hipótese que a decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V deixou aberta; é achado deste estudo [leitura do estudo].

A frase que corre, “meu corpo não é meu instrumento”, não foi achada nessa forma em Marcel e não se cita. A letra é outra: “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” (*Diário metafísico*, Gallimard, 1927, apêndice, p. 323; ver 1.2) [V-fr], e só se é o corpo “na medida em que não o trato como um instrumento” (p. 237). E se penso o corpo como instrumento, “converto a alma em corpo e me engajo numa regressão sem termo” (p. 239) [V-fr]. Em 1964 Marcel diz que usá-lo assim é “filosoficamente insustentável” e corrige-se (*A dignidade humana*, 1964, pp. 67–68) [V-fr]; em *Ser e ter* o instrumento que prolonga o corpo tende a suprimir quem o usa (pp. 206–207) [V-fr; paráfrase].

O cânon usa a palavra em três sentidos. No Pilar IV, o corpo, o lugar e o ritmo “não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), isto é, do espírito (a); no Tratado da Luz Interior, a vida que “trata a si mesma como instrumento, nunca como fim” (b) (Tratado da Luz Interior, “O problema que responde”); nas Águas Comuns, o indivíduo que “vê no rio um instrumento” (c) (Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde”). A fronteira passa pela palavra, e passa por (a) [leitura do estudo]: (b) e (c) dizem tratar a pessoa ou o rio como meio, o que Marcel também condena; (a) diz que o corpo é instrumento do espírito, que dele se serviria, e é nessa frase que a crítica de Marcel toca. O Corpus nega que o

corpo seja obstáculo ao espírito, e nisso o estudo lê um acordo com Marcel, que nega a exterioridade do corpo em relação à pessoa [leitura do estudo].

Questão aberta (dq): "eu sou meu corpo" lê-se ao lado do Corpus, com a fronteira dita na palavra "instrumento" do Pilar IV (sentido a), e os sentidos (b) e (c) ficam fora dela? A letra de Marcel dá letra à hipótese que a n.º 8 deixou, achado deste estudo. O estudo pergunta ao fundador.

Do corpo passa-se ao depois.

3.11 A imortalidade, o "atemporal" e o depois

Do que vem depois Marcel e Jaspers dizem algo; o cânon, nada.

De Marcel há o ensaio "Valor e imortalidade" (dezembro de 1943; *Homo viator*, Sígueme, pp. 147–166), de que o estudo não tem a letra [V-es: Sígueme; localização a confirmar]; em *A dignidade humana* a esperança postula o reencontro (ver 3.1). Jaspers escreve que, na situação de Jeremias, "se há 'imortalidade', isso não se pergunta" (*Introdução à filosofia*, p. 32; ver 1.8) [V-de], e deixa em aberto "se o naufrágio pode ser não só naufrágio, mas um eternizar" (*Filosofia*, III, p. 866; ver 1.7) [V-de]. Marcel, por sua vez, põe "Heidegger ou Jaspers" entre os que se pronunciam contra toda realidade do além (*Homo viator*, p. 267; ver 1.9) [V-es: Sígueme; paráfrase]. O estudo registra a leitura de Marcel e a letra de Jaspers sem arbitrar.

O cânon diz "atemporal" três vezes nos escritos, e é letra (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); "imortal" e "morrer" são zero. Do que vem depois o cânon nada diz; "eterna" e "imortal" não se dizem da Lux, fora da Antífona, que não é tratada neste estudo ("eterno", três vezes, e "eterna", uma, nos escritos). O silêncio é do cânon, e o estudo não o preenche com Marcel nem com Jaspers [leitura do estudo].

Da imortalidade passa-se à margem e à *humanitas*.

3.12 A *humanitas* "nunca no estar só" e a margem "estar consigo"

A *humanitas* que Arendt lê em Jaspers mede-se contra a margem.

Arendt, na *Laudatio* de 1958, diz de Jaspers que a *humanitas* não se adquire no estar só (via Estudo XIII, 5.2) [V via secundária: Estudo XIII; localização a confirmar]. Jaspers escreve que ninguém entra em comunicação sem estar só (*Filosofia*, II, p. 348; ver 3.8) [V-de], e Marcel liga a indisponibilidade a estar ocupado de si (ver 3.6).

No cânon a margem é "estar consigo" (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII): "A margem também é rio; o silêncio à beira d'água também é presença" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"); "Estar consigo é o dois-em-um do pensar" e "Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação").

A fronteira [leitura do estudo]: para a *humanitas* da *Laudatio*, o estar só não a dá; para a margem, estar consigo ainda é presença.

Questão aberta (dt): a comunicação de Jaspers e a *humanitas* de Arendt leem-se ao lado da "palavra verdadeira posta em circulação" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns") e da margem como "estar consigo", com a fronteira dita — a existência que se torna si mesma na comunicação × a luz "dada antes de qualquer relação", e a *humanitas*, que não se adquire no estar só, × a margem —, sem que o rio vire espaço público? O Estudo XIII decidiu a ação e o discurso de Arendt (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); a comunicação de Jaspers ficou sem decisão. O estudo pergunta ao fundador.

Da margem passa-se a Moriá.

3.13 Moriá: silêncio ou letra

Sobre Moriá, o estudo não tem letra de Marcel nem de Jaspers [localização a confirmar].

A crítica de Jaspers à verdade em posse dos crentes (*Obras completas*, I/13, p. 70; ver 1.8) [V-de; paráfrase] não é Moriá. A questão (j) já recebeu uma leitura: diante de *Temor e tremor*, a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz", e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); o Estudo VI registrou o silêncio de sua casa e (j) seguiu como está (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI).

Registro (j), herdada: Marcel e Jaspers ficam registrados em silêncio sobre Moriá, como o Estudo VI registrou o silêncio do *Daodejing* e do *Zhuangzi*; o estudo não acrescenta leitura, e (j) segue como está. Nada se pergunta.

Do silêncio passa-se à biografia.

3.14 O padrão das fronteiras

A regra é a de sempre: biografia anotada, obra lida.

O padrão do fundador vem das decisões n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e VI; "a biografia não é doutrina" (Estudo XIII, 4.6). As datas dos dois estão em 1.10: Jaspers e Heidegger, de 1933 a 1948, e o parecer de 22/12/1945 (Heidegger–Jaspers, *Correspondência*, trad. García Norro) [V-es: García Norro; página a confirmar]; Marcel e Vichy, em 1942; a mulher e a família. Registram-se sem acusar nem desculpar. Faltam a letra aberta de *Os homens contra o humano* (1951) e a de *A situação espiritual do tempo* (1931) [localização a confirmar].

Questão aberta (dw): o padrão das fronteiras estende-se a este estudo com a biografia dos dois anotada e a obra lida, e com as lacunas marcadas — Marcel e Vichy, Jaspers entre 1933 e 1948, Heidegger, e a mulher e a família —, sem acusar nem desculpar? O estudo pergunta ao fundador.

Da biografia passa-se à fórmula.

3.15 A fórmula

As fórmulas candidatas medem-se contra as fronteiras acima [leitura do estudo]. O modelo é o do Estudo V, com duas metades: "aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção" (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V).

O estudo propõe: "o Lumen Fluens aceita de Marcel e Jaspers a presença e recusa a cifra". A glosa tem duas frases. Qual presença: a de Marcel é a *présence* ao outro, a de quem está "todo por inteiro comigo" quando eu necessito dele, de modo que "para o primeiro sou uma presença, para o segundo sou um objeto" (*Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, trad. Villoro, pp. 72–73; ver 3.6) [V-es: Villoro]; a de Jaspers é a de quem entra na situação-limite "de olhos abertos" (*Filosofia*, II, p. 469) [V-de]; e as duas leem-se ao lado de "presença, não vitória" (Cânon v1.2, "A Vigília") e de "estar inteiro onde o corpo está" (Pilar IV), como leitura, com o homônimo dito (os seis usos, ver 2.2; a pergunta (do)). Qual cifra: a noite lida como linguagem de uma transcendência — o naufrágio como "a última cifra do ser no existir" (*Filosofia*, I, p. 285), "a indecifrabilidade como última cifra" (*Filosofia*, III, pp. 877–878) [V-de] —, recusada pelo lado do cânon com "importa a presença, e não a explicação" e "o cânon não diz que a noite é prova" (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); "mesmo a indecifrável" entra na glosa, não na fórmula: a última cifra de Jaspers é muda, e a recusa a alcança.

A fórmula tem a fronteira central na segunda metade (3.2). Não nomeia a Lux por contraste, porque não diz "recusa a transcendência"; não contradiz a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, porque deixa a leitura de fé a quem crê: "quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa" (ver 3.1). A primeira metade não se chama fraca: a presença de Marcel é por letra, e a de Jaspers, por gesto, pois entrar "de olhos abertos" tem parentesco com "permanece desperto no escuro" (Tratado da Vigília, "Definição"; ver 3.1) sem ter a palavra [leitura do estudo].

Caem as outras, com a razão em uma frase cada. "Aceita a presença e recusa a transcendência" nomearia a Lux por contraste e diria o que a Independência confessional não diz (3.4, 3.5). "Aceita a disponibilidade" esbarra na decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V, que a deixou homônima e sem ponte (3.6). "Aceita a comunicação" esbarra na luz "dada antes de qualquer relação" (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), e "comunicação" é palavra de Mounier nos escritos (3.8). "Aceita a situação-limite e recusa o naufrágio" esbarra em que a si-

tuação-limite entra no cânon só como leitura (decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e "naufrágio" é tradução do estudo (3.2).

Questão aberta (dm): o Lumen Fluens aceita de Marcel e Jaspers a presença e recusa a cifra, com a glosa de 3.15? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (dv): a Ficha proposta para a página dos estudos, "Marcel e Jaspers", com as fronteiras aqui medidas, é aprovada, emendada ou recusada pelo fundador, e entra na página antiga ou fica só no estudo? O estudo pergunta ao fundador.

Da fórmula passa-se ao capítulo 4.

4. Marcel e Jaspers diante um do outro e das casas da série

Marcel e Jaspers ficam aqui diante um do outro e diante das casas que a série já visitou. Onde a letra aberta falta, o capítulo o diz.

4.1 Marcel e Jaspers, um diante do outro

Marcel leu Jaspers, e a letra que chegou ao estudo é pouca e traz dívida e divergência.

O ensaio de Marcel sobre Jaspers, "Situação fundamental e situações-limite em Karl Jaspers" (*Recherches philosophiques*, II, 1932–33), tem título, lugar e tese, e não tem letra [V via secundária: Englebert; paráfrase]. O que Marcel aceita e o que recusa nele, o capítulo não diz. Em outros lugares, em francês, a dívida aparece: em 1932, "aqui Jaspers pode ser útil" (*Ser e ter*, Aubier-Montaigne, 1968, p. 128); em 1934, "o acordo fundamental entre essas visões e as de Jaspers" (p. 105, nota 1); em 1961, a leitura de Jaspers é "decisiva" (*A dignidade humana*, Aubier-Montaigne, 1964, pp. 114–115) [V-fr]. Marcel reconhece a dívida e reivindica a anterioridade na mesma frase (ver 1.9).

Do outro lado, Marcel lê Jaspers como quem nega o além: põe "Heidegger ou Jaspers" entre os que "se pronunciam contra toda realidade do além" (*Homo viator*, ed. Sígueme, p. 267) [V-es: Sígueme] (ver 1.9). Jaspers escreve, sobre Jeremias, "Que Deus é, isso basta" (*A questão da culpa*, Schneider, 1946, p. 105), e, na *Introdução à filosofia*, que "se há 'imortalidade', isso não se pergunta" (Piper, 1971, p. 32) [V-de] (ver 1.8). Marcel o lê como negador do além; Jaspers afirma "Deus é" e não pergunta pela imortalidade; o estudo registra as duas letras e não arbitra [leitura do estudo]. A resposta de Jaspers a Marcel não foi achada; Mounier anota só a objeção de Marcel a uma filosofia que renuncia a uma teoria do ser em geral (*Introdução aos existencialismos*, 1947) [paráfrase; localização a confirmar].

O cânon fica fora dessa divergência [leitura do estudo]. Diz de si: "A filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; ver 2.13). Da leitura de Marcel passa-se à de Ricoeur.

4.2 Ricoeur lê os dois

Ricoeur é a tradição que fez do par um par, e o que ele diz formula as perguntas que este estudo mede.

Gabriel Marcel e Karl Jaspers: filosofia do mistério e filosofia do paradoxo é de 1947 (Éditions du Temps présent), e não de 1948, segundo a nota editorial da *Festschrift* dos setenta anos de Jaspers, de 1953 [V via secundária: *Festschrift*, 1953; página a confirmar]. Ricoeur discerne nos dois "duas grandes massas comparáveis de análises", uma sobre a liberdade, outra sobre a rela-

ção dela com a Transcendência (abertura do livro). A filosofia de Marcel é, para ele, “menos uma filosofia da liberdade que da libertação” [V via secundária: Kuang, tese, Unistra; página a confirmar].

A pergunta que fecha a comparação é esta: “É a questão de saber se do fundo das trevas um ser pode brilhar” (p. 432). Ricoeur lê que Jaspers responde pelo silêncio: “o ser da Transcendência que brilha no fundo do fracasso não pode mais ser dito” (pp. 428–434) [V via secundária: Kuang; página a confirmar]. A letra de Jaspers confirma o silêncio e não o explica: a indecifrabilidade, “última cifra”, “fica aberta, daí seu silêncio” (*Filosofia*, III, 2.ª ed., Springer, 1948, p. 877; ver 1.7), e, adiante, “Basta que o ser seja” (p. 878) [V-de]. O que separa a última cifra da noite do cânon é que Jaspers lê nela uma linguagem, ainda que muda, e o cânon não lê sinal algum na noite, nem mudo [leitura do estudo].

O cânon responde com a pergunta que a série mesma fez. Ao lado de “o que há no fundo da pessoa?”, o Estudo VII perguntou “o que há no fundo da noite?”, e o fundador respondeu: “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII). A forma das duas perguntas é a mesma; o que brilha difere. Em Ricoeur é “um ser”; no cânon a Lux é “de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I), e a Vigília “não faz depender a luz do que virá” (Tratado da Vigília, “Definição”) [leitura do estudo]. A medição fina é do capítulo 3.

O Estudo IX já fez de Ricoeur uma casa. Guardou dele a glosa em que Marcel dá à fidelidade “o nome de disponibilidade” (*O si-mesmo como um outro*, ed. esp., pp. 292–293; ver 2.4) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2]; o estudo registrou a coincidência de vocabulário sem ponte (4.2). Disse também que as situações-limite de Jaspers tocam a Vigília “na medida em que sejam noite” (5.5). A fórmula adotada é que o Lumen Fluens aceita de Ricoeur o desvio e recusa a conquista (decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX); nada disso se refaz aqui. De Ricoeur passa-se a Arendt, que leu Jaspers de dentro de uma amizade.

4.3 Arendt lê Jaspers

Arendt leu Jaspers de dentro de uma amizade, e o Estudo XIII já fez essa leitura; falta a letra do outro lado.

Arendt diz, no elogio a Jaspers, que a *humanitas* “nunca se adquire no estar só” e que a mentalidade alargada de Kant “é a mentalidade política por excelência” (“Karl Jaspers: uma laudatio”; ver 2.14) [V-es; tradução do estudo; via Estudo XIII, 5.2]. No alemão, o espaço público onde se aparece é “o que os romanos chamavam de *humanitas*”, “o mesmo que Kant e depois Jaspers entendem por humanidade” (*Laudatio*, 1958 [localização a confirmar]) [V-de]. Jaspers, por sua vez, diz da comunicação, no discurso de 1958: “A luta violenta se extingue na comunicação”, e “por tal luta uns com os outros só então cada um chega a si mesmo” (Prêmio da Paz dos Livrei-

ros Alemães, p. 7 do opúsculo) [V-de]. É a letra mais próxima da frase que corre, “só na comunicação chego a mim mesmo”, que não foi achada nessa forma (ver 1.6). A “luta” de Jaspers é a luta amante (*liebender Kampf*), e não é o lobo [leitura do estudo].

Na correspondência, Arendt escreve em 17 de agosto de 1946: “Os crimes nazistas, parece-me, extrapolam os limites da lei; e é precisamente nisso que constitui sua monstruosidade” (Arendt–Jaspers, *Correspondência*, trad. Tizzo, tese, UC, 2022). Jaspers responde em 23 de outubro que uma culpa além de toda culpa criminal “assume uma ‘grandeza’ — de grandeza satânica — que é, para mim, inadequada para os nazistas” [V via secundária: Tizzo; página a confirmar]. O estudo registra a resposta sem lê-la como a noite nem mapeá-la sobre o lobo [leitura do estudo].

O cânon responde pelo que o XIII decidiu: a mentalidade alargada cabe na Bússola, pois “o caso que a Bússola percebe inclui as perspectivas dos outros, e o veto continua sem voz externa” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); e o Lumen Fluens aceita de Arendt a pluralidade e recusa a aparição (n.º 1 da mesma data). Quanto à *humanitas* “nunca no estar só”, o Tratado das Águas Comuns já recusara apoiar a margem na frase de Arendt, “porque a margem também é rio” (“Fundamentação”), e o cânon diz que “o silêncio à beira d’água também é presença” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). A medição da *humanitas* contra a margem é do capítulo 3. De Arendt passa-se a Jaspers lendo os que o precederam.

4.4 Jaspers lê Kierkegaard e Nietzsche

A leitura que Jaspers faz dos dois despertadores é a porta de volta ao Estudo V, e a letra aberta é curta e firme.

Em *Razão e existência* (Piper, 1960; as páginas valem para esta edição, e não para a de 1935), Jaspers escreve: “Ambos estão conscientes de seu ser como ‘exceção’” (p. 31). Diz que a tarefa é “filosofamos, sem ser exceção, com o olhar na exceção” e escreve: “Que devamos a Kierkegaard e a Nietzsche o novo pela possibilidade da fundação mais profunda e, no entanto, não os sigamos em decisões essenciais, isso faz a dificuldade de nossa situação filosófica” (p. 129). E conclui que “o filosofar que eles impulsionaram será, contra a sua ausência de comunicação, um filosofar comunicativo” (pp. 129–130) [V-de].

Jaspers deve aos dois a pergunta e não os segue na decisão, e a razão que dá é a falta de comunicação [leitura do estudo]. A liberdade que ele próprio descreve é “a escolha de mim mesmo”, e “esta decisão na escolha é originariamente comunicativa. A escolha de mim mesmo é com a escolha do outro” (*Filosofia*, II, 2.ª ed., 1948, p. 451) [V-de]. A frase “sou só na medida em que me decido”, que corre como dele, não foi achada literal (ver 1.5).

O cânon responde pela decisão do Estudo V: a escolha é lugar da pessoa, “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24, como lido na decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e

a Bússola só veta. Nada nos escritos diz “exceção”; diz-se que “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). São palavras diferentes, e o estudo não as faz sinônimas [leitura do estudo]. Dos que Jaspers leu passa-se a Sartre e a Heidegger.

4.5 Marcel e Sartre; Jaspers e Heidegger

Cada um dos dois tem um vizinho do existencialismo, e a letra deixa dizer pouco.

Marcel leu Sartre duas vezes, e só uma das leituras tem letra aberta. O texto de 1943 sobre *O ser e o nada*, em *Homo viator*, abre-se com a “importância do novo livro de Sartre” (ed. Sígueme, p. 177) e reconhece o mérito de uma metafísica que nega a graça (p. 193) [V-es: Sígueme; paráfrase]. O ensaio de 1946, “A existência e a liberdade humana em J.-P. Sartre”, saiu em 1947 em *Os grandes apelos do homem contemporâneo* e não está em *Homo viator*; o estudo não tem a letra dele [V via secundária: Politis]. Sartre arrola Marcel e Jaspers entre os existencialistas cristãos, e a Marcel diz “de confissão católica” (conferência de 1946, em Cruvinel [página a confirmar]) [V via secundária: Cruvinel]. O rótulo mistura duas posições: Marcel foi batizado católico em 23 de março de 1929 [V via secundária: Hanley], e Jaspers fala de fé filosófica (*philosophischer Glaube*).

O cânon responde pela fórmula do Estudo V, que “vale em cheio diante de Sartre”: o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção, e “a luz não se acende — ela se revela” (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V). A recusa de Marcel a Sartre é de outra ordem, a graça, e o estudo não soma as duas [leitura do estudo].

Jaspers e Heidegger pedem a regra: biografia anotada, obra lida. A amizade começa em 1920 e o contato rompe-se no fim de 1933 (*Correspondência* Heidegger–Jaspers, 1920–1963, trad. García Norro, Síntesis) [tese a confirmar]. Em 22 de dezembro de 1945, no parecer pedido pela comissão de depuração de Friburgo, Jaspers julga o modo de pensar de Heidegger “não livre, ditatorial e carente de comunicação” (carta a Oehlkers, apêndice, pp. 228–231; ver 1.10) [V-es: García Norro; página a confirmar; tradução do estudo]. O estudo declara isto sem acusar e sem desculpar: “a biografia não é doutrina” (Estudo XIII, 4.6). Que o critério seja a falta de comunicação é fato de letra; que valha mais que isso, não [leitura do estudo].

A regra é a da decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, estendida ao existencialismo pela n.º 11 de 06/11/2026 sobre o Estudo V; o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dw)) se vale para Marcel e Jaspers. Das duas vizinhanças passa-se às casas da série.

4.6 Hegel e Levinas

Os Estudos VII e VIII não recolheram letra de Marcel nem de Jaspers; o que há vem do outro lado.

Hegel. Jaspers o põe entre os ordenadores: “Os edifícios dos ordenadores criadores: Aristóteles. Tomás. Hegel” (introdução a *Os grandes filósofos*, *Existenz*, 12/1, 2017, p. 22) [V-en: tradução do *Existenz*; tradução do estudo]. De Jaspers contra o sistema de Hegel, e de Marcel sobre Hegel, nenhuma passagem chegou ao estudo; o silêncio fica registrado. Há a letra de Jaspers contra a justificação do que é: “Não se pode saber por que o mundo é” (*Filosofia*, III, 1948, p. 876), e “se não há […] justificação do que é […], então tolerar é o caminho antes do repouso” (p. 878) [V-de]. O cânon responde com a fórmula do Estudo VII, que aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia (decisão n.º 1 de 17/10/2026), e com “o cânon não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II). Jaspers recusa a justificação e continua na cifra; o cânon não continua [leitura do estudo].

Levinas. A tradição lê afinidade e diferença: “Levinas costuma falar de Marcel destacando o que ‘aprendeu’ […]. Mas, depois dessa semelhança inicial, surge logo a captação das diferenças” (Urabayen, *Pensamiento* 72/270, 2016, p. 61, citado em Ostiz, 2024) [V via secundária: Urabayen; tradução do estudo]. Para Ostiz, o outro “não é para Levinas um ‘tu’, mas um ‘ele’” (*Pensamiento* 80/311, 2024, p. 1622) [V via secundária: Ostiz; tradução do estudo]. O cânon decidiu a disputa nos seus termos: as Águas Comuns “são assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio” (decisão n.º 5 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII), e a fórmula é que o Lumen Fluens aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição (n.º 1 da mesma data). O estudo não escolhe entre Levinas e Marcel [leitura do estudo]. Das duas casas passa-se às dos clássicos.

4.7 Sócrates e Platão, Aristóteles, Agostinho

As três casas dos clássicos receberam de Jaspers a classe e de Marcel o silêncio.

Sócrates e Platão. O Estudo X leu Jaspers por Quigley, com Sócrates entre “os indivíduos paradigmáticos” e Platão entre “os pensadores seminais”, sem saber se a primeira expressão era de Jaspers ou do resenhista (Estudo X, 4.4) [V via secundária: Quigley; tradução do estudo]. O aparato de Salamun, em *Origem e meta da história*, cita o volume 1 de *Os grandes filósofos* (Piper, 1957; páginas da ed. München, 1959): “Os homens decisivos: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus — Os fundadores que seguem gerando o filosofar: Platão, Agostinho, Kant” (bibliografia) [V via secundária: Salamun; página a confirmar; tradução do estudo]. O termo alemão diz “homens”, e não “indivíduos”.

O cânon diz que “o indivíduo define-se pelo que o separa” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), e a aproximação de palavra cai [leitura do estudo]. A fórmula do X é que o Lumen Fluens aceita

de Platão o giro e recusa a escada, “o ranking de pessoas” (decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e a luz de cada pessoa é “não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”, como citado no Estudo XII, 5.3). Jaspers ordena em classes; o cânon reconhece sem adotar a classe [leitura do estudo].

Aristóteles. O Estudo XI disse que Aristóteles não está entre os pensadores seminais de Jaspers (Estudo XI, 5.3) [tese a confirmar]. A introdução citada em 4.6 o põe entre os ordenadores, e não entre os três fundadores (*Existenz*, 12/1, p. 22) [V-en]. De Marcel sobre Aristóteles não há letra, e a hipótese do XI que liga o ter (*avoir*) a *hexis* segue hipótese. A fórmula do XI, exercício sim, medida não (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), não é tocada.

Agostinho. Jaspers o conta entre os fundadores; de Marcel sobre Agostinho nenhuma passagem chegou ao estudo, como já dissera o XII (5.2). O XII deixou a “transcendência” de Jaspers e de Agostinho como “palavra dos dois, e não dos mesmos lugares” (5.3), e o homônimo ganha aqui um uso de Marcel: em 1933, escreve que, se a palavra transcendência tem um sentido, “é justamente essa negação que ela designa; mais exatamente esse ultrapassamento”, a negação do desespero, da traição e da morte (*Ser e ter*, 1968, “Linéaments”, § F, p. 149) [V-fr]. “Transcendência” tem ao menos quatro usos: o do cânon, o de Jaspers e dois de Marcel (o mistério que ultrapassa a técnica, 3.3, e este ultrapassamento); nenhum é nome da Lux (ver 3.4) [leitura do estudo].

A fórmula do XII é que o Lumen Fluens aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). Dos clássicos passa-se às casas do Oriente, da Stoa e da fé.

4.8 O budismo, a Stoa, o cristianismo, o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo

Seis casas: o que Jaspers pôs em cada uma, a fórmula que a casa já tem e, salvo no cristianismo, o silêncio de Marcel.

Jaspers dá a várias o mesmo chão, o tempo-eixo (*Achsenzeit*): “Neste tempo concentra-se o extraordinário. Na China viveram Confúcio e Laozi […]; na Índia […] viveu Buda […]” (*Origem e meta da história*, em Jaspers, *Obras completas*, I/10, Schwabe, 2016, pp. 17–18) [V-de]. O cânon não tem palavra sobre o tempo-eixo, e o estudo não a supre [leitura do estudo]; a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII trata a ordem do todo como teodiceia e não se estende a ele.

O budismo. Buda está entre os homens decisivos (*Os grandes filósofos*, vol. 1, ed. München, 1959, pp. 127–154) [V via secundária: Salamun]; o estudo não tem a letra do capítulo. A fórmula do Estudo I é que o Lumen Fluens aceita a atenção e recusa a chegada (decisão n.º 1 de

03/11/2026), e “nenhuma pessoa está fora da Lux” vale diante de Buda como de qualquer outro (n.º 6 da mesma data).

A Stoa. Em 1919 Jaspers lê a autossegurança ética estoica como cegueira que conduz à “completa desesperação” (*Psicologia das visões de mundo*, Springer, 1919, p. 242) [V-de; paráfrase]. A fórmula do Estudo II aceita o exame e recusa o consentimento (decisão n.º 1 de 03/11/2026). A objeção de Jaspers é à segurança de si diante da culpa; a do cânon, ao assentimento ao destino como ordem. São duas, e o estudo não as junta [leitura do estudo].

O cristianismo. Marcel escreve em 1933 que uma ontologia assim orientada está “aberta na direção de uma revelação, que ela […] não saberia nem exigir, nem pressupor, […] mas cuja aceitação pode, em certa medida, preparar” (*Ser e ter*, 1968, “Linéaments”, § H, p. 150) [V-fr]. Jaspers escreve, em 1962, que a atitude da verdade “pela revelação, na posse dos crentes” se acha “não na fé bíblica propriamente dita, mas nos escritos bíblicos” (*A fé filosófica*, em Jaspers, *Obras completas*, I/13, p. 70; ver 1.8) [V-de]: a crítica recai nos escritos, e não na fé. A fórmula do Estudo III aceita a anterioridade e recusa o juízo (decisão n.º 1 de 04/11/2026). O estudo não lê Marcel como o cânon antes da revelação, e a Independência confessional fica de pé (ver 2.13). Moriá, (j): nenhuma letra dos dois chegou ao estudo; (j) segue como estava.

O Vedanta. De Jaspers chegou só Nāgārjuna, que é budista, e não vedantino, e consta, com Laozi, entre os que pensam “desde a origem” (*Origem e meta da história*, I/10, bibliografia; página a confirmar) [V via secundária: Salamun; tradução do estudo]. A fórmula do Estudo IV aceita a descoberta e recusa a dissolução (decisão n.º 1 de 04/11/2026).

O existencialismo. O Estudo V mandou para cá o essencial: Jaspers “lê no naufrágio o caminho para o ser e a cifra da transcendência”, e “a Vigília não explica nem promete acesso a nada” (2.7); “Marcel e Jaspers dizem a esperança sem promessa; o cânon recusa a esperança como nome da Vigília” (3.10). A medição dos três ditos é dos capítulos 2 e 3.

O taoísmo. Laozi está entre os que pensam desde a origem (*Os grandes filósofos*, vol. 1, ed. München, 1959, pp. 898–933) [V via secundária: Salamun]; o estudo não tem a letra do capítulo. A carta em que Heidegger diz a Jaspers que um tradutor chinês “traduziu comigo alguns versos de Laotse” e que “abandonamos então a tentativa” (Estudo VI, 4.12, via Parkes) [V-en: Parkes; tradução do estudo] é carta a Jaspers, e não letra dele. A fórmula do Estudo VI aceita a água e recusa o esquecimento de si (decisão n.º 1 de 06/11/2026). Das seis casas passa-se às duas portas abertas.

4.9 Taylor e Marx: as duas portas

Duas casas ficam só apontadas.

Taylor é o Estudo XV, o último da ordem que o fundador fixou (decisão n.º 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). Taylor trata o tempo-eixo de Jaspers em *Uma era secular* [tese a confirmar]; leitura de Taylor sobre Marcel não se achou.

Marx é a porta de (k), o mal estrutural, que "segue aberta até o estudo de Marx" (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V). A decisão registrou só a culpa política e metafísica de Jaspers: "Culpa metafísica é a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem" (*A questão da culpa*, 1946, p. 64; ver 1.8) [V-de]. Quanto à técnica de Marcel, que faz o ser perder "a consciência de sua realidade íntima e profunda" (*Os homens contra o humano*, La Colombe, 1951, p. 46; ver 1.4) [V via secundária: Duclos, tese, uOttawa], o estudo a registra e não a leva à porta de (k). Nenhum dos dois, na letra aberta, fala de Marx, e o estudo não preenche o silêncio [leitura do estudo]. O cânon responde pela Disputatio: "subsiste, sim, uma ausência: o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização" (4, "Ad tertium"; ver 3.9). (g) segue aberta até o tratado, e (k) até Marx. Das duas portas passa-se ao padrão.

4.10 O padrão

Cinco constatações, e nenhuma é decisão.

Primeira: Jaspers chega às casas como classificador de pessoas, e Marcel quase não chega. Diante da classe, o cânon repete o que disse nos Estudos X, XI e XII: reconhece o homem sem adotar a classe, porque cada luz é "não comparativa, não sujeita a ranking" [leitura do estudo].

Segunda: os dois chegam como lidos, e cada leitor lê um lado. Ricoeur (Estudo IX) lê a liberdade e a Transcendência; Arendt (XIII), a *humanitas* e a culpa; Sartre (V), o rótulo; Levinas (VIII), só Marcel. A casa mais próxima da fronteira é a de Ricoeur, e a fronteira passa pelo que brilha, um ser ou uma luz de alguém [leitura do estudo].

Terceira: onde os dois leem um ao outro, a divergência é sobre o além e sobre o ser, dita sem arbitragem (4.1).

Quarta: a biografia entra pela regra já usada, anotada e sem veredicto (4.5); Marcel e Vichy, a mulher e a família nos dois, são do capítulo 3.

Quinta: onde falta letra, o capítulo não preenche. Falta o ensaio de 1932–33 e qualquer texto de Jaspers sobre Marcel; Marcel sobre Hegel, Platão, Aristóteles, Agostinho, budismo, Stoa, Vedanta, taoísmo e Marx; Taylor sobre os dois. As pendências são da pesquisa, e não da doutrina. Do padrão passa-se ao que a série já disse deles (capítulo 5).

5. O que a série já disse e a Ficha proposta

5.1 As prévias do Estudo XIII

O Estudo XIII deixou duas perguntas sobre Marcel e Jaspers, e as decisões do fundador responderam só à parte de Arendt.

A questão (az) perguntou se o compromisso do Abrigo — quem vive o Lumen Fluens "se compromete a ser lugar seguro no rio" (Cânon v1.2, "O Abrigo") — se lê ao lado da promessa de Arendt e da fidelidade de Marcel, com a disponibilidade (*disponibilité*) de Marcel como homônimo. A decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII respondeu: "O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro", como leitura. Nomeou a promessa de Arendt, não a fidelidade de Marcel [leitura do estudo].

Marcel anota em 1932: "Não há fidelidade senão a uma pessoa" (*Ser e ter*, 1968, p. 119) [V-fr] (ver 1.3). O toque é a pessoa: a fidelidade, como a promessa do Abrigo, tem a quem. A fronteira: "fidelidade" e "fiel" ocorrem seis vezes nos escritos (duas e quatro), todas "à luz", e o Abrigo "revela e nada exige" (decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII) [leitura do estudo]. A fidelidade "regada pelo desejo de responder a uma expectativa" é de Ricoeur (*O si-mesmo como um outro*, ed. esp., pp. 292–293) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2], não de Marcel. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dp)) se a leitura da n.º 5 alcança a fidelidade criadora (*fidélité créatrice*) de Marcel, com a fronteira dita.

O Estudo XIII contou cinco usos de "presença" e deixou para cá se Marcel traz outro (Estudo XIII, 5.1). Marcel escreve: "A caridade como presença, como disponibilidade absoluta" (*Ser e ter*, 1968, p. 85) [V-fr]. O estudo achou um sexto, "Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar" (Tratado da Luz Interior, "Definição"; ver 2.2). O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (do)) se a presença (*présence*) de Marcel se lê ao lado de "estar inteiro onde o corpo está" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV; ver 3.6).

A questão (bd) perguntou se a palavra verdadeira posta em circulação e a vez respeitada se leem ao lado da ação e do discurso de Arendt, e fechou apontando a comunicação (*Kommunikation*) de Jaspers. A n.º 9 disse que sim, "como leitura", e a n.º 10 mandou pôr a distinção de Arendt numa frase do Tratado das Águas Comuns, com redação a aprovar pelo fundador. A comunicação de Jaspers ficou sem decisão: o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dt)) se ela, com a *humanitas* de Arendt, se lê ao lado da "palavra verdadeira posta em circulação" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns") e da margem como "estar consigo" (n.º 4). A mentalidade alargada, que a n.º 6 pôs na Bússola, é de Arendt, e em Jaspers não se achou [tese a confirmar].

A *humanitas* que, para Arendt, "nunca se adquire no estar só" ("Karl Jaspers: uma *laudatio*", 1958; ver 2.14) [V-es via secundária: Estudo XIII, 5.2] ficou diante da margem. Jaspers escreve:

“não posso entrar em comunicação sem estar só” (*Filosofia*, II, 2.ª ed., 1948, p. 348) [V-de] (ver 1.6). Em Jaspers estar só é condição da comunicação; a frase contra o estar só é de Arendt [leitura do estudo].

Das prévias do XIII passa-se aos quatro estudos anteriores.

5.2 Os Estudos IX a XII

Quatro estudos tocaram os dois por intérpretes ou paráfrase.

O Estudo IX (4.2 e 5.5) registrou o homônimo e deixou aberto se a disponibilidade que responde a uma espera é exigência. Marcel escreve: “O ser absolutamente disponível para os outros não se reconhece o direito de dispor livremente de si” (*Ser e ter*, 1968, p. 155) [V-fr]. A fronteira: o Abrigo “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII), e onde Marcel põe o dom sem reserva o cânon põe a Bússola [leitura do estudo].

O Estudo X (4.4 e 5.4) perguntou se “indivíduo paradigmático” é termo de Jaspers. *Os grandes filósofos* (vol. 1, 1957) chama “os homens decisivos” a Sócrates, Buda, Confúcio e Jesus, e “os fundadores que continuam a gerar o filosofar” a Platão, Agostinho e Kant [V via secundária: Salamun]; “paradigmático” e “seminal” são o inglês de Quigley [V via secundária: Quigley]. Sobre a morte, Jaspers escreve: “A morte como fato objetivo do existir ainda não é situação-limite” e “A minha morte é inexperimentável para mim […] O resto é silêncio” (*Filosofia*, II, 1948, pp. 483 e 485) [V-de]. Se isso basta ao “silêncio respeitoso” da Ficha do Estudo III, fica sem questão (ver 3.11; sem letra própria).

O Estudo XI (4.4 e 5.3) deixou duas hipóteses. O “ter” (*avoir*) de Marcel vizinho da *hexis* segue sem letra: o ter dele é a posse, “possuir é quase inevitavelmente ser possuído” (*Ser e ter*, 1968, p. 85) [V-fr]. De Jaspers sobre Aristóteles não há letra [tese a confirmar].

O Estudo XII (4.5, 5.2 e 5.3) leu a presença sem explicação como “parente do mistério” (*mystère*). Marcel escreve que o mistério “deve ser buscado antes do lado da luz que do lado da obscuridade” (*A dignidade humana*, 1964, p. 113) [V-fr]: o gesto é parente, a palavra não, porque a luz do mistério não é a Lux, que é de alguém e fica sem nome [leitura do estudo]. A transcendência “em cifras” (*Chiffre*) tem letra: a cifra “não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem” (*Filosofia*, III, 1948, p. 786) [V-de] (ver 1.7). Marcel usa a palavra para o ultrapassamento do desespero (*Ser e ter*, 1968, p. 149) [V-fr; paráfrase]: são ao menos quatro usos, nenhum nome da Lux (ver 3.4).

Dos estudos passa-se ao que o V deixou.

5.3 O que o Estudo V deixou para aqui

Os pontos que o Estudo V deixou vão em ordem, com a decisão de 06/11/2026 que os mandou, quando houve.

A divisão do trabalho. A decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V disse que "Marcel e Jaspers entram só pelo essencial e medem-se no Estudo XIV". *Homo viator* vem pela edição espanhola (ver 1.9).

O problema e o mistério. Para o problema (*problème*) e o mistério, a letra, e não a p. 145 do Estudo V, é de 22 de outubro de 1932: o mistério é "algo em que me encontro engajado" (*Ser e ter*, 1968, pp. 124–125) [V-fr]: *engagé*, e não "implicado" (ver 1.3).

A disponibilidade de Marcel. A n.º 8 de 06/11/2026 a fez homônima da Disponibilidade, "sem ponte e com a medição no Estudo XIV". Marcel escreve "Estar indisponível: estar ocupado de si" (*Ser e ter*, 1968, p. 90) [V-fr] (ver 1.3); o Pilar III, "prontidão interior para o novo" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", III): ao outro e ao novo [leitura do estudo]. O "não se pertence" é de Villoro, p. 80 (*Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, 1955) [V-es: Villoro]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dn)) se a *disponibilité* se lê ao lado da Disponibilidade e do Abrigo, como leitura, com a direção dita.

A esperança. O Estudo V deu, para a esperança (*espérance*), "espero em ti por nós", p. 77. A letra é "Espero em ti para nós" (*Homo viator*, ed. Sígueme, pp. 72–73) [V-es: Sígueme] (ver 1.4), e "a esperança é a memória do futuro" não está assim: há "como uma memória do futuro" (p. 65). O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dr)).

O corpo e "instrumento". A n.º 8 deixou "instrumento" como hipótese, sem aspas de Marcel. Agora há: "Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo" (*Diário metafísico*, Gallimard, 1927, Apêndice, p. 323) [V-fr] (ver 1.2); "meu corpo não é meu instrumento" não se achou e não se cita. A decisão fica como está [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dq)) se a letra se lê ao lado do Corpus, com os três sentidos de "instrumento" ditos (ver 3.10).

As situações-limite e o naufrágio. A n.º 5 de 06/11/2026 adotou a leitura das situações-limite (*Grenzsituationen*) ao lado de "há escuridões que nenhuma bússola veta" e disse: "a parte de Jaspers mede-se no Estudo XIV". Jaspers escreve que são "como uma parede em que esbarramos, em que naufragamos" (*Filosofia*, II, 1948, p. 469) [V-de] (ver 1.5 e 2.8). A culpa de Jaspers não tem palavra no cânon: o lobo é definido pelo ato (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX) [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (ds)) se a Ficha registra a fronteira entre a noite lida como cifra e naufrágio (*Scheitern*), mesmo a indecifrável, e "presença, não vitória", sem dizer que a noite é situação-limite.

O desespero e a restauração. O que o V disse confere: a reação às situações-limite é “o desespero e a restauração”, e elas “mostram” o naufrágio (*Introdução à filosofia*, 1971, pp. 18 e 20) [V-de] (ver 1.7).

A comunicação. As páginas que o Estudo V deu (88 e 94) são 89 e 95: “Não há liberdade isolada” e “A verdade começa a dois” (*Introdução à filosofia*, 1971) [V-de]. “Só na comunicação chego a mim mesmo” não se achou literal; o mais perto é “só nela sou eu mesmo” (p. 22; ver 1.6). Nos escritos, “comunicação” ocorre duas vezes, ambas de Mounier (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”).

A culpa em quatro. As quatro culpas (*Schuld*) estão em 1.8; a metafísica é “a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem” (*A questão da culpa*, 1946, p. 64) [V-de]. A n.º 12 de 06/11/2026 as pôs como matéria do tratado da justiça, e (g) segue aberta; a Disputatio registra que falta ao cânon um princípio de justiça diante do mal a terceiros (“Ad tertium”) [leitura do estudo].

A cifra e a revelação. Em 1962 Jaspers pergunta se a revelação “pode ser uma cifra da transcendência” (*Obras completas*, I/13, p. 69) [V-de] (ver 1.8). “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”) é outra coisa, sem ponte [leitura do estudo].

A morte. A n.º 6 de 06/11/2026 pôs o ser-para-a-morte de Heidegger ao lado de velar, “sem dizer nada do depois”; Jaspers está em 5.2 (ver 3.11).

A independência confessional. Este estudo não faz de palavra alguma de Marcel ou de Jaspers nome da Lux [leitura do estudo]. De “Deus é” (ver 1.8), Jaspers diz uma coisa em 1947, “Deus não é cifra, mas a própria realidade” (*Da verdade*, 1947, p. 1051) [V via secundária: Weidmann], e outra em 1962, “O próprio Deus lhe é uma cifra” (*Obras completas*, I/13, p. 248) [V-de]; o estudo registra as datas sem escolher. Marcel dirige a esperança absoluta a um tu absoluto (*Homo viator*, p. 38) [V-es: Sígueme; paráfrase]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (du)) se a existência (*Existenz*), o abrangente (*das Umgreifende*) e a transcendência de Jaspers se leem como estrutura, nunca nome da Lux (ver 3.4).

A culpa política, a mentalidade alargada e a fórmula. A culpa política fica registrada, e (k) segue aberta até o estudo de Marx (n.º 12 de 06/11/2026). A mentalidade alargada está em 5.1. A fórmula de duas metades do Estudo V (n.º 1 de 06/11/2026) tem a correspondente em 3.15, e o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (dm)).

Do V passa-se às decisões que tocam este estudo.

5.4 As decisões herdadas que tocam

Entram só as decisões que este estudo usa.

- Noite e lobo: n.º 5 de 17/10/2026 (Estudo VII), “O lobo é quem inflige o mal, com ou sem intenção”; n.º 7 de 03/11/2026 (Estudo II), a Vigília “promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova”.
- A Lux: n.º 3 de 17/10/2026 (Estudo VII), “A luz é dada antes de qualquer relação”; n.º 3 de 03/11/2026 (Estudo I), a Lux é de alguém; n.º 4 de 06/11/2026 (Estudo VI), “estrutura, nunca nome da Luz”.
- O Abrigo e o corpo: n.º 4 de 19/10/2026 (Estudo VIII), “ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”; n.º 6 de 23/10/2026 (Estudo X), “Só templo”.
- A eternidade: n.º 12 de 04/11/2026 (Estudo IV), “‘eterna’ e ‘imortal’ não se dizem da Lux” (ver 3.11).
- O padrão: n.º 7 de 31/10/2026 (Estudo XI) e n.º 11 de 06/11/2026 (Estudo V), a obra lida e a biografia anotada; (g), (j) e (k) seguem como estão.

Das decisões passa-se à Ficha.

5.5 A Ficha proposta

Não há Ficha de outubro de Marcel e Jaspers, e os Estudos VIII a XIII não têm Ficha na página antiga [tese a confirmar]. A Ficha abaixo segue a forma da reescrita do Estudo VI (5.4), com “—” nos toques e “×” nas fronteiras. Foi proposta como Ficha e aprovada pelo fundador (decisão n.º 10 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV): entra na página dos estudos do site nas três línguas.

> Toques — proposta
>
> - A presença: “Para o primeiro sou uma presença, para o segundo sou um objeto” (*Posição e aproximações*, pp. 72–73) [V-es: Villoro; página a confirmar] — “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV) [hipótese do estudo].
>
> - A fidelidade e o Abrigo: “Não há fidelidade senão a uma pessoa” (*Ser e ter*, 1968, p. 119) [V-fr] — “O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro” (n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII) [hipótese do estudo].
>
> - O corpo que se é e o Corpus: “há um sentido em que eu sou meu corpo” (*Diário metafísico*, 1927, p. 236) [V-fr] — “não são obstáculos ao espírito” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV) [hipótese do estudo].
>
> - A situação-limite e a noite: “tornamo-nos nós mesmos ao entrar nas situações-limite de olhos abertos” (*Filosofia*, II, 1948, p. 469) [V-de] — “uma luz acesa dentro da noite” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”) [hipótese do estudo].

- A comunicação e o rio: “Não há liberdade isolada” (*Introdução à filosofia*, 1971, p. 89) [V-de] — “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [hipótese do estudo].

- A fé e a Independência confessional: “A fé não é uma posse” (*Introdução à filosofia*, 1971, pp. 40–41) [V-de] — “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [hipótese do estudo].

Fronteiras — proposta

>

- A noite lida como cifra × a noite sem explicação, mesmo a indecifrável: “a indecifrabilidade como última cifra” (*Filosofia*, III, 1948, p. 877) [V-de] × “presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”) [hipótese do estudo].

- “Espero em ti para nós” (*Homo viator*, pp. 72–73) [V-es: Sígueme] × a Vigília, que não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”); nenhum dos dois conta com o que virá [hipótese do estudo].

- O mistério “do lado da luz” (*A dignidade humana*, 1964, p. 113) [V-fr] × a Lux de alguém, sem nome (n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I); a luz do mistério não é a Lux [hipótese do estudo].

- “Que Deus é, isso basta” (*A questão da culpa*, 1946, p. 105) [V-de] × “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”); Jaspers afirma, o cânon não decide [hipótese do estudo].

- A *disponibilité* × a Disponibilidade: “Estar indisponível: estar ocupado de si” (*Ser e ter*, 1968, p. 90) [V-fr] × “prontidão interior para o novo” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III); ao outro × ao novo, sem ponte [hipótese do estudo].

- Ser si mesmo na comunicação: “só nela sou eu mesmo” (*Introdução à filosofia*, 1971, p. 22) [V-de] × “A luz é dada antes de qualquer relação” (n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII) [hipótese do estudo].

- O corpo e o “instrumento”: “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” (*Diário metafísico*, 1927, Apêndice, p. 323) [V-fr] × “são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV); “instrumento” tem três sentidos [hipótese do estudo].

- A biografia dos dois, anotada × a obra, lida: Jaspers e Heidegger, 1933–1948, o parecer de 1945; Marcel e Vichy, 1942 (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI; (dw)) [hipótese do estudo].

> - A culpa metafísica de Jaspers e o lobo do cânon: registro, não decisão; (g) e (k) seguem abertas [leitura do estudo].

A proposta não dá nome à Lux: Marcel, católico desde 1929 [V via secundária: Hanley], e Jaspers, com a fé filosófica (*philosophischer Glaube*), são voz da casa. O estudo não escolhe entre os dois: onde divergem, quem lê a divergência é Ricoeur, em 1947 [V via secundária: nota editorial da *Festschrift* de 1953], e a Ficha fica fora dela.

Da Ficha passa-se à síntese e às perguntas ao fundador (capítulo 6).

6. Síntese, fórmula e questões abertas

6.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu sem Ficha e de uma tese — Marcel e Jaspers tocam o cânon onde põem a pessoa diante de outro e dentro de uma noite que não se vence, e separam-se dele onde leem nessa noite uma linguagem — e chegou a oito fronteiras — a da cifra, a da esperança, a do mistério, a da fé, a da disponibilidade, a da comunicação, a do corpo e a da biografia — e a seis toques, mais uma linha de registro (5.5) [leitura do estudo].

A primeira coisa que o estudo encontrou é que nenhuma das três casas explica a noite, e que isso não as faz uma só. Marcel distingue o mistério, "algo em que estou eu mesmo engajado", do problema, que se resolve de fora (*Ser e ter*, 1968, p. 146; ver 3.3); Jaspers diz que as situações-limite se dão "sem poder explicá-las e derivá-las de outra coisa" (*Filosofia*, II, p. 469; ver 2.8); o Tratado da Vigília diz que "importa a presença, e não a explicação" (Tratado da Vigília, "Fundamentação") (2.5, 2.8).

A fronteira passa mais fina: Jaspers lê o naufrágio como "a última cifra do ser no existir" (*Filosofia*, I, p. 285; ver 1.7), ainda que a última cifra seja muda e possa ser "o vazio absoluto ou o cumprimento definitivo" (*Filosofia*, III, p. 877); o cânon não lê sinal algum na noite, nem mudo, e diz de "uma luz acesa dentro da noite" que "não precisa do fim para valer" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"). Jaspers pede a leitura para que se viva; a Vigília vive sem ela (3.2) [leitura do estudo].

A segunda é a esperança. Marcel espera "em ti para nós" (*Homo viator*, pp. 72–73; ver 1.4), e atrás do tu está o tu absoluto; a Vigília não se chama "esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete", "devolve a quem está nela um lugar" e "não promete que alguém venha, nem o nega" (Tratado da Vigília, "Definição" e "Fundamentação"). O toque é que nenhum dos dois conta com o que virá, e "otimismo" é palavra de Marcel, não do Tratado da Vigília; a fronteira passa pelo tu, nomeado em Marcel e não nomeado na Vigília, que deixa a leitura de fé a quem crê (2.6, 3.1) [leitura do estudo].

A terceira é a presença, e é o toque mais estreito. O ser disponível de Marcel é "capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele" (*Posição e aproximações*, trad. Villoro, pp. 72–73; ver 1.3), e o Pilar IV diz "estar inteiro onde o corpo está" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV), o mais próximo dos seis usos de "presença" nos escritos; em Jaspers, o parente é de gesto, entrar na situação-limite "de olhos abertos" (*Filosofia*, II, p. 469), ao lado de "permanece desperto no escuro" (Tratado da Vigília, "Definição") (2.2, 3.6, 3.15) [leitura do estudo].

A quarta é a palavra “disponibilidade”, que as duas casas escrevem igual e o Estudo V deixou homônima, “sem ponte e com a medição no Estudo XIV” (decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V). A medição deu direção: a *disponibilité* volta-se ao outro na necessidade dele — “Estar indisponível: estar ocupado de si” (*Ser e ter*, 1968, p. 90) —, e a Disponibilidade do Pilar III volta-se ao novo; o que em Marcel se chama disponibilidade está mais perto do Abrigo, e mesmo aí a fronteira é frontal, porque o ser absolutamente disponível “não se reconhece o direito de dispor livremente de si” (p. 155) e o Abrigo “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII) (2.1, 3.6) [leitura do estudo].

A quinta é a comunicação. Em Jaspers, ninguém se torna si mesmo sem entrar em comunicação, e ninguém entra nela “sem estar só” (*Filosofia*, II, p. 348; ver 1.6); no cânon, “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), mas a luz é “dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) e “abrir-se não é diluir-se” (Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve”). O toque é de gesto — a luta amante visa a veracidade, e a “palavra verdadeira posta em circulação” é manutenção das águas —, e a fronteira é de fundo: o cânon não faz de ninguém um si mesmo pela relação, porque a luz já é de alguém (2.10, 3.8). A *humanitas* que Arendt lê em Jaspers “nunca se adquire no estar só” (Arendt, “Karl Jaspers: uma *laudatio*”, 1958, via Estudo XIII, 5.2; ver 2.14) [V-es via secundária: Estudo XIII, 5.2; página a confirmar]; a margem “também é rio”, e estar consigo ainda é presença (2.14, 3.12) [leitura do estudo].

A sexta é o corpo, e traz o achado do estudo. “Meu corpo não é meu instrumento” não existe nessa forma em Marcel; o que existe é “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” (*Diário metafísico*, 1927, apêndice, p. 323; ver 1.2) e só sê-lo “na medida em que não o trato como um instrumento” (p. 237). A letra dá letra à hipótese que a decisão n.º 8 de 06/11/2026 deixou aberta, sem a reabrir: o Pilar IV diz que o corpo, o lugar e o ritmo “não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”, e a fronteira passa por essa palavra, num só dos três sentidos que ela tem nos escritos; o Corpus nega que o corpo seja obstáculo ao espírito, e Marcel nega a sua exterioridade em relação a quem o é; nisso o estudo lê um acordo (2.3, 3.10) [leitura do estudo].

A sétima é a fé, a fronteira mais próxima da série e a que fica do lado de lá. Jaspers escreve “Que Deus é, isso basta” (*A questão da culpa*, 1946, p. 105; ver 1.8) e que “A fé não é uma posse” (*Introdução à filosofia*, pp. 40–41); Marcel, católico desde 1929, escreve que “uma fidelidade absoluta envolve uma pessoa absoluta” (*Ser e ter*, 1968, p. 119); o cânon diz que “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). Um afirma um pressuposto do filosofar, o outro não decide, e o estudo não escolhe entre a fé revelada e a fé filosófica: o cânon fica fora dessa divergência, e não é teísta, ateu nem agnóstico (2.13, 3.5) [leitura do estudo].

A oitava é a biografia: Jaspers e Heidegger, de 1933 a 1948, e o parecer de 1945 que chama o pensar de Heidegger “não livre, ditatorial e carente de comunicação” (carta a Oehlkers, de

22/12/1945, em García Norro, org., *Correspondência Heidegger–Jaspers*, apêndice, pp. 228–231; ver 1.10) [V-es: García Norro; página a confirmar]; Marcel e a censura de Vichy, em 1942; a mulher e a família. O estudo anota e não julga, pela regra do Estudo XIII, 4.6, “a biografia não é doutrina”, e pergunta se o padrão das fronteiras se estende a este estudo (1.10, 3.14) [leitura do estudo].

O que o estudo encontrou de inesperado foi que os dois não são um. Marcel leu Jaspers e divergiu dele sobre o além, pondo “Heidegger ou Jaspers” entre os que, “explícita ou implicitamente”, se pronunciam contra toda realidade do além (*Homo viator*, p. 267; ver 1.9); de Jaspers sobre Marcel o estudo não tem letra; sobre Deus, um afirma a fé revelada e o outro, a fé filosófica, e Jaspers diz uma coisa em 1947 e outra em 1962 (1.8, 4.1). O estudo não escolhe entre eles, e onde divergem o cânon fica fora da divergência [leitura do estudo].

Três registros ficaram ditos como registro, e não como fronteira. A culpa metafísica de Jaspers, “a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem” (*A questão da culpa*, 1946, p. 64; ver 1.8), não tem palavra no cânon; o lobo é definido pelo ato (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), e a Disputatio declara a lacuna; (g) e (k) seguem abertas (2.9, 3.9). Moriá não tem letra em nenhum dos dois, e (j) segue como está (3.13). E o mistério de Marcel, a transcendência e o abrangente de Jaspers ficam como material, na voz de quem os diz, e nenhum vira nome da Lux (3.3, 3.4).

6.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propôs, e o fundador a adotou (decisão n.º 1 de 12 de novembro sobre o Estudo XIV): **o Lumen Fluens aceita de Marcel e Jaspers a presença e recusa a cifra** (3.15).

A presença aceita é a de Marcel, por letra — a de quem está “todo por inteiro” com quem dele precisa, de modo que “para o primeiro sou uma presença, para o segundo sou um objeto” (*Posição e aproximações*, trad. Villoro, pp. 72–73; ver 1.3 e 3.15) —, e a de Jaspers, por gesto — a de quem entra na situação-limite “de olhos abertos” (*Filosofia*, II, p. 469; ver 2.8 e 3.15) —, lidas ao lado de “presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”) e de “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), como leitura, com o homônimo declarado: os seis usos do cânon são do cânon, e a pergunta (do) os mede.

A cifra recusada é a noite lida como linguagem de uma transcendência — o naufrágio como “a última cifra do ser no existir” (*Filosofia*, I, p. 285), “a indecifrabilidade como última cifra” (*Filosofia*, III, pp. 877–878; ver 1.7) —, mesmo a indecifrável: a última cifra de Jaspers é muda, e a recusa a alcança; do lado do cânon está “importa a presença, e não a explicação” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”) e “o cânon não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II).

A fórmula tem a fronteira central na segunda metade (3.2). Não nomeia a Lux por contraste, porque não diz “recusa a transcendência”, e não contradiz a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, porque deixa a leitura de fé a quem crê: “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). Vale para os dois, e de modo diferente: a presença de Marcel entra pela palavra e a de Jaspers pelo gesto; a cifra é palavra de Jaspers; a fórmula não a atribui a Marcel, cuja esperança fica na fronteira de 3.1 [leitura do estudo].

Quatro candidatas caem, com a razão em uma frase cada. “Aceita a presença e recusa a transcendência”: nomearia a Lux por contraste e diria o que a Independência confessional não diz (3.4, 3.5). “Aceita a disponibilidade”: esbarra na decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V, que a deixou homônima e sem ponte (3.6). “Aceita a comunicação”: esbarra na luz “dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), e “comunicação” é palavra de Mounier nos escritos (3.8). “Aceita a situação-limite e recusa o naufrágio”: a situação-limite entra no cânon só como leitura (decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e “naufrágio” é tradução do estudo (3.2). A escolha é a pergunta (dm) [leitura do estudo].

6.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (dm) a (dw) e seguem as do Estudo VI, que vão de (dc) a (dl). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; toda extensão de decisão a Marcel ou a Jaspers é hipótese ou leitura do estudo; todas são do estudo, e só o fundador decide. O fundador decidiu em 12 de novembro de 2026; cada questão leva a marca da decisão.

(dm) A fórmula. O Lumen Fluens aceita de Marcel e Jaspers a presença e recusa a cifra, com a glosa de 3.15? O estudo pergunta ao fundador. (3.2, 3.15, 6.2) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 1): a fórmula está adotada; a presença de Marcel por letra e a de Jaspers por gesto, lidas ao lado de “presença, não vitória” e de “estar inteiro onde o corpo está”; a cifra recusada é a noite lida como linguagem de uma transcendência, mesmo a indecifrável.]

(dn) A *disponibilité*. A *disponibilité* de Marcel lê-se ao lado da Disponibilidade do Pilar III e do Abrigo, como leitura, com a direção dita na mesma frase — ao outro × ao novo? O Estudo V a deixou “sem ponte e com a medição no Estudo XIV” (decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V). O estudo pergunta ao fundador. (2.1, 3.6) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 2): como leitura, com a direção dita na mesma frase — ao outro × ao novo; a n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V está cumprida e não se reabre.]

(do) A presença. A *présence* de Marcel lê-se ao lado de “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), como leitura, e os outros cinco usos de “presença” nos escritos — “presença, não vitória”, o silêncio da margem, a presença contínua, a presença encar-

nada, a “presença anterior a qualquer olhar” — ficam declarados homônimos? (2.2, 3.6) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 3): como leitura, ao lado de “estar inteiro onde o corpo está”; os outros cinco usos ficam homônimos.]

(dp) A fidelidade criadora. A fidelidade criadora de Marcel, que não existe “senão a uma pessoa”, lê-se ao lado do compromisso do Abrigo, a promessa dita a outro (decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), como leitura, com a fronteira dita — o termo, uma pessoa × a luz, e o Abrigo que “revela e nada exige” (decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII)? Que a fidelidade responda a uma expectativa é glosa de Ricoeur, e não letra de Marcel. (2.4, 3.7) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 4): como leitura, com a fronteira — o termo, uma pessoa × a luz, e o Abrigo que “revela e nada exige”; a glosa de Ricoeur não é letra de Marcel.]

(dq) O corpo e o “instrumento”. “Eu sou meu corpo” lê-se ao lado do Corpus, com a fronteira dita na palavra “instrumento” do Pilar IV — o sentido em que o corpo é instrumento do espírito —, ficando fora dela os outros dois sentidos dos escritos? A letra de Marcel dá letra à hipótese que a decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V deixou aberta; é achado deste estudo, e “meu corpo não é meu instrumento” continua sem se citar. (1.2, 2.3, 3.10) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 5): como leitura, com a fronteira na palavra “instrumento” do Pilar IV e os outros dois sentidos fora dela; a letra de Marcel dá letra à hipótese da n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V, sem reabri-la; “meu corpo não é meu instrumento” continua sem se citar.]

(dr) A esperança. A Ficha registra a fronteira da esperança com as duas letras na mesma frase — “espero em ti para nós” e a Vigília, que não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” — e o toque, que nenhum dos dois conta com o que virá, sem declarar parentesco e com o “esperar” do Tratado dito no sentido que o Tratado lhe dá [leitura do estudo]? O estudo pergunta ao fundador. (2.6, 3.1) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 6): a Ficha registra a fronteira e o toque como propostos; “otimismo” é palavra de Marcel, não do Tratado da Vigília.]

(ds) A noite como cifra. A Ficha registra a fronteira entre a noite lida como cifra e naufrágio, mesmo a indecifrável, e “presença, não vitória” — “o cânon não diz que a noite é prova” —, sem dizer que a noite é uma situação-limite, o que a decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V já fixou como leitura, e sem decidir onde cai a culpa de Jaspers? Que a noite também não seja sinal de transcendência é leitura deste estudo. (2.8, 3.2) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 7): a Ficha registra a fronteira como proposta, sem dizer que a noite é situação-limite e sem decidir onde cai a culpa; que a noite não seja sinal de transcendência fica como leitura adotada.]

(dt) A comunicação e a *humanitas*. A comunicação de Jaspers e a *humanitas* de Arendt leem-se ao lado da "palavra verdadeira posta em circulação" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns") e da margem como "estar consigo" (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), como leitura, com a fronteira dita — a existência que se torna si mesma na comunicação × a luz "dada antes de qualquer relação"; a *humanitas* que não se adquire no estar só × a margem que "também é rio" —, sem que o rio vire espaço público? O Estudo XIII decidiu a ação e o discurso de Arendt (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); a comunicação de Jaspers ficou sem decisão. (2.10, 2.14, 3.8, 3.12) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 8): como leitura, com a fronteira dita e o rio sem espaço público; a n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII segue como está.]

(du) A existência, o abrangente e a transcendência. A existência, o abrangente e a transcendência de Jaspers leem-se como estrutura, nunca como nome da Lux, como a série fez com o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao (decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI)? O estudo não presume a extensão; "transcendência" tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux. (2.13, 3.4) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 9): como estrutura, nunca nome da Lux; os quatro usos de "transcendência" ficam ditos, e nenhum é nome da Lux.]

(dv) A Ficha proposta. Não há Ficha de outubro de Marcel e Jaspers. O estudo propõe, em 5.5, seis toques e oito fronteiras, mais uma linha de registro; o fundador aprova, emenda ou recusa, e a Ficha entra na página antiga dos estudos ou fica só no estudo? (3.15, 5.5) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 10): a Ficha está aprovada como proposta em 5.5 — seis toques, oito fronteiras e uma linha de registro — e entra na página dos estudos do site nas três línguas.]

(dw) O padrão das fronteiras. O padrão da série — a obra lida, a biografia anotada (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e VI) — estende-se a este estudo, com as lacunas marcadas: Jaspers e Heidegger, de 1933 a 1948, e o parecer de 1945; Marcel e Vichy, em 1942; a mulher e a família, sem acusar nem desculpar? (1.10, 3.14, 4.5) [Decidida pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 11): o padrão estende-se a Marcel e a Jaspers: biografia anotada, obra lida, lacunas marcadas, sem acusar nem desculpar.]

(g) A justiça devida ao lobo. A culpa de Jaspers, nas quatro formas de *A questão da culpa*, é registro, não fronteira nem toque: *A questão da culpa* já entrou como matéria do tratado da justiça (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e a culpa metafísica, a de quem nada infligiu, não tem palavra no cânon, que define o lobo pelo ato (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). Registra-se, sem decidir, e (g) segue aberta até o tratado. (2.9, 3.9) [Registrada pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 12): registro adotado: a culpa de Jaspers é matéria do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.]

(j) Moriá. A questão recebeu uma leitura na decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V, e o Estudo VI registrou o silêncio de sua casa (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI). Marcel e Jaspers não têm letra sobre Moriá; o estudo registra o silêncio, não acrescenta leitura, e (j) segue como está. Nada se pergunta. (3.13) [Registrada pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 12): registro adotado: (j) segue como está, com a leitura da n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V.]

(k) O mal estrutural. A porta para Marx recebe só a culpa política e metafísica de Jaspers, como a decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V já registrou; a técnica de Marcel, em *Os homens contra o humano*, registra-se e não vai à porta. (k) segue aberta até o estudo de Marx. (3.9, 4.9) [Registrada pelo fundador em 12/11/2026 (Estudo XIV, n.º 12): registro adotado: só a culpa política e metafísica de Jaspers vai à porta; (k) segue aberta até o estudo de Marx.]

6.4 O que Marcel e Jaspers oferecem

À Vigília, Marcel e Jaspers oferecem, cada um por um lado, palavras para o que ninguém escolhe e não se resolve de fora, e a série as lê ao lado da noite sem tomá-las por ela [leitura do estudo]. Jaspers dá ao que ninguém escolhe a palavra situação-limite e a lista — morrer, sofrer, lutar, "estou sujeito ao acaso", a culpa (*Introdução à filosofia*, p. 18; ver 1.5) —, e o acaso coincide com o cânon até na palavra. A fronteira lembra que a Vigília não lê sinal algum na noite, e que "mistério" e "situação-limite" não são palavras do cânon (2.5, 2.8, 3.2, 3.3) [leitura do estudo]. Marcel oferece, além disso, a esperança dita por dentro, "em ti para nós", a letra da série mais próxima da palavra que a Vigília recusa como nome; se ela olha ou não para uma manhã, a letra aberta não diz (2.6, 3.1) [leitura do estudo].

Ao Abrigo, Marcel oferece a *disponibilité* e a fidelidade criadora: o ser que está "todo por inteiro" com quem dele precisa, e a fidelidade que "só salvaguarda criando". "Sê casa para o outro" tem nelas as suas letras mais próximas fora do cânon — com a fronteira de que o Abrigo "não vai até a substituição" e "nada exige", e Marcel põe o dom sem reserva e a fidelidade a uma pessoa (2.1, 2.4, 3.6, 3.7) [leitura do estudo].

Ao Corpus, Marcel oferece o corpo que se é: "Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo" e a recusa de tratá-lo como instrumento, a letra que dá letra à hipótese que a decisão n.º 8 de 06/11/2026 deixou aberta, sem reabri-la; achado deste estudo. A fronteira passa pela palavra do Pilar IV; o Corpus nega que o corpo seja obstáculo ao espírito, e Marcel nega a sua exterioridade em relação a quem o é; nisso o estudo lê um acordo (2.3, 3.10) [leitura do estudo].

Às Águas Comuns, Jaspers oferece a comunicação e a luta amante, e Arendt, por ele, a *humanitas*: a pessoa que só chega a si diante de outra, a veracidade como luta. "Ninguém navega um rio privado" e "a palavra verdadeira posta em circulação" têm aí letras vizinhas — com a fron-

teira de que no cânon a luz é “dada antes de qualquer relação” e a margem, estar consigo, “também é rio” (2.10, 2.14, 3.8, 3.12) [leitura do estudo].

À Independência confessional, os dois oferecem o que ela não diz e deixa a cada um: Marcel, a fé revelada, com a ontologia “aberta na direção de uma revelação” que ela “não saberia exigir, nem pressupor, nem integrar”; Jaspers, a fé filosófica, “Que Deus é, isso basta” e “a fé não é uma posse”. O cânon não decide por ninguém, e a fronteira passa entre afirmar um pressuposto do filosofar e não decidir (2.13, 3.5) [leitura do estudo].

À série, oferecem a casa em que a palavra “presença” aparece dos dois lados com força, e uma fórmula cuja segunda metade recusa uma leitura da noite [leitura do estudo], e não uma condição da pessoa. As fórmulas já fixadas têm duas metades — o budismo, a atenção e não a chegada; a Stoa, o exame e não o consentimento; o cristianismo, a anterioridade e não o juízo; o Vedanta, a descoberta e não a dissolução; o existencialismo, a escolha e não a invenção —, e esta diz: a presença, e não a cifra. Deixa também portas abertas: Marx, pela questão (k), com a culpa política e metafísica; Taylor, para o Estudo XV, que trata do tempo-eixo de Jaspers (4.9) [tese a confirmar].

6.5 A lamparina

A série termina cada estudo com a lamparina: a de museu, a guardada do vento, a posta no rio. Nos textos que o estudo leu, Marcel e Jaspers não trazem a imagem; trazem o ser disponível que está “todo por inteiro” com quem dele precisa, e quem entra na situação-limite “de olhos abertos”. O cânon diz que quem vela “permanece desperto no escuro” e promete “presença, não vitória” (Tratado da Vigília, “Definição”; Cânon v1.2, “A Vigília”). Entre a presença e a cifra passa a fronteira deste estudo, e o que está dos dois lados dela é a noite, que ninguém causou e que nenhum dos três explica, lida ao lado das situações-limite por decisão do fundador (n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V) [leitura do estudo].

O cânon não é Marcel sem o tu absoluto, nem Jaspers sem a transcendência; e Marcel e Jaspers não são o Lumen Fluens com um nome a mais para a Lux. Marcel e o cânon ficam na noite com alguém; Jaspers entra nela de olhos abertos; Jaspers lê nela uma cifra, ainda que muda; Marcel espera em um tu; o cânon vela, e a luz “não precisa do fim para valer”. A fórmula foi adotada pelo fundador (decisão n.º 1 de 12 de novembro sobre o Estudo XIV): o Lumen Fluens aceita de Marcel e Jaspers a presença e recusa a cifra. A lamparina posta no rio, diante de alguém; e a noite, em que o cânon não lê sinal algum [leitura do estudo].

APARATO

Fontes citadas, por capítulo

Prólogo

MARCEL E JASPERS

1. Prólogo · Marcel, *Homo viator*, trad. Sígueme, 2005, pp. 72–73 · “Espero em ti para nós” · «Yo espero en ti para nosotros» · [V-es: Sígueme]
2. Prólogo · Jaspers, *Philosophie* (*Filosofia*), II, Springer, 2.ª ed., 1948, p. 469 · “como uma parede em que esbarramos, em que naufragamos” · «Sie sind wie eine Wand, an die wir stoßen, an der wir scheitern» · [V-de]
3. Prólogo · Jaspers, *Philosophie*, II, 1948, p. 469 · “experimentar situações-limite e existir é o mesmo” · «Grenzsituationen erfahren und Existieren ist dasselbe» · [V-de]
4. Prólogo · Jaspers, *Philosophie*, II, 1948, p. 469 · “de olhos abertos” · «offenen Auges» · [V-de]
5. Prólogo · Marcel, *Posición y aproximaciones concretas al misterio ontológico*, trad. Villoro, 1955, pp. 72–73 · “capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele” · «el ser disponible es el que es capaz de estar todo él por entero conmigo cuando yo lo necesito» · [V-es: Villoro; página a confirmar]
6. Prólogo · Marcel, *Être et avoir* (*Ser e ter*), Aubier-Montaigne, 1968, p. 119 · “uma fidelidade que só salvaguarda criando”; “Não há fidelidade senão a uma pessoa” · «d’une fidélité qui ne sauvegarde qu’en créant. […] Il n’y a de fidélité qu’envers une personne» · [V-fr]
7. Prólogo · Marcel, *Journal métaphysique* (*Diário metafísico*), Gallimard, 1927, apêndice, p. 323 · “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” · «Je ne me sers pas de mon corps, je suis mon corps» · [V-fr]
8. Prólogo · Marcel, *Journal métaphysique*, 1927, p. 237 · “na medida em que não o trato como um instrumento” · «je ne suis mon corps (au sens où je suis mes idées, mes œuvres) que dans la mesure où je ne le traite pas comme un instrument» · [V-fr]
9. Prólogo · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 146 · “algo em que estou eu mesmo engajado” · «un mystère est quelque chose en quoi je suis moi-même engagé» · [V-fr]
10. Prólogo · Jaspers, *Philosophie*, II, 1948, p. 469 · “sem poder explicá-las e derivá-las de outra coisa” · «ohne sie aus einem Anderen erklären und ableiten zu können» · [V-de]
11. Prólogo · Jaspers, *Einführung in die Philosophie* (*Introdução à filosofia*), Piper, 1971, pp. 40–41 · “A fé não é uma posse” · «Glaube ist kein Besitz.» · [V-de]
12. Prólogo · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 150 · “não saberia exigir, nem pressupor, nem integrar” · «qu’elle ne saurait d’ailleurs ni exiger, ni présupposer, ni intégrer» · [V-fr]
13. Prólogo · Jaspers, *Philosophie*, I, 1948, p. 285 · “a última cifra do ser no existir” · «die letzte Chiffre des Seins im Dasein» · [V-de]
14. Prólogo · Jaspers, *Philosophie*, III, 1948, p. 786 · “não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem” · «weil sie nicht als sie selbst die Transzendenz, sondern deren Sprache ist» · [V-de]

15. Prólogo · Jaspers, *Philosophie*, III, 1948, p. 877 · “fica aberta, daí seu silêncio” · «Sie bleibt offen, daher ihr Schweigen.» · [V-de]
16. Prólogo · Jaspers, *Die Schuldfrage* (*A questão da culpa*), Schneider, 1946, p. 105 · “Que Deus é, isso basta” · «Daß Gott ist, ist genug» · [V-de]
17. Prólogo · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 90 · “Estar indisponível: estar ocupado de si” · «Etre indisponible : être occupé de soi.» · [V-fr]
18. Prólogo · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 155 · “não se reconhece o direito de dispor livremente de si” · «L’être absolument disponible pour les autres ne se reconnaît pas le droit de disposer librement de soi.» · [V-fr]
19. Prólogo · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 119 · “uma fidelidade absoluta envolve uma pessoa absoluta” · «Une fidélité absolue enveloppe une personne absolue.» · [V-fr]
20. Prólogo · Jaspers, *Von der Wahrheit* (*Da verdade*), p. 1051, via Weidmann, introdução a *Obras completas*, I/13 · “Deus não é cifra, mas a própria realidade” · «Gott ist nicht Chiffer, sondern die Wirklichkeit selbst» · [V via secundária: Weidmann]
21. Prólogo · Jaspers, *Der philosophische Glaube angesichts der Offenbarung*, em *Gesamtausgabe* (*Obras completas*), I/13, Schwabe, p. 248 · “o próprio Deus lhe é uma cifra” · «Gott selber ist ihm eine Chiffer» · [V-de]
22. Prólogo · Jaspers, *Philosophie*, II, 1948, p. 451 · “ao escolher, sou” · «indem ich wähle, bin ich; bin ich nicht, wähle ich nicht» · [V-de]

A TRADIÇÃO

1. Prólogo · Hanley, cronologia de Marcel, 1998 · Marcel católico desde 1929 · «—» · [V via secundária: Hanley; localização a confirmar]
2. Prólogo · Ricoeur, *Gabriel Marcel et Karl Jaspers*, Temps présent, 1947 · data da obra · «—» · [V via secundária: nota editorial da *Festschrift* de 1953; tese a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o mal que ninguém causou”; “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba”; “presença, não vitória” · [letra do cânon]
2. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “estar inteiro onde o corpo está”; “são seu instrumento” · [letra do cânon]
3. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” · [letra do cânon]
4. Prólogo · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro” · [letra do cânon]
5. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “A palavra verdadeira posta em circulação” · [letra do cânon]
6. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · [letra do cânon]
7. Prólogo · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “importa a presença, e não a explicação”; “não promete que alguém venha, nem o nega” · [letra de escrito]

8. Prólogo · Tratado da Vigília, “Definição” · “devolve a quem está nela um lugar”; “nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” · [letra de escrito]
9. Prólogo · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “não precisa do fim para valer”; “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” · [letra de escrito]
10. Prólogo · decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “entram só pelo essencial e medem-se no Estudo XIV”; “atemporal” é letra; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux · [decisão do fundador]
11. Prólogo · decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “sem ponte e com a medição no Estudo XIV”; “sem aspas de Marcel” · [decisão do fundador]
12. Prólogo · decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · as situações-limite ao lado da noite, “como leituras” · [decisão do fundador]
13. Prólogo · decisões n.º 4 e n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a margem como “estar consigo”; o compromisso como “a promessa dita a outro” · [decisão do fundador]
14. Prólogo · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · a luz “dada antes de qualquer relação” · [decisão do fundador]
15. Prólogo · decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o Abrigo “não vai até a substituição” · [decisão do fundador]
16. Prólogo · decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a Lux é de alguém” · [decisão do fundador]
17. Prólogo · decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova” · [decisão do fundador]

Capítulo 1 — Marcel e Jaspers em sua melhor forma

MARCEL E JASPERS

1. 1.2 · Marcel, *Diário metafísico* (*Journal métaphysique*), Gallimard, 1927, 23 out. 1920, p. 236 · “há um sentido em que eu sou meu corpo, seja lá o que isso possa significar”; “ambígua” · «il y a un sens où je suis mon corps, quoi que cela puisse d’ailleurs signifier»; «cette formule ambiguë : je suis mon corps» · [V-fr; tradução do estudo]
2. 1.2, 1.12 · *Diário metafísico*, 23 out. 1920, p. 237 · “só sou meu corpo (no sentido em que sou minhas ideias, minhas obras) na medida em que não o trato como um instrumento” · «je ne suis mon corps (au sens où je suis mes idées, mes œuvres) que dans la mesure où je ne le traite pas comme un instrument» · [V-fr; tradução do estudo]
3. 1.2, 1.12 · *Diário metafísico*, 24 out. 1920, pp. 238–239 · “ao negar que o corpo seja inteiramente pensável, contesto que possa ser tratado como instrumento” · «en niant que le corps soit entièrement pensable, je conteste qu’il puisse être traité comme un instrument» · [V-fr; tradução do estudo]
4. 1.2 · *Diário metafísico*, 9 nov. 1920, p. 252 · “não sou o senhor, nem o proprietário, nem o conteúdo do meu corpo” · «Quand je dis que je suis mon corps, cela signifie qu’aucune relation de chose à chose (ou même d’être à être) n’est applicable ici : je ne suis pas le maître ou le propriétaire ou le contenu de mon corps, etc.» · [V-fr; tradução do estudo]

5. 1.2, 1.12 · *Diário metafísico*, apêndice “Existência e objetividade”, p. 323 · “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo”; “este protesto quase impossível de reprimir”; “algo em mim nega a exterioridade do meu corpo em relação a mim mesmo […]” · «Il y a dans la conscience que j’ai de mon corps […] quelque chose que cette affirmation [« Je me sers de mon corps »] ne rend pas, d’où cette protestation presque impossible à réprimer : « Je ne me sers pas de mon corps, je suis mon corps ». En d’autres termes, quelque chose nie en moi l’extériorité de mon corps par rapport à moi-même qui est impliquée dans la notion purement instrumentaliste du corps» · [V-fr; tradução do estudo]
6. 1.2, 1.12 · Marcel, *A dignidade humana* (*La dignité humaine et ses assises existentielles*), Aubier-Montaigne, 1964, 3.ª lição, “Existência”, p. 67 · “se é cômoda, se é mesmo impossível não recorrer a ela, é filosoficamente insustentável”; “engajados numa regressão infinita” · «Mais l’analyse va montrer que cette interprétation, si elle est commode, si même il est impossible de ne pas y avoir recours, est philosophiquement intenable. […] Si je traite ce pouvoir lui-même comme un instrument, je me trouve donc engagé dans une régression infinie.» · [V-fr; tradução do estudo]
7. 1.2 · *A dignidade humana*, pp. 67–68 · “desobjetivado” · «j’avais tort sans doute dans l’énoncé de cette aporie de recourir à la notion d’âme. […] L’affirmation ne se justifie que pour autant que ce corps est, si j’ose dire, désobjectivé.» · [V-fr; tradução do estudo]
8. 1.2 · Marcel, *Ser e ter* (*Être et avoir*), Aubier-Montaigne, 1968, 30 mar. 1931, p. 104 · “Não posso, portanto, dizer que tenho um corpo […]” · «Je ne puis donc dire que j’ai un corps, du moins à proprement parler, mais la mystérieuse relation qui m’unit à mon corps est à la racine de toutes mes possibilités d’avoir.» · [V-fr; tradução do estudo]
9. 1.2 · *Ser e ter*, “Esboço de uma fenomenologia do ter”, p. 205 · “O corpo é o ter-tipo. E, no entanto…” · «Le corps est l’avoir-type. Et cependant… » · [V-fr; tradução do estudo]
10. 1.2, 1.4 · *Ser e ter*, pp. 206–207 · “tender a me suprimir, a mim que os possuo” · «Il semble bien être de l’essence de mon corps ou de mes instruments en tant que je les traite comme possédés, de tendre à me supprimer, moi qui les possède.» · [V-fr; tradução do estudo]
11. 1.2, 1.3 · *Ser e ter*, 11 mar. 1931, p. 85 · “possuir é quase inevitavelmente ser possuído”; “A caridade como presença, como disponibilidade absoluta” · «La charité comme présence, comme disponibilité absolue. […] Posséder c’est presque inévitablement être possédé.» · [V-fr; tradução do estudo]
12. 1.2 · Marcel, *Homo viator* (Aubier, 1944), trad. espanhola, Sígueme, 2005, “O mistério familiar”, pp. 81–82 · “não posso dizer, em verdade, nem que sou dono do meu corpo, nem que sou seu escravo, nem que sou seu proprietário” · «no puedo decir en verdad ni que soy dueño de mi cuerpo, ni que soy esclavo del mismo, ni que soy su propietario» · [V-es: Sígueme; tradução do estudo]
13. 1.3 · *Ser e ter*, 22 out. 1932, pp. 124–125 · “O problema é algo que se encontra, que barra o caminho […]” · «Le problème est quelque chose qu’on rencontre, qui barre la route. Il est tout entier devant moi. Au contraire le mystère est quelque chose où je me trouve engagé, dont l’essence est par conséquent de n’être pas tout entier devant moi.» · [V-fr; tradução do estudo]
14. 1.3 · *Ser e ter*, sumário (*Linéaments*) da conferência de Marselha, § C, p. 146 · “um mistério transcende por definição toda técnica concebível” · «un mystère transcende par définition toute technique concevable» · [V-fr; tradução do estudo]
15. 1.3 · *Ser e ter*, 2 fev. 1933, pp. 157–158 · “suas próprias condições imanentes de possibilidade (e não seus dados)” · «Il faut dire que le mystère est un problème qui empiète sur ses propres conditions

immanentes de possibilité (non pas sur ses données).» · [V-fr; tradução do estudo]

16. 1.3 · *A dignidade humana*, 5.ª lição, “Mistério ontológico”, p. 113 · “do lado da luz” · «le mystérieux ici évoqué doit être cherché bien plutôt du côté de la lumière que du côté de l’obscurité» · [V-fr; tradução do estudo]
17. 1.3 · *Ser e ter*, sumário de Marselha, § D, p. 147 · recolhimento (só nomeado) · «—» · [V-fr; paráfrase]
18. 1.3 · *Ser e ter*, 15 mar. 1931, p. 90 · “Estar indisponível: estar ocupado de si”; “consciência de estar com alguém para quem não sou” · «Etre indisponible : être occupé de soi. Mais la réflexion doit s’exercer sur ce de soi.»; «Quand je suis avec un être indisponible, j’ai conscience d’être avec quelqu’un pour qui je ne suis pas» · [V-fr; tradução do estudo]
19. 1.3 · *Ser e ter*, 11 mar. 1931, p. 86 · “o conjunto das atividades pelas quais tendemos a reduzir em nós a parte da indisponibilidade” · «l’ensemble des activités par lesquelles nous tendons à réduire en nous la part de l’indisponibilité» · [V-fr; tradução do estudo]
20. 1.3 · Marcel, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* (*Posición y aproximaciones concretas al misterio ontológico*), trad. Villoro, UNAM, 1955, pp. 72–73 · “capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele”; “sou uma presença”; “sou um objeto” · «el ser disponible es el que es capaz de estar todo él por entero conmigo cuando yo lo necesito»; «Para el primero soy una presencia, para el segundo soy un objeto» · [V-es: Villoro; tradução do estudo; página a confirmar]
21. 1.3 · Villoro, pp. 68–71 · a presença como “com” (*coesse*) · «—» · [V-es: Villoro; paráfrase; página a confirmar]
22. 1.3 · *Ser e ter*, 16 jan. 1933, p. 155 · “o ser absolutamente disponível para os outros não se reconhece o direito de dispor livremente de si” · «L’être absolument disponible pour les autres ne se reconnaît pas le droit de disposer librement de soi.» · [V-fr; tradução do estudo]
23. 1.3 · *Ser e ter*, 7 out. 1932, p. 119 · “Ideia de uma fidelidade criadora […]” · «Idée d’une fidélité créatrice, d’une fidélité qui ne sauvegarde qu’en créant. […] Il n’y a de fidélité qu’envers une personne, non point envers une idée ou un idéal. Une fidélité absolue enveloppe une personne absolue.» · [V-fr; tradução do estudo]
24. 1.3 · *Ser e ter*, sumário de Marselha, § G, pp. 149–150 · “uma atestação não somente perpetuada, mas criadora”; “permanência inerte” · «Elle est une attestation non seulement perpétuée, mais créatrice»; «la permanence inerte ou formelle d’un pur valable, d’une loi» · [V-fr; tradução do estudo]
25. 1.3 · *Ser e ter*, sumário de Marselha, § H, p. 150 · “aberta na direção de uma revelação” · «Une ontologie ainsi orientée est évidemment ouverte dans la direction d’une révélation, qu’elle ne saurait d’ailleurs ni exiger, ni présupposer, ni intégrer, ni même absolument parlant comprendre, mais dont elle peut en quelque mesure préparer l’acceptation.» · [V-fr; tradução do estudo]
26. 1.4, 1.11 · *Ser e ter*, sumário de Marselha, § F, p. 149 · “transcendência” como ultrapassamento do desespero (só nomeado) · «si le mot transcendance a un sens, c’est justement cette négation qu’il désigne ; plus exactement ce dépassement (Überwindung plutôt encore que Aufhebung).» · [V-fr; paráfrase]
27. 1.4 · *Homo viator*, “Esboço de uma fenomenologia e de uma metafísica da esperança”, pp. 38, 41–47 · esperança sem coisa determinada; a esperança absoluta e o tu absoluto · «—» · [V-es: Sígueme; paráfrase]

28. 1.4 · *Homo viator*, pp. 72–73 · “Espero em ti para nós: tal é talvez a expressão mais adequada […]” · «Yo espero en ti para nosotros: tal es quizá la expresión más adecuada y más elaborada del acto que el verbo esperar traduce de una manera todavía confusa y velada.» · [V-es: Sígueme; tradução do estudo]
29. 1.4 · *Homo viator* (Aubier, 1944), via Antaby (tese, uOttawa), nota H.V., 17, 85, 120 · a fórmula em francês · «j’espère en toi pour nous» · [V via secundária: Antaby; página a confirmar]
30. 1.4 · *Homo viator*, p. 105 · “a fórmula autêntica da esperança” · «Espero en ti para nosotros: tal es la fórmula auténtica de la esperanza.» · [V-es: Sígueme; tradução do estudo]
31. 1.4 · *Homo viator*, p. 79 · “a disponibilidade de uma alma tão profundamente comprometida numa experiência de comunhão […]” · «la esperanza es esencialmente… la disponibilidad de un alma tan profundamente comprometida en una experiencia de comunión como para llevar a cabo el acto que trasciende la oposición entre el querer y el conocer» · [V-es: Sígueme; tradução do estudo]
32. 1.4 · *Homo viator*, p. 65 · “como uma memória do futuro” · «como una memoria del futuro» · [V-es: Sígueme; tradução do estudo]
33. 1.4 · Marcel, *Os homens contra o humano* (*Les hommes contre l’humain*), La Colombe, 1951, p. 46, via Duclos (tese, uOttawa) · “No mundo de hoje, pode-se dizer que um ser perde tanto mais consciência […]” · «Dans le monde d’aujourd’hui, on peut dire qu’un être perd d’autant plus conscience de sa réalité intime et profonde qu’il est plus dépendant de toutes les mécaniques…» · [V via secundária: Duclos; tradução do estudo]
34. 1.4 · *Os homens contra o humano*, p. 48, via Duclos · “entre o aparelho e seu possuidor não se estabelece de modo algum a relação viva […]” · «Entre l’appareil et son possesseur ne s’établit pas du tout la relation vivante…» · [V via secundária: Duclos; tradução do estudo]
35. 1.5 · Jaspers, *Filosofia* (*Philosophie*), I, 2.ª ed., Springer, 1948, p. 13 · “Existência é o que nunca se torna objeto, origem […]” · «Existenz ist, was nie Objekt wird, Ursprung … Existenz ist, was sich zu sich selbst und darin zu seiner Transzendenz verhält» · [V-de; tradução do estudo]
36. 1.5 · Jaspers, *Razão e existência* (*Vernunft und Existenz*), Piper, 1960, pp. 46–47 · *Dasein* como primeiro modo do abrangente · «Ich bin erstens als Dasein … Das zweite Umgreifende bin ich als Bewußtsein überhaupt» · [V-de; paráfrase]
37. 1.5 · Jaspers, *Psicologia das visões de mundo* (*Psychologie der Weltanschauungen*), Springer, 1919, p. 202 · “Estas situações […] ‘situações-limite’” · «Diese Situationen, die an den Grenzen unseres Daseins überall gefühlt, erfahren, gedacht werden, nennen wir darum „Grenzsituationen“» · [V-de; tradução do estudo]
38. 1.5 · *Psicologia das visões de mundo*, p. 204 · “a luta, a morte, o acaso, a culpa” · «die besonderen Grenzsituationen des Kampfes, des Todes, des Zufalls, der Schuld» · [V-de; tradução do estudo]
39. 1.5 · *Filosofia*, II, p. 469 · “Situações como a de que estou sempre em situações […]”; “experimentar situações-limite e existir é o mesmo” · «Situationen wie die, daß ich immer in Situationen bin, daß ich nicht ohne Kampf und ohne Leid leben kann, daß ich unvermeidlich Schuld auf mich nehme, daß ich sterben muß, nenne ich Grenzsituationen. Sie wandeln sich nicht, sondern nur in ihrer Erscheinung; sie sind, auf unser Dasein bezogen, endgültig. […] Sie sind wie eine Wand, an die wir stoßen, an der wir scheitern. Sie sind durch uns nicht zu verändern, sondern nur zur Klarheit zu bringen»; «Grenzsituationen erfahren und Existieren ist dasselbe» · [V-de; tradução do estudo]

40. 1.5 · *Filosofia*, II, pp. 474–508 · a ordem das situações · «—» · [V-de; paráfrase]
41. 1.5 · Jaspers, *Introdução à filosofia* (*Einführung in die Philosophie*), Piper, 1971, p. 18 · "preciso morrer, preciso sofrer […]"; "o velamento ou […] o desespero e a restauração" · «ich muß sterben, ich muß leiden, ich muß kämpfen, ich bin dem Zufall unterworfen, ich verstricke mich unausweichlich in Schuld»; «Auf Grenzsituationen aber reagieren wir entweder durch Verschleierung oder, wenn wir sie wirklich erfassen, durch Verzweiflung und durch Wiederherstellung» · [V-de; tradução do estudo]
42. 1.5 · *Introdução à filosofia*, p. 20 · as situações-limite "mostram" o naufrágio · «Die Grenzsituationen – Tod, Zufall, Schuld und die Unzuverlässigkeit der Welt – zeigen mir das Scheitern.» · [V-de; tradução do estudo]
43. 1.5 · *Filosofia*, II, p. 485 · "inexperimentável para mim" · «Mein Tod ist unerfahrbar für mich» · [V-de; tradução do estudo]
44. 1.5 · *Filosofia*, II, p. 451 · "a liberdade, porém, é como a escolha de mim mesmo […]" · «Freiheit aber ist als die Wahl meines Selbst … indem ich wähle, bin ich; bin ich nicht, wähle ich nicht … Dieser Entschluß in der Wahl ist ursprünglich kommunikativ. Wahl meiner selbst ist mit der Wahl des Anderen.» · [V-de; tradução do estudo]
45. 1.5 · *Filosofia*, II, p. 450 · "decisão e ser-si-mesmo são uma só coisa" · «Entschluß und Selbstsein sind eines.» · [V-de; tradução do estudo]
46. 1.6 · *Filosofia*, II, p. 231 · "O ser-si-mesmo na situação do existir só é na comunicação" · «Selbstsein ist in der Daseinssituation nur in Kommunikation» · [V-de; tradução do estudo]
47. 1.6 · *Filosofia*, II, p. 348 · "Não posso tornar-me eu mesmo sem entrar em comunicação […]" · «Ich kann nicht selbst werden, ohne in Kommunikation zu treten und nicht in Kommunikation treten, ohne einsam zu sein» · [V-de; tradução do estudo]
48. 1.6 · *Filosofia*, II, p. 351 · "aquela luta singular que, como luta, é ao mesmo tempo amor" · «Der Prozeß des Offenbarwerdens in der Kommunikation ist jener einzigartige Kampf, der als Kampf zugleich Liebe ist» · [V-de; tradução do estudo]
49. 1.6 · *Filosofia*, II, p. 356 · "luta amante de veracidade implacável" · «liebenden Kampf unerbittlicher Wahrhaftigkeit» · [V-de; tradução do estudo]
50. 1.6 · *Psicologia das visões de mundo*, p. 227 · "forma fundamental de toda existência" · «Der Kampf ist eine Grundform aller Existenz» · [V-de; tradução do estudo]
51. 1.6 · *Introdução à filosofia*, p. 22 · "Mas eu só sou com o outro, sozinho nada sou. […] Só na comunicação se realiza toda outra verdade, só nela sou eu mesmo" · «Aber ich bin nur mit dem andern, allein bin ich nichts.»; «Erst in der Kommunikation verwirklicht sich alle andere Wahrheit, in ihr allein bin ich ich selbst» · [V-de; tradução do estudo; página a confirmar]
52. 1.6 · *Introdução à filosofia*, p. 89 · "Não há liberdade isolada" · «Es gibt keine isolierte Freiheit.» · [V-de; tradução do estudo]
53. 1.6 · *Introdução à filosofia*, p. 95 · "a verdade começa a dois" · «Die Wahrheit beginnt zu zweien.» · [V-de; tradução do estudo]
54. 1.7 · *Introdução à filosofia*, p. 25 · "o ser no todo não pode ser nem objeto nem sujeito […]" · «Offenbar doch, daß das Sein im Ganzen weder Objekt noch Subjekt sein kann, sondern das »Umgreifende« sein muß, das in dieser Spaltung zur Erscheinung kommt.» · [V-de; tradução do estudo]

55. 1.7 · *Introdução à filosofia*, p. 30 · “superstição é o acorrentamento ao objeto, fé é o fundar-se no abrangente” · «Aberglaube ist Fesselung an das Objekt, Glaube ist Gründung im Umgreifenden» · [V-de; tradução do estudo]

56. 1.7 · *Razão e existência*, pp. 42–45 · definição geral do abrangente · «—» · [localização a confirmar]

57. 1.7 · Jaspers, *Filosofia*, III, 2.ª ed., Springer, 1948, p. 786 · “A objetividade metafísica chama-se cifra […]” · «Die metaphysische Gegenständlichkeit heißt Chiffre, weil sie nicht als sie selbst die Transzendenz, sondern deren Sprache ist» · [V-de; tradução do estudo]

58. 1.7 · *Filosofia*, I, p. 285 · “a última cifra do ser no existir” · «das Scheitern, als die letzte Chiffre des Seins im Dasein» · [V-de; tradução do estudo]

59. 1.7 · *Filosofia*, III, p. 866 · “Posso naufragar como eu mesmo […]”; “se o naufrágio pode ser não só naufrágio, mas um eternizar” · «ich kann als ich selbst scheitern, ohne daß das philosophische Vertrauen und ohne daß göttliches Wort und religiöse Garantie helfen … ob Scheitern nicht nur Scheitern, sondern Verewigen sein kann» · [V-de; tradução do estudo]

60. 1.7 · *Filosofia*, III, p. 876 · “sem transcender só se vive num desespero radical, que deixa só o nada” · «Jedoch ohne Transzendieren ist nur zu leben in radikaler, nur das Nichts lassender Verzweiflung» · [V-de; tradução do estudo]

61. 1.7 · *Filosofia*, III, p. 877 · “não se pode saber por que o mundo é”; “a indecifrabilidade como última cifra […]” · «Es ist nicht zu wissen, warum die Welt ist»; «Die Undeutbarkeit als letzte Chiffre ist aber nicht mehr als bestimmbare Chiffre. Sie bleibt offen, daher ihr Schweigen. Sie kann ebensogut die absolute Leere wie die endgültige Erfüllung werden» · [V-de; tradução do estudo]

62. 1.7 · *Filosofia*, III, p. 878 · “tolerar é o caminho antes do repouso”; “basta que o ser seja” · «so ist Dulden der Weg vor der Ruhe»; «Es ist genug, daß Sein ist» · [V-de; tradução do estudo]

63. 1.8 · Jaspers, *A questão da culpa* (*Die Schuldfrage*), Schneider, 1946, p. 105 · “Que Deus é, isso basta”; “Quando tudo desaparece, Deus é: este é o único ponto firme” · «Was heißt das? Daß Gott ist, ist genug. Wenn alles verschwindet, Gott ist, das ist der einzige feste Punkt. Aber was vor dem Tode, im Äußersten wahr ist, das wird zur schlimmen Verführung, wenn der Mensch in Müdigkeit, Ungeduld, Verzweiflung sich vorzeitig hineinstürzt.» · [V-de; tradução do estudo]

64. 1.8 · *Introdução à filosofia*, p. 32 · “Se há ‘imortalidade’, isso não se pergunta” · «Ob es »Unsterblichkeit« gibt, danach wird nicht gefragt» · [V-de; tradução do estudo]

65. 1.8 · Jaspers, *A fé filosófica* (*Der philosophische Glaube*), 1948, p. 33, via Weidmann (*Obras completas*, I/13, Einleitung, p. XVI, n. 40) · “Deus é”; “há a exigência incondicional”; “o mundo tem um existir que desaparece entre Deus e existência” · «Gott ist»; «Es gibt die unbedingte Forderung»; «Die Welt hat ein verschwindendes Dasein zwischen Gott und Existenz» · [V via secundária: Weidmann; tradução do estudo]

66. 1.8 · *A fé filosófica*, 1948, p. 35, via Weidmann (*Obras completas*, I/13, p. XVII, n. 41) · “Só quem parte de Deus pode procurá-lo” · «Nur wer von Gott ausgeht, kann ihn suchen.» · [V via secundária: Weidmann; tradução do estudo]

67. 1.8 · *Introdução à filosofia*, pp. 40–41 · “O Deus em quem se crê é o Deus distante […]. A fé não é uma posse” · «Der geglaubte Gott ist der ferne Gott, der verborgene Gott, der unerweisbare Gott. […] Glaube ist kein [p. 41] Besitz.» · [V-de; tradução do estudo]

68. 1.8 · Jaspers, *Da verdade* (*Von der Wahrheit*), 1947, p. 1051, via Weidmann · “Deus não é cifra, mas a própria realidade” · «Gott ist nicht Chiffer, sondern die Wirklichkeit selbst» · [V via secundária: Weidmann; tradução do estudo; página a confirmar]

69. 1.8 · Jaspers, *Obras completas* (*Karl Jaspers Gesamtausgabe*), I/13, Schwabe, 2016, org. Weidmann: *A fé filosófica diante da revelação* (1962), p. 248 · “O próprio Deus lhe é uma cifra” · «Gott selber ist ihm eine Chiffer.» · [V-de; tradução do estudo]

70. 1.8 · *Obras completas*, I/13, p. 70 · “A verdade é uma, está, pela revelação, na posse dos crentes. […] É o pé do diabo nos escritos bíblicos”; “na fé bíblica propriamente dita” · «Nicht im eigentlichen biblischen Glauben, aber in den biblischen Schriften liegt eine von ihm bis heute schwer loslösbare Grundhaltung: Die Wahrheit ist eine, sie ist durch die Offenbarung im Besitz der Gläubigen. Sie gilt ausschließlich. … Es ist der Teufelsfuß in den biblischen Schriften und ihren Folgen.» · [V-de; tradução do estudo]

71. 1.8 · *A questão da culpa*, pp. 31–32 · “há uma solidariedade entre os homens como homens […]. Se não faço o que posso para impedi-los, sou cúmplice”; as quatro instâncias · «Es gibt eine Solidarität zwischen Menschen als Menschen, welche einen jeden mitverantwortlich macht für alles Unrecht und alle Ungerechtigkeit in der Welt, insbesondere für Verbrechen, die in seiner Gegenwart oder mit seinem Wissen geschehen. Wenn ich nicht tue, was ich kann, um sie zu verhindern, so bin ich mitschuldig.» · [V-de; tradução do estudo]

72. 1.8 · *A questão da culpa*, p. 64 · “culpa metafísica é a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem […]: que eu ainda viva é minha culpa” · «Metaphysische Schuld ist der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen. […] daß ich noch lebe, ist meine Schuld.» · [V-de; tradução do estudo]

73. 1.8 · *Filosofia*, II, pp. 506–507 · “sou eu mesmo, mas como culpado” · «ich bin ich selbst, aber als schuldig» · [V-de; tradução do estudo]

74. 1.9 · *Ser e ter*, 9 nov. 1932, p. 128 · “aqui Jaspers pode ser útil” · «Approfondir le sens de ce que j’ai appelé le poids ontologique de l’expérience humaine ; ici Jaspers peut être utile.» · [V-fr; tradução do estudo]

75. 1.9 · *Ser e ter*, p. 105, n. 1 · “o acordo fundamental […] que eu não conhecia em 1931” · «Je crois devoir noter ici l’accord fondamental entre ces vues et celles de Jaspers que je ne connaissais pas en 1931 (note d’août 1934).» · [V-fr; tradução do estudo]

76. 1.9 · *A dignidade humana*, 5.ª lição, pp. 114–115 · “para mim decisiva” · «la lecture du Système de Philosophie de Jaspers que je fis à l’époque pour moi décisive» · [V-fr; tradução do estudo]

77. 1.9 · *A dignidade humana*, “Pontos de partida”, p. 16 · comparação com Scheler, Buber, Jaspers e Heidegger · «quitte à intervenir dans les dernières leçons pour indiquer autant que possible en quoi ma position personnelle se distinguait ou se rapprochait de celle d’un Scheler ou d’un Buber, d’un Jaspers ou d’un Heidegger.» · [V-fr; paráfrase]

78. 1.9 · *Homo viator*, p. 267 · “Heidegger ou Jaspers” e o além · «filósofos existencialistas tales como Heidegger o Jaspers que, explícitamente o no, se pronuncian contra toda realidad del más allá, del Jenseits» · [V-es: Sígueme; paráfrase]

79. 1.9 · Marcel, “Situação fundamental e situações-limite em Karl Jaspers”, *Recherches philosophiques* II (1932–33), pp. 317–348; reimpr. em *Da recusa à invocação* (*Du refus à l’invocation*), Gallimard, 1940 ·

título, volume e seção, pelo índice cumulativo da revista (McGill) · «Gabriel Marcel, Situation fondamentale et situations limites chez Karl Jaspers.» · [V-fr]

80. 1.10 · García Norro (org.), *Correspondência Heidegger–Jaspers* (*Correspondencia 1920–1963*), Síntesis, apêndice, pp. 228–231; cartas de 1950, pp. 158–160 · “não livre, ditatorial e carente de comunicação” · «El modo de pensar de Heidegger que me parece que, por su esencia, es no libre, dictatorial y carente de comunicación, sería hoy fatal en la enseñanza» · [V-es: García Norro; tradução do estudo; página a confirmar]
81. 1.10 · *A questão da culpa*, pp. 64–65 · as palavras de agosto de 1945, variante do aparato na edição crítica (*Obras completas*, I/23, p. 62) · «Wir selbst sind andere geworden seit 1933. […] Daß wir leben, ist unsere Schuld.» · [V-de; paráfrase]
82. 1.10 · *Homo viator*, “Procedência dos textos”, e pp. 137–146 · “Obediência e fidelidade” proibida pela censura de Vichy; “desvitalização da França” (p. 139) · «cuya publicación en revista fue prohibida por la censura de Vichy»; «desvitalización de Francia» · [V-es: Sígueme; tradução do estudo]
83. 1.10 · *Homo viator*, “O mistério familiar”, pp. 96, 100 · “simples instrumento de reprodução” · «simple instrumento de reproducción» · [V-es: Sígueme; paráfrase]
84. 1.10 · Jaspers, discurso do Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães, 1958, p. 7 do opúsculo · “uma forma de Estado que só a era técnica tornou possível, a dominação total” · «Eine neue, erst im technischen Zeitalter möglich gewordene Staatsform, die totale Herrschaft» · [V-de; tradução do estudo]

A TRADIÇÃO

1. 1.1 · Hanley (Marquette University Press, 1998), cronologia biográfica de Marcel, p. 213 · datas de nascimento, casamento, batismo, 1940–44, Gifford e morte · «—» · [V via secundária: Hanley; localização a confirmar]
2. 1.1 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers* (*Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du mystère et philosophie du paradoxe*), Éditions du Temps présent, 1947; data pela nota editorial do volume em honra de Jaspers (1953) · o ano do livro · «—» · [V via secundária; tese a confirmar]
3. 1.2 · Merleau-Ponty, resenha de *Ser e ter*, *La Vie intellectuelle*, 15/10/1936, pp. 98–109, trad. Souza, *Dialectus*, pp. 146–147 · “Faço causa comum com ele, e, de certa maneira, eu sou o meu corpo” · «Faço causa comum com ele, e, de certa maneira, eu sou o meu corpo» · [V-pt: Souza]
4. 1.7 · Benetti (UnB, 2011), “fracasso”; Ricoeur, *échec* · a divergência de tradução de *Scheitern* · «—» · [V via secundária: Benetti; tese a confirmar]
5. 1.7 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, via Kuang (tese, Unistra) · a pergunta de Ricoeur e a leitura de que Jaspers responde pelo silêncio · «l’être de la Transcendance qui brille au fond de l’échec ne peut plus être dit» · [V via secundária: Kuang; tradução do estudo; página a confirmar]
6. 1.9 · Englebert (2018), sobre Marcel, “Situação fundamental e situações-limite em Karl Jaspers”, p. 329 · cinco situações atribuídas a Jaspers · «—» · [V via secundária: Englebert; página a confirmar; tese a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 1.10 · Estudo XIII, 4.6 · “Basta uma frase: a biografia não é doutrina, e o cânon não se lê aqui pela vida de ninguém.” · [letra de escrito]

2. 1.10 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o padrão das fronteiras · [decisão do fundador]
3. 1.10 · Decisão n.º 11 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · o padrão estendido ao existencialismo · [decisão do fundador]
4. 1.2, 1.11, 1.12 · Decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “instrumento” e “disponibilidade” como homônimos, sem ponte · [decisão do fundador]
5. 1.11 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · o compromisso do Abrigo como promessa dita a outro · [decisão do fundador]
6. 1.11 · Decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · as situações-limite lidas ao lado da noite, como leitura · [decisão do fundador]
7. 1.11 · Decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · o lobo definido pelo ato · [decisão do fundador]
8. 1.11 · Decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “atemporal” é letra; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux · [decisão do fundador]
9. 1.11 · Estudo XIII, 5.1 · os cinco usos de “presença” · [letra de escrito]
10. 1.11 · Estudo XIII, 2.2 · “solidão”, palavra evitada · [letra de escrito]
11. 1.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Disponibilidade” · “prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” · [letra do cânon]
12. 1.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Presença” · “estar inteiro onde o corpo está” · [letra do cânon]
13. 1.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria”; “são seu instrumento” · [letra do cânon]
14. 1.11 · Tratado da Vigília, “Definição” · “nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” · [letra do cânon]
15. 1.11 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “há escuridões que nenhuma bússola veta”; “A noite é o mal que ninguém causou”; “E distingue-se a noite do lobo” · [letra do cânon]
16. 1.11 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “comunicação” (duas ocorrências, de Mounier) e “solidão” (uma) · [letra do cânon]
17. 1.11 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a palavra verdadeira posta em circulação” · [letra do cânon]
18. 1.11 · Cânon v1.2, Abrigo · “lamparina de museu” · [letra do cânon]
19. 1.11 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha” · [letra do cânon]
20. 1.11 · Cânon v1.2, Independência confessional · “A filosofia não decide isso por ninguém” · [letra do cânon]
21. 1.11 · Tratado da Luz Interior, “Resposta” · “não é condição de existência da luz, mas condição de sua visibilidade” · [letra do cânon]
22. 1.11 · Disputatio, “Ad tertium” · a lacuna de um princípio de justiça ou responsabilização · [letra do cânon]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

MARCEL E JASPERS

1. 2.1 · Marcel, *Ser e ter* (*Être et avoir*), Aubier, 1968, p. 90 (15 mar. 1931) · “Estar indisponível: estar ocupado de si” · «Etre indisponible : être occupé de soi.» · [V-fr]
2. 2.1, 2.2 · Marcel, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* (*Posición y aproximaciones concretas al misterio ontológico*), trad. Villoro, 1955, pp. 72–73 · “é capaz de estar todo por inteiro comigo”; “todo por inteiro” · «el ser disponible es el que es capaz de estar todo él por entero conmigo cuando yo lo necesito» · [V-es: Villoro; página a confirmar]
3. 2.1 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 155 (16 jan. 1933) · “não se reconhece o direito de dispor livremente de si” · «L’être absolument disponible pour les autres ne se reconnaît pas le droit de disposer librement de soi.» · [V-fr]
4. 2.3 · Marcel, *Diário metafísico* (*Journal métaphysique*), Gallimard, 1927, pp. 236–237 (23 out. 1920) · “há um sentido em que eu sou meu corpo”; “na medida em que não o trato como um instrumento” · «il y a un sens où je suis mon corps»; «je ne suis mon corps (au sens où je suis mes idées, mes œuvres) que dans la mesure où je ne le traite pas comme un instrument» · [V-fr]
5. 2.3 · Marcel, *Diário metafísico*, 1927, Apêndice «Existence et objectivité», p. 323 · “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo”; “a exterioridade do meu corpo em relação a mim mesmo” · «Je ne me sers pas de mon corps, je suis mon corps»; «quelque chose nie en moi l’extériorité de mon corps par rapport à moi-même» · [V-fr]
6. 2.3 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 207 · “a me suprimir” · «de tendre à me supprimer, moi qui les possède» · [V-fr]
7. 2.4 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 119 (7 out. 1932) · “uma fidelidade que só salvaguarda criando”; “Não há fidelidade senão a uma pessoa”; “uma pessoa absoluta” · «Idée d’une fidélité créatrice, d’une fidélité qui ne sauvegarde qu’en créant.»; «Il n’y a de fidélité qu’envers une personne, non point envers une idée ou un idéal. Une fidélité absolue enveloppe une personne absolue.» · [V-fr]
8. 2.5 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, «Linéaments» de 21 jan. 1933, § C, p. 146 · “um mistério é algo em que estou eu mesmo engajado” · «un mystère est quelque chose en quoi je suis moi-même engagé» · [V-fr]
9. 2.5 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 146 · “procedimento fundamentalmente vicioso” · «une procédure foncièrement vicieuse» · [V-fr]
10. 2.6 · Marcel, *Homo viator*, ed. espanhola Sígueme, 2005, pp. 38 e 45–47 · esperança contra otimismo; esperança absoluta sem condição · «—» · [paráfrase; V-es: Sígueme]
11. 2.6 · Marcel, *Homo viator*, Sígueme, 2005, pp. 72–73 · “Espero em ti para nós” · «Yo espero en ti para nosotros: tal es quizá la expresión más adecuada y más elaborada del acto que el verbo esperar traduce de una manera todavía confusa y velada.» · [V-es: Sígueme]
12. 2.7 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, «Esquisse d’une phénoménologie de l’avoir», p. 205 · “O corpo é o ter-tipo. E, no entanto…” · «Le corps est l’avoir-type. Et cependant… » · [V-fr]
13. 2.8 · Jaspers, *Introdução à filosofia* (*Einführung in die Philosophie*), Piper, 1971, p. 18 · “estou sujeito ao acaso” · «ich bin dem Zufall unterworfen» · [V-de]

14. 2.8 · Jaspers, *Filosofia* (*Philosophie*), II, 2.ª ed. inalterada, Springer, 1948, p. 469 · “não se transformam, a não ser em sua aparência”; “como uma parede em que esbarramos, em que naufragamos”; “sem poder explicá-las e derivá-las de outra coisa” · «Sie wandeln sich nicht, sondern nur in ihrer Erscheinung»; «Sie sind wie eine Wand, an die wir stoßen, an der wir scheitern.»; «ohne sie aus einem Anderen erklären und ableiten zu können» · [V-de]
15. 2.8 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 483 · “ainda não é situação-limite” · «Der Tod als objektives Faktum des Daseins ist noch nicht Grenzsituation» · [V-de]
16. 2.8 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 469 · “de olhos abertos”; “experimentar situações-limite e existir é o mesmo” · «wir werden wir selbst, indem wir in die Grenzsituationen offenen Auges eintreten … Grenzsituationen erfahren und Existieren ist dasselbe.» · [V-de]
17. 2.8 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 470 · “ainda é imanente e já aponta para a transcendência” · «Die Grenze tritt in ihre eigentliche Funktion, noch immanent zu sein und schon auf Transzendenz zu weisen.» · [V-de]
18. 2.9 · Jaspers, *A questão da culpa* (*Die Schuldfrage*), Lambert Schneider, 1946, pp. 31–32 · “há uma solidariedade entre homens como homens que torna cada um corresponsável por toda injustiça”; “só Deus” · «Es gibt eine Solidarität zwischen Menschen als Menschen, welche einen jeden mitverantwortlich macht für alles Unrecht und alle Ungerechtigkeit in der Welt»; «Instanz ist Gott allein.» · [V-de]
19. 2.10 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, Piper, 1971, p. 22 · “só nela sou eu mesmo” · «in ihr allein bin ich ich selbst» · [V-de]
20. 2.10 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 356 · “luta amante de veracidade implacável” · «liebenden Kampf unerbittlicher Wahrhaftigkeit» · [V-de]
21. 2.11 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 451 · “ao escolher, sou; se não sou, não escolho”; “o que eu mesmo seja ainda está aberto”; a frase “sou só na medida em que me decido” não foi achada nessa forma · «indem ich wähle, bin ich; bin ich nicht, wähle ich nicht»; «Was ich selbst sei, ist zwar noch offen, weil ich noch entscheiden werde» · [V-de]
22. 2.12 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 451 · “A escolha de mim mesmo é com a escolha do outro” · «Wahl meiner selbst ist mit der Wahl des Anderen» · [V-de]
23. 2.12 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, 1971, p. 94 · “pensar no outro” · «Zauberworte … (etwa: maßhalten, an den anderen denken, warten, Gott ist)» · [V-de]
24. 2.13 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, 1971, pp. 40–41 · “A fé não é uma posse”; “O Deus em quem se crê é o Deus distante, o Deus oculto, o Deus indemonstrável” · «Glaube ist kein Besitz.»; «Der geglaubte Gott ist der ferne Gott, der verborgene Gott, der unerweisbare Gott.» · [V-de]
25. 2.13 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, § H, p. 150 · “aberta na direção de uma revelação”; “não saberia exigir, nem pressupor, nem integrar” · «ouverte dans la direction d’une révélation»; «ni exiger, ni présupposer, ni intégrer» · [V-fr]
26. 2.14 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 348 · “entrar em comunicação sem estar só” · «Ich kann nicht selbst werden, ohne in Kommunikation zu treten und nicht in Kommunikation treten, ohne einsam zu sein» · [V-de]

27. 2.15 · Marcel, *Homo viator*, Sígueme, 2005, p. 193 · o texto de 1943 sobre *O ser e o nada* · «—» · [paráfrase; V-es: Sígueme]
28. 2.15 · Marcel, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, trad. Villoro, 1955, p. 80 · “não se pertence” · «no se pertenece» · [V-es: Villoro]

A TRADIÇÃO

1. 2.4 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (*Sí mismo como otro*), ed. espanhola, Siglo XXI, 1996, via Estudo IX, 4.2 e 5.5 · “corre o risco de petrificar-se na rigidez estoica da simples fidelidade, se não for regada pelo desejo de responder a uma expectativa” · «corre el riesgo de petrificarse en la rigidez estoica de la simple fidelidad, si no es regada por el deseo de responder a una expectativa» · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2; página a confirmar]
2. 2.6 · Weil, a espera que “tem objeto, alguém que virá”, via Tratado da Vigília, “Fundamentação” · «—» · [V via secundária: Tratado da Vigília; tese a confirmar]
3. 2.12 · Arendt, “Karl Jaspers: uma *laudatio*” (1958), via Estudo XIII, 5.2 · a mentalidade alargada, de Kant, atribuída a Jaspers · «—» · [V via secundária: Estudo XIII, 5.2; localização a confirmar]
4. 2.14 · Arendt, “Karl Jaspers: uma *laudatio*” (1958), em *La pluralidad del mundo*, Taurus, 2019, via Estudo XIII, 5.2 · “nunca se adquire no estar só, nunca por se dar ao público a obra de cada um” · «La humanitas nunca se adquiere en soledad […]» · [V via secundária: Estudo XIII, 5.2; página a confirmar; tradução do estudo]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 2.1 · Decisões do fundador de 06/11/2026 (Estudo V), n.º 8 · “sem ponte e com a medição no Estudo XIV” · [decisão do fundador]
2. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” · [letra do cânon]
3. 2.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro” · [letra do cânon]
4. 2.1 · Decisões do fundador de 19/10/2026 (Estudo VIII), n.º 4 · “não vai até a substituição”; “nunca pede que a luz própria se apague” · [decisão do fundador]
5. 2.2 · Estudo XIII, 5.1 · os cinco usos de “presença” na letra · [letra de escrito]
6. 2.2, 2.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “estar inteiro onde o corpo está”; “O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” · [letra do cânon]
7. 2.2, 2.5, 2.8 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “presença, não vitória”; “o mal que ninguém causou”; “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba” · [letra do cânon]
8. 2.2 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “também é presença” · [letra do cânon]
9. 2.2 · Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde” · “presença contínua” · [letra do cânon]
10. 2.2 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “presença encarnada” · [letra do cânon]
11. 2.2 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “presença anterior a qualquer olhar” · [letra do cânon]
12. 2.2 · Tratado da Vigília, “Definição” · “devolve a quem está nela um lugar” · [letra do cânon]
13. 2.2 · Catecismo, 18 · “presença é reunir os dois” · [letra do cânon]

14. 2.3 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “trata a si mesma como instrumento, nunca como fim” · [letra do cânon]
15. 2.3 · Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde” · “vê no rio um instrumento” · [letra do cânon]
16. 2.4 · Decisões do fundador de 31/10/2026 (Estudo XIII), n.º 5 · o compromisso do Abrigo como a promessa dita a outro · [decisão do fundador]
17. 2.4 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “se compromete a ser lugar seguro no rio” · [letra do cânon]
18. 2.4 · Decisões do fundador de 19/10/2026 (Estudo VIII), n.º 3 · “revela e nada exige” · [decisão do fundador]
19. 2.4 · Decisões do fundador de 31/10/2026 (Estudo XI), n.º 5 · “não pede retorno em ponto algum” · [decisão do fundador]
20. 2.5 · Tratado da Vigília, “O problema que responde” · “não lê a noite a partir do fim, lê-a a partir de quem está nela” · [letra do cânon]
21. 2.5, 2.8 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “importa a presença, e não a explicação” · [letra do cânon]
22. 2.5 · Tratado da Vigília, “Definição” · “quando consolar é explicar” · [letra do cânon]
23. 2.5 · Estudo XII, 5.2 · a presença sem explicação lida como parente do mistério · [letra de escrito]
24. 2.6 · Tratado da Vigília, “Definição” · “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”; “não faz depender a luz do que virá” · [letra do cânon]
25. 2.6 · Tratado da Vigília, “Segunda objeção” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” · [letra do cânon]
26. 2.6 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “não promete que alguém venha, nem o nega” · [letra do cânon]
27. 2.7 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu. A luz é para todo o mundo ver — e sentir” · [letra do cânon]
28. 2.7 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “de museu, quando a luz só se protege; guardada do vento, na margem; posta no rio”; “o que os separa é o devolver” · [letra do cânon]
29. 2.8 · Decisões do fundador de 06/11/2026 (Estudo V), n.º 5 · as situações-limite lidas ao lado da noite, em leitura · [decisão do fundador]
30. 2.8 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância” · [letra do cânon]
31. 2.8 · Decisões do fundador de 03/11/2026 (Estudo II), n.º 7 · “não diz que a noite é prova” · [decisão do fundador]
32. 2.9 · Tratado da Vigília, “Definição” · “O lobo é o mal que alguém inflige, e é lobo quem o inflige, com ou sem intenção”; “resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” · [letra do cânon]
33. 2.9 · Decisões do fundador de 23/10/2026 (Estudo IX), n.º 10 · “passa pelo ato, não pela pessoa” · [decisão do fundador]
34. 2.9 · Disputatio da luz interior e do mal, “Ad tertium” · “subsiste, sim, uma ausência” · [letra do cânon]

35. 2.10 · Estudo XIII, 5.2 · a pergunta sobre a palavra verdadeira posta em circulação e a vez respeitada · [letra de escrito]
36. 2.10 · Decisões do fundador de 31/10/2026 (Estudo XIII), n.º 9 · a palavra e a vez ao lado da ação e do discurso, com o rio sem ser programa · [decisão do fundador]
37. 2.10 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “A palavra verdadeira posta em circulação, a confiança honrada, a vez respeitada, o espaço comum cuidado — tudo isso é manutenção das águas”; “pessoal, nunca individual” · [letra do cânon]
38. 2.10 · Decisões do fundador de 17/10/2026 (Estudo VII), n.º 3 · “dada antes de qualquer relação” · [decisão do fundador]
39. 2.10 · Tratado das Águas Comuns, “Resposta” · “O que o rio dá é alcance, a luz levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” · [letra do cânon]
40. 2.11, 2.15 · Decisões do fundador de 06/11/2026 (Estudo V), n.º 1 · a escolha como lugar da pessoa; a invenção recusada · [decisão do fundador]
41. 2.11 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” · [letra do cânon]
42. 2.11 · Catecismo, 24 · “a decisão é sempre de quem caminha” · [letra do cânon]
43. 2.11, 2.15 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela” · [letra do cânon]
44. 2.12 · Decisões do fundador de 31/10/2026 (Estudo XIII), n.º 6 · a mentalidade alargada lida na Bússola · [decisão do fundador]
45. 2.13 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · [letra do cânon]
46. 2.13 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “deliberadamente” · [letra do cânon]
47. 2.13 · Decisões do fundador de 06/11/2026 (Estudo VI), n.º 4 · estrutura, nunca nome da Luz, para o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao · [decisão do fundador]
48. 2.14 · Decisões do fundador de 31/10/2026 (Estudo XIII), n.º 4 · a margem como “estar consigo” · [decisão do fundador]
49. 2.14 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “A margem também é rio; o silêncio à beira d’água também é presença” · [letra do cânon]
50. 2.14 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio” · [letra do cânon]
51. 2.15 · Decisões do fundador de 03/11/2026 (Estudo I), n.º 3 · “a Lux é de alguém” · [decisão do fundador]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

MARCEL E JASPERS

1. 3.1 · Marcel, *Homo viator*, trad. Sígueme, 2005, pp. 72–73 · “Espero em ti para nós” · «Yo espero en ti para nosotros» · [V-es: Sígueme]

2. 3.1 · Marcel, *Homo viator*, Sígueme, pp. 38, 45–47 · a esperança não é otimismo; a esperança absoluta dirige-se a um tu absoluto · «—» · [V-es: Sígueme; paráfrase]
3. 3.1, 3.11 · Marcel, *A dignidade humana* (*La dignité humaine*), Aubier-Montaigne, 1964, p. 121 · a esperança postula que a frustração entre os vivos e os mortos não é definitiva · «—» · [V-fr; paráfrase]
4. 3.1 · Jaspers, *Introdução à filosofia* (*Einführung in die Philosophie*), Piper, Serie 13, 1971, p. 95 · a palavra "esperança" · «—» · [V-de; paráfrase; localização a confirmar]
5. 3.1 · Jaspers, *Filosofia* (*Philosophie*), III, Springer, 2.ª ed., 1948, paginação contínua, p. 878 · o capítulo do naufrágio fecha em tolerar e em repouso · «so ist Dulden der Weg vor der Ruhe» · [V-de; paráfrase]
6. 3.2 · Jaspers, *Filosofia*, III, pp. 876–877 · "Não se pode saber por que o mundo é" · «Es ist nicht zu wissen, warum die Welt ist» · [V-de]
7. 3.2, 3.15 · Jaspers, *Filosofia*, I, p. 285 · "a última cifra do ser no existir" · «das Scheitern, als die letzte Chiffre des Seins im Dasein» · [V-de]
8. 3.2, 3.4 · Jaspers, *Filosofia*, III, p. 786 · "não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem" · «weil sie nicht als sie selbst die Transzendenz, sondern deren Sprache ist» · [V-de]
9. 3.2 · Jaspers, *Filosofia*, III, p. 877 · "fica aberta, daí seu silêncio"; "o vazio absoluto ou o cumprimento definitivo" · «Sie bleibt offen, daher ihr Schweigen. Sie kann ebensogut die absolute Leere wie die endgültige Erfüllung werden» · [V-de]
10. 3.2 · Jaspers, *Filosofia*, III, p. 876 · "sem transcender só se vive num desespero radical" · «ohne Transzendieren ist nur zu leben in radikaler, nur das Nichts lassender Verzweiflung» · [V-de]
11. 3.2 · Jaspers, *Filosofia*, III, p. 878 · "experimentar o ser" · «im Scheitern das Sein zu erfahren» · [V-de]
12. 3.2 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, pp. 18, 20 · o velamento ou "desespero e restauração"; "no silêncio diante do indecifrável" · «Verzweiflung und Wiederherstellung»; «im Schweigen vor dem Undeutbaren» · [V-de]
13. 3.3 · Marcel, *Ser e ter* (*Être et avoir*), Aubier-Montaigne, 1968, p. 146 · "é algo em que estou eu mesmo engajado"; "transcende por definição toda técnica concebível" · «un mystère est quelque chose en quoi je suis moi-même engagé»; «un mystère transcende par définition toute technique concevable» · [V-fr]
14. 3.3 · Marcel, *A dignidade humana*, p. 113 · o misterioso buscado antes do lado da luz que do lado da obscuridade · «du côté de la lumière que du côté de l'obscurité» · [V-fr; paráfrase]
15. 3.4 · Jaspers, *Filosofia*, II, p. 470 · "ainda ser imanente e já apontar para a transcendência" · «noch immanent zu sein und schon auf Transzendenz zu weisen» · [V-de]
16. 3.4 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, p. 25 · o abrangente (*das Umgreifende*) como o ser no todo · «—» · [V-de; paráfrase]
17. 3.4 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 149 · a "transcendência" como ultrapassamento do desespero, da traição e da morte · «si le mot transcendance a un sens, c'est justement cette négation qu'il désigne ; plus exactement ce dépassement» · [V-fr; paráfrase]
18. 3.5 · Jaspers, *A questão da culpa* (*Die Schuldfrage*), Schneider, 1946, p. 105 · "Que Deus é, isso basta"; "humildade e medida são a nossa parte" · «Daß Gott ist, ist genug»; «Demut und Maßhalten ist unser Teil» · [V-de]

19. 3.5 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, pp. 40–41 · “a fé não é uma posse” · «Glaube ist kein Besitz» · [V-de]
20. 3.5 · Jaspers, *A fé filosófica* (*Der philosophische Glaube*), 1948, p. 35, via Weidmann, introdução a *Obras completas* (*Karl Jaspers Gesamtausgabe*), I/13, Schwabe, 2016 · “só quem parte de Deus pode procurá-lo” · «Nur wer von Gott ausgeht, kann ihn suchen» · [V via secundária: Weidmann]
21. 3.5 · Jaspers, *Da verdade* (*Von der Wahrheit*), Piper, 1947, p. 1051, via Weidmann · “Deus não é cifra, mas a própria realidade” · «Gott ist nicht Chiffer, sondern die Wirklichkeit selbst» · [V via secundária: Weidmann]
22. 3.5 · Jaspers, *Obras completas*, I/13, Schwabe, p. 248 · “o próprio Deus lhe é uma cifra” · «Gott selber ist ihm eine Chiffer» · [V-de]
23. 3.5, 3.13 · Jaspers, *Obras completas*, I/13, p. 70 · a crítica à verdade em posse dos crentes, localizada nos escritos bíblicos e não na fé bíblica · «—» · [V-de; paráfrase]
24. 3.5 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 119 · “uma fidelidade absoluta envolve uma pessoa absoluta” · «Une fidélité absolue enveloppe une personne absolue» · [V-fr]
25. 3.6, 3.15 · Marcel, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* (*Posición y aproximaciones concretas al misterio ontológico*), trad. Villoro, UNAM, 1955, pp. 72–73 · “é capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele” · «el ser disponible es el que es capaz de estar todo él por entero conmigo cuando yo lo necesito» · [V-es: Villoro; página a confirmar]
26. 3.6 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 90 · “Estar indisponível: estar ocupado de si” · «Etre indisponible : être occupé de soi» · [V-fr]
27. 3.7 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 119 · “Não há fidelidade senão a uma pessoa, e não a uma ideia ou a um ideal” · «Il n’y a de fidélité qu’envers une personne, non point envers une idée ou un idéal» · [V-fr]
28. 3.7 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, pp. 149–150 · a fidelidade como atestação criadora · «—» · [V-fr; paráfrase]
29. 3.8, 3.12 · Jaspers, *Filosofia*, II, p. 348 · “Não posso tornar-me eu mesmo sem entrar em comunicação, e não posso entrar em comunicação sem estar só” · «Ich kann nicht selbst werden, ohne in Kommunikation zu treten und nicht in Kommunikation treten, ohne einsam zu sein» · [V-de]
30. 3.8 · Jaspers, *Filosofia*, II, pp. 450–451 · “decisão e ser-si-mesmo são uma só coisa”; “originalmente comunicativa” · «Entschluß und Selbstsein sind eines»; «ursprünglich kommunikativ» · [V-de]
31. 3.8 · Jaspers, *Filosofia*, II, pp. 351, 356 · a luta amante · «liebender Kampf» · [V-de]
32. 3.8 · Jaspers, discurso do Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães, 1958, p. 7 do opúsculo · “por tal luta uns com os outros só então cada um chega a si mesmo” · «Durch solchen Kampf miteinander kommt erst jeder zu sich selbst» · [V-de]
33. 3.9 · Jaspers, *A questão da culpa*, 1946, p. 64 · “a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem” · «Metaphysische Schuld ist der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen» · [V-de]
34. 3.9 · Jaspers, *A questão da culpa*, 1946, p. 32 · só a culpa metafísica tem Deus por instância · «Instanz ist Gott allein» · [V-de; paráfrase]

35. 3.9 · Jaspers, *Filosofia*, II, pp. 506–507 · “em todo caso caio inevitavelmente em culpa” · «In jedem Falle gerate ich unvermeidlich in Schuld» · [V-de]
36. 3.9 · Jaspers, *Filosofia*, II, p. 507 · “a disposição de tomar a culpa sobre si” · «Verantwortung heißt die Bereitschaft, die Schuld auf sich zu nehmen» · [V-de]
37. 3.10 · Marcel, *Diário metafísico* (*Journal métaphysique*), Gallimard, 1927, apêndice, p. 323 · “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” · «Je ne me sers pas de mon corps, je suis mon corps» · [V-fr]
38. 3.10 · Marcel, *Diário metafísico*, p. 237 · “na medida em que não o trato como um instrumento” · «je ne suis mon corps […] que dans la mesure où je ne le traite pas comme un instrument» · [V-fr]
39. 3.10 · Marcel, *Diário metafísico*, p. 239 · “converto a alma em corpo e me engajo numa regressão sem termo” · «je convertis l’âme en corps et m’engage par là dans une régression sans terme» · [V-fr]
40. 3.10 · Marcel, *A dignidade humana*, 1964, pp. 67–68 · usar o corpo como instrumento é “filosoficamente insustentável”; a autocorreção · «philosophiquement intenable» · [V-fr]
41. 3.10 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, pp. 206–207 · o instrumento que prolonga o corpo tende a suprimir quem o usa · «—» · [V-fr; paráfrase]
42. 3.11 · Marcel, *Homo viator*, Sígueme, pp. 147–166 · “Valor e imortalidade” (dezembro de 1943) · «—» · [V-es: Sígueme; localização a confirmar]
43. 3.11 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, p. 32 · “se há ‘imortalidade’, isso não se pergunta” · «…daß Gott ist, das ist genug. Ob es »Unsterblichkeit« gibt, danach wird nicht gefragt…» · [V-de]
44. 3.11 · Jaspers, *Filosofia*, III, p. 866 · “se o naufrágio pode ser não só naufrágio, mas um eternizar” · «ob Scheitern nicht nur Scheitern, sondern Verewigen sein kann» · [V-de]
45. 3.11 · Marcel, *Homo viator*, Sígueme, p. 267 · “Heidegger ou Jaspers” entre os que se pronunciam contra toda realidade do além · «—» · [V-es: Sígueme; paráfrase]
46. 3.14 · Jaspers, parecer de 22/12/1945 (carta a Oehlkers), em Heidegger–Jaspers, *Correspondência* (*Correspondencia 1920–1963*), trad. García Norro, Síntesis, apêndice, pp. 228–231 (marcadores do OCR) · o parecer sobre Heidegger · «—» · [V-es: García Norro; página a confirmar]
47. 3.15 · Jaspers, *Filosofia*, II, p. 469 · “de olhos abertos” · «wir werden wir selbst, indem wir in die Grenzsituationen offenen Auges eintreten» · [V-de]
48. 3.15 · Jaspers, *Filosofia*, III, pp. 877–878 · “a indecifrabilidade como última cifra” · «Die Undeutbarkeit als letzte Chiffre» · [V-de]
49. 3.15 · Marcel, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, trad. Villoro, pp. 72–73 · “para o primeiro sou uma presença, para o segundo sou um objeto” · «Para el primero soy una presencia, para el segundo soy un objeto» · [V-es: Villoro; página a confirmar]

A TRADIÇÃO

1. 3.1 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers* (*Gabriel Marcel et Karl Jaspers*), Temps présent, 1947, seção sobre a esperança, via Kuang (tese, Unistra) · “uma não-aceitação que é ao mesmo tempo uma distensão pela qual adoto o ritmo da prova” · «une non-acceptation qui est en même temps une détente par laquelle j’adopte le rythme de l’épreuve» · [V via secundária: Kuang; página e atribuição a confirmar]

2. 3.2 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, pp. 428–434, via Kuang · o ser que brilha no fundo do fracasso “não pode mais ser dito” · «l’être de la Transcendance qui brille au fond de l’échec ne peut plus être dit» · [V via secundária: Kuang; página a confirmar]
3. 3.5 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, título, via Kuang · “filosofia do mistério e filosofia do paradoxo” · «Philosophie du mystère et philosophie du paradoxe» · [V via secundária: Kuang; localização a confirmar]
4. 3.5 · Hanley, cronologia de Marcel, 1998 · batismo católico de Marcel em 23 de março de 1929 · «—» · [V via secundária: Hanley; localização a confirmar]
5. 3.7 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (*Soi-même comme un autre*), pp. 292–293, via Estudo IX, 4.2 · a fidelidade como resposta a uma expectativa · «—» · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2; paráfrase]
6. 3.12 · Arendt, “Karl Jaspers: uma *laudatio*”, 1958, via Estudo XIII, 5.2 · a *humanitas* não se adquire no estar só · «—» · [V via secundária: Estudo XIII, 5.2; paráfrase; localização a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 3.1, 3.15 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar. Quem vigia guarda-se do que virá; quem espera conta com o que virá; quem vela não faz depender a luz do que virá — permanece desperto no escuro” · [letra do cânon]
2. 3.1 · Tratado da Vigília, “Definição” · “nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” · [letra do cânon]
3. 3.1 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “tem objeto, alguém que virá”; “a Vigília não promete que alguém venha, nem o nega” · [letra do cânon]
4. 3.1 · Tratado da Vigília, “Definição” · “devolve a quem está nela um lugar” · [letra do cânon]
5. 3.1, 3.15 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”, segunda objeção · “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” · [letra do cânon]
6. 3.2, 3.3, 3.15 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba”; “A noite é o mal que ninguém causou”; “presença, não vitória” · [letra do cânon]
7. 3.2 · Tratado da Vigília, “Definição” · “o ‘para quê’ volta sem resposta” · [letra do cânon]
8. 3.2, 3.3 · Tratado da Vigília, “Definição” · “o consolo que explica alivia pela razão, que fala de fora” · [letra do cânon]
9. 3.2, 3.15 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “importa a presença, e não a explicação” · [letra do cânon]
10. 3.2 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “quem vela para que a noite passe, espera; para que signifique, interpreta; vela quem fica, passe a noite ou não”; “não precisa do fim para valer” · [letra do cânon]
11. 3.2, 3.15 · decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova” · [decisão do fundador]
12. 3.2, 3.15 · decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · as situações-limite leem-se ao lado da noite, como leitura · [decisão do fundador]

13. 3.3 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “não lê a noite de cima nem do fim” · [letra do cânon]
14. 3.3 · decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · a Lux “é de alguém” · [decisão do fundador]
15. 3.3 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “predicado do ser, não do fazer” · [letra do cânon]
16. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria” · [letra do cânon]
17. 3.4 · Catecismo, 17 · “a transcendência — o que vai além de nós — passa pela matéria” · [letra do cânon]
18. 3.4 · Disputatio, 2, “Sed contra” · “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” · [letra do cânon]
19. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela” · [letra do cânon]
20. 3.4 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “a luz é pessoal, nunca individual” · [letra do cânon]
21. 3.4 · decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · o *logos*, a mente luminosa, o *ātman* e o Tao: estrutura, nunca nome da Luz · [decisão do fundador]
22. 3.5 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”; “fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · [letra do cânon]
23. 3.5 · Estudo V, 5.1 · o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico · [letra de escrito]
24. 3.6 · decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “sem ponte e com a medição no Estudo XIV” · [decisão do fundador]
25. 3.6, 3.15 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” · [letra do cânon]
26. 3.6 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro” · [letra do cânon]
27. 3.6, 3.15 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “Presença: estar inteiro onde o corpo está” · [letra do cânon]
28. 3.7 · decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o Abrigo “revela e nada exige” · [decisão do fundador]
29. 3.7 · decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o Abrigo “não pede retorno em ponto algum” · [decisão do fundador]
30. 3.7 · decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · o compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro · [decisão do fundador]
31. 3.8 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado” · [letra do cânon]
32. 3.8 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Mounier é quem está mais perto”; “Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação” · [letra do cânon]
33. 3.8 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “abrir-se não é diluir-se” · [letra do cânon]
34. 3.8, 3.15 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação” · [decisão do fundador]
35. 3.9 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “O lobo é o mal que alguém inflige”; “resiste-se, e deve-se justiça” · [letra do cânon]

36. 3.9 · Tratado da Vigília, “Definição” · “a irreflexão não é noite” · [letra do cânon]
37. 3.9 · Disputatio, 4, “Ad tertium” · “o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização” · [letra do cânon]
38. 3.9 · Tratado da Vigília, “Síntese” · “para um tratado dedicado” · [letra do cânon]
39. 3.9 · decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato · [decisão do fundador]
40. 3.9, 3.10 · decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · *A questão da culpa* e a culpa política e metafísica de Jaspers entram como registros · [decisão do fundador]
41. 3.9 · decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · registros adotados, como matéria do tratado da justiça · [decisão do fundador]
42. 3.9 · decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · registros adotados, como matéria do tratado da justiça · [decisão do fundador]
43. 3.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” · [letra do cânon]
44. 3.10 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “trata a si mesma como instrumento, nunca como fim” · [letra do cânon]
45. 3.10 · Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde” · “Vê no rio um instrumento” · [letra do cânon]
46. 3.10 · decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “instrumento” como hipótese do estudo, sem aspas de Marcel · [decisão do fundador]
47. 3.11 · decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “atemporal” é letra do cânon; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux · [decisão do fundador]
48. 3.11 · glossário e escritos · “atemporal” (três ocorrências); “eterno” (três) e “eterna” (uma) · [letra do cânon]
49. 3.12 · decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a margem é “estar consigo” · [decisão do fundador]
50. 3.12 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “A margem também é rio; o silêncio à beira d’água também é presença”; “A palavra verdadeira posta em circulação” · [letra do cânon]
51. 3.12 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Estar consigo é o dois-em-um do pensar”; “Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio” · [letra do cânon]
52. 3.12 · decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a palavra e a vez leem-se ao lado da ação e do discurso · [decisão do fundador]
53. 3.13 · decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “o veto é a própria Luz, sem voz externa” · [decisão do fundador]
54. 3.14 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · a fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série · [decisão do fundador]
55. 3.14 · decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · o padrão das fronteiras estende-se à Stoa · [decisão do fundador]

56. 3.14 · decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · o padrão das fronteiras estende-se ao cristianismo e ao Vedanta · [decisão do fundador]
57. 3.14 · decisão n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e VI · o padrão das fronteiras estende-se ao existencialismo e ao taoísmo · [decisão do fundador]
58. 3.14 · Estudo XIII, 4.6 · “a biografia não é doutrina” · [letra de escrito]
59. 3.15 · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção” · [decisão do fundador]
60. 3.15 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a Vigília deixa a leitura de fé a quem crê · [decisão do fundador]

Capítulo 4 — Marcel e Jaspers diante um do outro e das casas da série

MARCEL E JASPERS

1. 4.1 · Marcel, *Être et avoir* (*Ser e ter*), Aubier-Montaigne, 1968, 9 nov. [1932], p. 128 · “Aprofundar o sentido do que chamei o peso ontológico da experiência humana; aqui Jaspers pode ser útil” · «Approfondir le sens de ce que j’ai appelé le poids ontologique de l’expérience humaine ; ici Jaspers peut être utile.» · [V-fr]
2. 4.1 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 105, nota 1 (agosto de 1934) · “o acordo fundamental entre essas visões e as de Jaspers, que eu não conhecia em 1931” · «l’accord fondamental entre ces vues et celles de Jaspers que je ne connaissais pas en 1931» · [V-fr]
3. 4.1 · Marcel, *La dignité humaine* (*A dignidade humana*), Aubier-Montaigne, 1964, 5.ª lição, “Mystère ontologique”, pp. 114–115 · “decisiva” · «pour moi décisive» · [V-fr]
4. 4.1 · Marcel, *Homo viator*, ed. Sígueme, p. 267 (também pp. 159 e 193) · “filósofos existencialistas, como Heidegger ou Jaspers, que, explícita ou implicitamente, se pronunciam contra toda realidade do além, do *Jenseits*” · «filósofos existencialistas tales como Heidegger o Jaspers que, explícitamente o no, se pronuncian contra toda realidad del más allá, del Jenseits» · [V-es: Sígueme]
5. 4.1 · Jaspers, *Die Schuldfrage* (*A questão da culpa*), Schneider, 1946, p. 105 · “Que Deus é, isso basta” · «Daß Gott ist, ist genug.» · [V-de]
6. 4.1 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie* (*Introdução à filosofia*), Piper, Serie 13, 1971, p. 32 · “se há ‘imortalidade’, isso não se pergunta” · «Ob es »Unsterblichkeit« gibt, danach wird nicht gefragt» · [V-de]
7. 4.2 · Jaspers, *Philosophie* (*Filosofia*), III, 2.ª ed., Springer, 1948, p. 877 · “A indecifrabilidade como última cifra não é mais cifra determinável. Fica aberta, daí seu silêncio” · «Die Undeutbarkeit als letzte Chiffre ist aber nicht mehr als bestimmbare Chiffre. Sie bleibt offen, daher ihr Schweigen.» · [V-de]
8. 4.2 · Jaspers, *Filosofia*, III, 1948, p. 878 · “Basta que o ser seja” · «Es ist genug, daß Sein ist» · [V-de]
9. 4.3 · Jaspers, discurso do Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães, 1958, p. 7 (opúsculo da cerimônia) · “A luta violenta se extingue na comunicação. […] Por tal luta uns com os outros só então cada um chega a si mesmo” · «Der gewaltsame Kampf erlischt in der Kommunikation. […] Durch solchen Kampf miteinander kommt erst jeder zu sich selbst» · [V-de]

10. 4.3 · Jaspers a Arendt, 23/10/1946, em Arendt–Jaspers, *Briefwechsel 1926–1969* (*Correspondência*), Piper, 1992, trad. Tizzo (tese, UC, 2022) · “assume uma ‘grandeza’ — de grandeza satânica — que é, para mim, inadequada para os nazistas” · «—» · [V via secundária: Tizzo; página a confirmar]
11. 4.4 · Jaspers, *Vernunft und Existenz* (*Razão e existência*), Piper, 1960, p. 31 · “Ambos estão conscientes de seu ser como ‘exceção’” · «Beide sind sich ihres Seins als »Ausnahme« bewußt.» · [V-de]
12. 4.4 · Jaspers, *Razão e existência*, 1960, p. 129 · “filosofamos, sem ser exceção, com o olhar na exceção” · «Die Aufgabe ist: Wir philosophieren, ohne Ausnahme zu sein, im Blick auf die Ausnahme.» · [V-de]
13. 4.4 · Jaspers, *Razão e existência*, 1960, p. 129 · “Que devamos a Kierkegaard e a Nietzsche o novo pela possibilidade da fundação mais profunda e, no entanto, não os sigamos em decisões essenciais, isso faz a dificuldade de nossa situação filosófica” · «Daß wir Kierkegaard und Nietzsche das Neue durch die Möglichkeit der tiefsten Grundlegung verdanken und ihnen doch in wesentlichen Entscheidungen nicht folgen, das macht die Schwierigkeit unserer philosophischen Situation.» · [V-de]
14. 4.4 · Jaspers, *Razão e existência*, 1960, pp. 129–130 · “o filosofar que eles impulsionaram será, contra a sua ausência de comunicação, um filosofar comunicativo” · «Das von ihnen angetriebene Philosophieren wird gegen ihre Kommunikationslosigkeit ein kommunikatives Philosophieren sein» · [V-de]
15. 4.4 · Jaspers, *Filosofia*, II, 2.ª ed., 1948, p. 451 · “esta decisão na escolha é originariamente comunicativa. A escolha de mim mesmo é com a escolha do outro” · «Dieser Entschluß in der Wahl ist ursprünglich kommunikativ. Wahl meiner selbst ist mit der Wahl des Anderen» · [V-de]
16. 4.5 · Marcel, *Homo viator*, ed. Sígueme, p. 177 (texto de 1943 sobre *L’Être et le néant*) · “importância do novo livro de Sartre” · «importancia del nuevo libro de Sartre» · [V-es: Sígueme]
17. 4.5 · Marcel, *Homo viator*, ed. Sígueme, p. 193 · o mérito de Sartre é uma metafísica que nega a graça · «—» · [V-es: Sígueme; paráfrase]
18. 4.5 · Jaspers, carta a Oehlkers de 22/12/1945, em Heidegger–Jaspers, *Correspondencia 1920–1963* (*Correspondência*), trad. García Norro, Síntesis, apêndice, pp. 228–231 · “não livre, ditatorial e carente de comunicação” · «es no libre, dictatorial y carente de comunicación» · [V-es: García Norro; página a confirmar; tradução do estudo]
19. 4.6 · Jaspers, *Filosofia*, III, 1948, p. 876 · “Não se pode saber por que o mundo é” · «Es ist nicht zu wissen, warum die Welt ist» · [V-de]
20. 4.6 · Jaspers, *Filosofia*, III, 1948, p. 878 · “se não há […] justificação do que é […], então tolerar é o caminho antes do repouso” · «Gibt es … keine Rechtfertigung dessen, was ist … so ist Dulden der Weg vor der Ruhe» · [V-de]
21. 4.7 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, “Linéaments”, § F, p. 149 · “é justamente essa negação que ela designa; mais exatamente esse ultrapassamento” · «si le mot transcendance a un sens, c’est justement cette négation qu’il désigne ; plus exactement ce dépassement (Überwindung plutôt encore que Aufhebung).» · [V-fr]
22. 4.8 · Jaspers, *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte* (*Origem e meta da história*), em *Obras completas*, I/10, Schwabe, 2016, pp. 17–18 · “Neste tempo concentra-se o extraordinário. Na China viveram Confúcio e Laozi […]; na Índia […] viveu Buda […]” · «In dieser Zeit drängt sich Außerordentliches zusammen. In China lebten Konfuzius und Laotse, … in Indien … lebte Buddha …» · [V-de]

23. 4.8 · Jaspers, *Psychologie der Weltanschauungen* (*Psicologia das visões de mundo*), Springer, 1919, p. 242, seção “Schuld” · a autossegurança ética estoica como cegueira, conduzindo à “completa desesperação” · «vollkommene Verzweiflung» · [V-de; paráfrase]
24. 4.8 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, “Linéaments”, § H, p. 150 · “aberta na direção de uma revelação, que ela […] não saberia nem exigir, nem pressupor, […] mas cuja aceitação pode, em certa medida, preparar” · «ouverte dans la direction d’une révélation, qu’elle ne saurait d’ailleurs ni exiger, ni présupposer, […] mais dont elle peut en quelque mesure préparer l’acceptation» · [V-fr]
25. 4.8 · Jaspers, *Der philosophische Glaube angesichts der christlichen Offenbarung* (*A fé filosófica diante da revelação cristã*), em *Obras completas*, I/13, p. 70 · “não na fé bíblica propriamente dita, mas nos escritos bíblicos […] A verdade é uma, está, pela revelação, na posse dos crentes” · «Nicht im eigentlichen biblischen Glauben, aber in den biblischen Schriften […] Die Wahrheit ist eine, sie ist durch die Offenbarung im Besitz der Gläubigen.» · [V-de]
26. 4.9 · Jaspers, *A questão da culpa*, 1946, p. 64 · “Culpa metafísica é a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem” · «Metaphysische Schuld ist der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen.» · [V-de]
27. 4.9 · Marcel, *Les hommes contre l’humain* (*Os homens contra o humano*), La Colombe, 1951, p. 46 · “a consciência de sua realidade íntima e profunda” · «conscience de sa réalité intime et profonde» · [V via secundária: Duclos, tese, uOttawa]

A TRADIÇÃO

1. 4.1 · Marcel, “Situation fondamentale et situations limites chez Karl Jaspers” (“Situação fundamental e situações-limite em Karl Jaspers”), *Recherches philosophiques* II (1932–33), pp. 317–348; reed. em *Du refus à l’invocation* (*Da recusa à invocação*), Gallimard, 1940 · a situação-limite reúne Jaspers e Heidegger (p. 329) · «—» · [V via secundária: Englebert, 2018; paráfrase; localização a confirmar]
2. 4.1 · Mounier, *Introduction aux existentialismes* (*Introdução aos existencialismos*), 1947 · objeção de Marcel a Jaspers por renunciar a uma teoria do ser em geral · «—» · [paráfrase; localização a confirmar; V-fr]
3. 4.2 · Ricoeur, *Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du mystère et philosophie du paradoxe*, Éditions du Temps présent, 1947; data pela nota editorial à *Festschrift* dos 70 anos de Jaspers, 1953 · “a comparação sistematicamente armada entre Gabriel Marcel e Karl Jaspers” · «der systematisch angelegte Vergleich zwischen Gabriel Marcel und Karl Jaspers … Paris, Temps Présent, 1947» · [V via secundária: *Festschrift*, 1953; autor da nota e página a confirmar]
4. 4.2 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, abertura · “duas grandes massas comparáveis de análises” · «deux grandes masses comparables d’analyses» · [V via secundária: Kuang, tese, Unistra; página a confirmar]
5. 4.2 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, pp. 221–228 · “menos uma filosofia da liberdade que da libertação” · «moins une philosophie de la liberté que de la libération» · [V via secundária: Kuang; página a confirmar]
6. 4.2 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, p. 432 · “É a questão de saber se do fundo das trevas um ser pode brilhar” · «C’est la question de savoir si du fond des ténèbres un être peut briller» · [V via secundária: Kuang; página a confirmar]

7. 4.2 · Ricoeur, *Gabriel Marcel e Karl Jaspers*, 1947, pp. 428–434 · “o ser da Transcendência que brilha no fundo do fracasso não pode mais ser dito” · «l’être de la Transcendance qui brille au fond de l’échec ne peut plus être dit» · [V via secundária: Kuang; página a confirmar]
8. 4.2 · Ricoeur, *Sí mismo como otro* (*O si-mesmo como um outro*), ed. esp., Siglo XXI, pp. 292–293 · “Gabriel Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade” · «—» · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2]
9. 4.3 · Arendt, “Karl Jaspers: uma laudatio”, 1958, em *La pluralidad del mundo*, Taurus, 2019, via Estudo XIII, 5.2 · “nunca se adquire no estar só, nunca por se dar ao público a obra de cada um” · «La humanitas nunca se adquiere en soledad […]» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]
10. 4.3 · Arendt, “Karl Jaspers: uma laudatio”, 1958, via Estudo XIII, 5.2 · “é a mentalidade política por excelência” · «la kantiana “mentalidad ampliada”, que es la mentalidad política par excellence» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]
11. 4.3 · Arendt, *Laudatio*, 1958 · “o que os romanos chamavam de *humanitas*”; “o mesmo que Kant e depois Jaspers entendem por humanidade” · «was die Römer die humanitas nannten»; «das gleiche, was Kant und dann Jaspers unter Humanität verstehen» · [V-de; localização a confirmar]
12. 4.3 · Arendt a Jaspers, 17/8/1946, em Arendt–Jaspers, *Briefwechsel 1926–1969*, Piper, 1992, trad. Tizzo (tese, UC, 2022) · “Os crimes nazistas, parece-me, extrapolam os limites da lei; e é precisamente nisso que constitui sua monstruosidade” · «—» · [V via secundária: Tizzo; página a confirmar]
13. 4.5 · Politis, “Marcel lecteur de Sartre en 1946”, UERN (resumo) · a conferência de 1946 de Marcel, publicada em *Les grands appels de l’homme contemporain* (*Os grandes apelos do homem contemporâneo*), Temps présent, 1947; reed. Vrin, 1981 · «—» · [V via secundária: Politis; paráfrase]
14. 4.5 · Sartre, conferência de 1946, em Cruvinel, *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel e o mistério da (co)existência*, dissertação, Unioeste, 2023 · “de confissão católica” · «de confession catholique» · [V via secundária: Cruvinel; página e edição de Sartre a confirmar]
15. 4.5 · Hanley, 1998, Marquette, cronologia (p. 213 para a biografia) · batismo católico de Marcel em 23/3/1929 · «—» · [V via secundária: Hanley; localização a confirmar]
16. 4.5 · Heidegger–Jaspers, *Correspondencia 1920–1963* (*Correspondência*), trad. García Norro, Síntesis · a amizade desde 1920 e o contato rompido no fim de 1933 · «—» · [tese a confirmar]
17. 4.6, 4.7 · introdução a *Os grandes filósofos*, *Existenz* 12/1, 2017, p. 22 · “Os edifícios dos ordenadores criadores: Aristóteles. Tomás. Hegel” · «The Edifices of the Creative Orderers: Aristotle. Aquinas. Hegel» · [V-en: tradução do *Existenz*; tradução do estudo]
18. 4.6 · Urabayen, *Pensamiento* 72/270 (2016), p. 61, em Ostiz, *Pensamiento* 80/311 (2024), p. 1621, n. 33 · “Levinas costuma falar de Marcel destacando o que ‘aprendeu’ […]. Mas, depois dessa semelhança inicial, surge logo a captação das diferenças” · «Levinas suele hablar de Marcel destacando lo que ha “aprendido” … Pero, tras ese parecido inicial, surge enseguida la captación de las diferencias» · [V via secundária: Urabayen; tradução do estudo]
19. 4.6 · Ostiz, *Pensamiento* 80/311 (2024), p. 1622 · o outro “não é para Levinas um ‘tu’, mas um ‘ele’” · «no es para Levinas un “tú”, sino un “él”» · [V via secundária: Ostiz; tradução do estudo]
20. 4.7 · Quigley, resenha de *Os grandes filósofos*, 1962, em Estudo X, 4.4 · Sócrates entre “os indivíduos paradigmáticos”, Platão entre “os pensadores seminais” · «—» · [V via secundária: Quigley; tradução do

estudo]

21. 4.7 · Jaspers, *Die großen Philosophen* (*Os grandes filósofos*), vol. 1, Piper, 1957 (ed. München, 1959, para as páginas), no aparato de Salamun, em *Origem e meta da história*, *Obras completas*, I/10, Schwabe, 2016, bibliografia; páginas: Platão 234–318, Agostinho 319–396; Sócrates, sem página · "Os homens decisivos: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus — Os fundadores que seguem gerando o filosofar: Platão, Agostinho, Kant" · «Die maßgebenden Menschen: Sokrates, Buddha, Konfuzius, Jesus – Die fortzeugenden Gründer des Philosophierens: Plato, Augustin, Kant» · [V via secundária: Salamun; página a confirmar; tradução do estudo]
22. 4.8 · Jaspers, *Os grandes filósofos*, vol. 1, ed. München, 1959, no aparato de Salamun · Buda, pp. 127–154; Laozi, pp. 898–933 · «—» · [V via secundária: Salamun; paráfrase; página a confirmar]
23. 4.8 · Jaspers, *Os grandes filósofos*, vol. 1, no aparato de Salamun, em *Obras completas*, I/10, bibliografia; sem página para Nāgārjuna · Nāgārjuna e Laozi entre os que pensam "desde a origem" · «Aus dem Ursprung denkende Metaphysiker: […] Laotse, Nagarjuna» · [V via secundária: Salamun; tradução do estudo; página a confirmar]
24. 4.8 · Heidegger a Jaspers, em Parkes, "Rising Sun over Black Forest", in May, 1996, p. 105, via Estudo VI, 4.12 · o tradutor "traduziu comigo alguns versos de Laotse"; "abandonamos então a tentativa" · «translated a few verses of Laotse with me […] we then abandoned the attempt» · [V-en: Parkes; tradução do estudo; página a confirmar]
25. 4.9 · Taylor, *A Secular Age* (*Uma era secular*), sobre a *Achsenzeit* de Jaspers · «—» · [tese a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 4.1, 4.8 · Cânon v1.2, "Independência confessional" · "A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê" · [letra do cânon]
2. 4.2 · decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer" · [decisão do fundador]
3. 4.2 · decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · "a Lux é de alguém" · [decisão do fundador]
4. 4.2 · Tratado da Vigília, "Definição" · "quem vela não faz depender a luz do que virá" · [letra do cânon]
5. 4.2 · Estudo IX, 4.2 · "O estudo registra a coincidência de vocabulário e não faz ponte" · [letra de escrito]
6. 4.2 · Estudo IX, 5.5 · "Toca a Vigília nas situações-limite de Jaspers, na medida em que sejam noite" · [letra de escrito]
7. 4.2 · decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · "o Lumen Fluens aceita de Ricoeur o desvio e recusa a conquista" · [decisão do fundador]
8. 4.3 · decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "o caso que a Bússola percebe inclui as perspectivas dos outros, e o veto continua sem voz externa" · [decisão do fundador]
9. 4.3 · decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "o Lumen Fluens aceita de Arendt a pluralidade e recusa a aparição" · [decisão do fundador]
10. 4.3 · Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação", como citado no Estudo XIII, 5.2 · "porque a margem também é rio" · [letra do cânon]

11. 4.3 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o silêncio à beira d’água também é presença” · [letra do cânon]
12. 4.4 · Catecismo, 24, como lido na decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “a decisão é sempre de quem caminha” · [letra do cânon]
13. 4.4, 4.7 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” · [letra do cânon]
14. 4.5 · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “Vale em cheio diante de Sartre”; “a luz não se acende — ela se revela” · [decisão do fundador]
15. 4.5 · Estudo XIII, 4.6 · “a biografia não é doutrina” · [letra de escrito]
16. 4.5 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “padrão para os clássicos que virão, e não só deste estudo” · [decisão do fundador]
17. 4.5 · decisão n.º 11 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao existencialismo” · [decisão do fundador]
18. 4.6 · decisão n.º 1 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “o Lumen Fluens aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia” · [decisão do fundador]
19. 4.6 · decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova” · [decisão do fundador]
20. 4.6 · decisão n.º 5 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “são assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio” · [decisão do fundador]
21. 4.6 · decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “o Lumen Fluens aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição” · [decisão do fundador]
22. 4.7 · decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Lumen Fluens aceita de Platão o giro e recusa a escada”; “o ranking de pessoas” · [decisão do fundador]
23. 4.7, 4.10 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”, como citado no Estudo XII, 5.3 · “não comparativa, não sujeita a ranking” · [letra do cânon]
24. 4.7 · Estudo XI, 5.3 · “Aristóteles não está entre eles” · [letra de escrito]
25. 4.7 · decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “o Lumen Fluens aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida” · [decisão do fundador]
26. 4.7 · Estudo XII, 5.2 · “O estudo não abriu passagem de Marcel sobre Agostinho” · [letra de escrito]
27. 4.7 · Estudo XII, 5.3 · “‘Transcendência’ é, pois, palavra dos dois, e não dos mesmos lugares” · [letra de escrito]
28. 4.7 · decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “o Lumen Fluens aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção” · [decisão do fundador]
29. 4.8 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua” · [decisão do fundador]
30. 4.8 · decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “o Lumen Fluens aceita do budismo a atenção e recusa a chegada” · [decisão do fundador]

31. 4.8 · decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “nenhuma pessoa está fora da Lux” · [decisão do fundador]
32. 4.8 · decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento” · [decisão do fundador]
33. 4.8 · decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo” · [decisão do fundador]
34. 4.8 · decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV · “o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução” · [decisão do fundador]
35. 4.8 · Estudo V, 2.7 · “lê no naufrágio o caminho para o ser e a cifra da transcendência”; “a Vigília não explica nem promete acesso a nada” · [letra de escrito]
36. 4.8 · Estudo V, 3.10 · “Marcel e Jaspers dizem a esperança sem promessa; o cânon recusa a esperança como nome da Vigília” · [letra de escrito]
37. 4.8 · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · “o Lumen Fluens aceita do taoísmo a água e recusa o esquecimento de si” · [decisão do fundador]
38. 4.9 · decisão n.º 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A ordem dos clássicos: Platão (Estudo X), Aristóteles, Agostinho; depois Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor” · [decisão do fundador]
39. 4.9 · decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “(k) segue aberta até o estudo de Marx”; “(g) segue aberta até o tratado” · [decisão do fundador]
40. 4.9 · Disputatio, 4, “Ad tertium” · “subsiste, sim, uma ausência: o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização” · [letra do cânon]

Capítulo 5 — O que a série já disse e a Ficha proposta

MARCEL E JASPERS

1. 5.1 e 5.5 · Marcel, *Être et avoir* (*Ser e ter*), Aubier-Montaigne, 1968, 1932, p. 119 · “Não há fidelidade senão a uma pessoa, e não a uma ideia ou a um ideal” · «Il n’y a de fidélité qu’envers une personne, non envers une idée ou un idéal» · [V-fr]
2. 5.1 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 85 · “A caridade como presença, como disponibilidade absoluta” · «La charité comme présence, comme disponibilité absolue» · [V-fr]
3. 5.1 · Jaspers, *Philosophie* (*Filosofia*), II, 2.ª ed., Springer, 1948, p. 348 · “não posso entrar em comunicação sem estar só” · «und nicht in Kommunikation treten, ohne einsam zu sein» · [V-de]
4. 5.2 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, 16 jan. 1933 (ano inferido [tese a confirmar]), p. 155 · “O ser absolutamente disponível para os outros não se reconhece o direito de dispor livremente de si” · «L’être absolument disponible pour les autres ne se reconnaît pas le droit de disposer librement de soi» · [V-fr]
5. 5.2 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 483 · “A morte como fato objetivo do existir ainda não é situação-limite” · «Der Tod als objektives Faktum des Daseins ist noch nicht Grenzsituation» · [V-de]
6. 5.2 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 485 · “A minha morte é inexperimentável para mim […] O resto é silêncio” · «Mein Tod ist unerfahrbar für mich … Der Rest ist Schweigen» · [V-de]

7. 5.2 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 85 · “possuir é quase inevitavelmente ser possuído” · «Posséder c’est presque inévitablement être possédé» · [V-fr]
8. 5.2 e 5.5 · Marcel, *La dignité humaine* (*A dignidade humana*), Aubier-Montaigne, 1964, p. 113 · “deve ser buscado antes do lado da luz que do lado da obscuridade” · «le mystérieux ici évoqué doit être cherché bien plutôt du côté de la lumière que du côté de l’obscurité» · [V-fr]
9. 5.2 · Jaspers, *Filosofia*, III, 2.ª ed., Springer, 1948, p. 786 · “não é, ela mesma, a transcendência, mas sua linguagem” · «nicht als sie selbst die Transzendenz, sondern deren Sprache ist» · [V-de]
10. 5.2 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 149 · “se a palavra transcendência tem um sentido, é justamente essa negação que ela designa” · «si le mot transcendance a un sens, c’est justement cette négation qu’il désigne» · [V-fr; paráfrase]
11. 5.2 · Jaspers, *Die großen Philosophen* (*Os grandes filósofos*), vol. 1, Piper, 1957 (ed. München, 1959, para as páginas), via Salamun, em *Obras completas*, I/10, comentário · “os homens decisivos”; “os fundadores que continuam a gerar o filosofar” · «—» · [V via secundária: Salamun]
12. 5.3 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, 22 out. 1932, pp. 124–125 · “algo em que me encontro engajado” · «quelque chose où je me trouve engagé» · [V-fr]
13. 5.3 · Marcel, *Ser e ter*, 1968, p. 90 · “Estar indisponível: estar ocupado de si” · «Etre indisponible : être occupé de soi» · [V-fr]
14. 5.3 · Villoro, em *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* (Marcel, 1955), p. 80 · “não se pertence” · «no se pertenece» · [V-es: Villoro]
15. 5.3 e 5.5 · Marcel, *Homo viator*, ed. Sígueme, pp. 72–73 · “Espero em ti para nós” · «Yo espero en ti para nosotros» · [V-es: Sígueme]
16. 5.3 · Marcel, *Homo viator*, ed. Sígueme, p. 65 · “como uma memória do futuro” · «como una memoria del futuro» · [V-es: Sígueme]
17. 5.3 · Marcel, *Homo viator*, ed. Sígueme, p. 38 · esperança absoluta dirigida a um tu absoluto · «—» · [V-es: Sígueme; paráfrase]
18. 5.3 e 5.5 · Marcel, *Journal métaphysique* (*Diário metafísico*), Gallimard, 1927, Apêndice, p. 323 · “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” · «Je ne me sers pas de mon corps, je suis mon corps» · [V-fr]
19. 5.3 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 469 · “como uma parede em que esbarramos, em que naufragamos” · «Sie sind wie eine Wand, an die wir stoßen, an der wir scheitern» · [V-de]
20. 5.3 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie* (*Introdução à filosofia*), Piper, 1971, pp. 18 e 20 · “o desespero e a restauração”; “mostram” o naufrágio · «durch Verzweiflung und durch Wiederherstellung»; «zeigen mir das Scheitern» · [V-de]
21. 5.3 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, 1971, pp. 89 e 95 · “Não há liberdade isolada”; “A verdade começa a dois” · «Es gibt keine isolierte Freiheit»; «Die Wahrheit beginnt zu zweien» · [V-de]
22. 5.3 e 5.5 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, 1971, p. 22 · “só nela sou eu mesmo” · «in ihr allein bin ich ich selbst» · [V-de]
23. 5.3 · Jaspers, *Die Schuldfrage* (*A questão da culpa*), Schneider, 1946, p. 64 · “a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem” · «Metaphysische Schuld ist der Mangel an der absoluten

Solidarität mit dem Menschen als Menschen» · [V-de]

24. 5.3 · Jaspers, *Der philosophische Glaube angesichts der Offenbarung*, em *Obras completas*, I/13, Schwabe, 2016, p. 69 · “pode ser uma cifra da transcendência” · «ob sie als »Offenbarung« eine Chiffer der Transzendenz sein kann» · [V-de]
25. 5.3 · Jaspers, *Obras completas*, I/13, 2016, p. 248 · “O próprio Deus lhe é uma cifra” · «Gott selber ist ihm eine Chiffer» · [V-de]
26. 5.3 · Jaspers, *Von der Wahrheit* (*Da verdade*), Piper, 1947, p. 1051, via Weidmann, introdução a *Obras completas*, I/13 · “Deus não é cifra, mas a própria realidade” · «Gott ist nicht Chiffer, sondern die Wirklichkeit selbst» · [V via secundária: Weidmann]
27. 5.5 · Marcel, em Villoro, *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico*, 1955, pp. 72–73 [página a confirmar] · “Para o primeiro sou uma presença, para o segundo sou um objeto” · «Para el primero soy una presencia, para el segundo soy un objeto» · [V-es: Villoro]
28. 5.5 · Marcel, *Diário metafísico*, 1927, p. 236 · “há um sentido em que eu sou meu corpo” · «il y a un sens où je suis mon corps» · [V-fr]
29. 5.5 · Jaspers, *Filosofia*, II, 1948, p. 469 · “tornamo-nos nós mesmos ao entrar nas situações-limite de olhos abertos” · «wir werden wir selbst, indem wir in die Grenzsituationen offenen Auges eintreten» · [V-de]
30. 5.5 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, 1971, pp. 40–41 · “A fé não é uma posse” · «Glaube ist kein Besitz» · [V-de]
31. 5.5 · Jaspers, *Filosofia*, III, 1948, p. 877 · “a indecifrabilidade como última cifra” · «Die Undeutbarkeit als letzte Chiffre» · [V-de]
32. 5.5 · Jaspers, *A questão da culpa*, 1946, p. 105 · “Que Deus é, isso basta” · «Daß Gott ist, ist genug» · [V-de]

A TRADIÇÃO

1. 5.1 · Arendt, “Karl Jaspers: uma *laudatio*”, 1958, em *La pluralidad del mundo*, Taurus, 2019 · “nunca se adquire no estar só” · «La humanitas nunca se adquiere en soledad […]» · [V-es via secundária: Estudo XIII, 5.2; página a confirmar]
2. 5.1 · Ricoeur, *Soi-même comme un autre* (*O si-mesmo como um outro*), ed. esp., Siglo XXI, 1996, pp. 292–293 · “regada pelo desejo de responder a uma expectativa” · «si no es regada por el deseo de responder a una expectativa» · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2]
3. 5.2 · Quigley, resenha de *Os grandes filósofos*, 1962 · “paradigmáticos”, “seminais” · «—» · [V via secundária: Quigley]
4. 5.5 · Ricoeur, *Gabriel Marcel et Karl Jaspers*, Temps présent, 1947, citado na nota editorial da *Festschrift* de Jaspers de 1953 · localização da obra · «—» · [V via secundária: nota editorial da *Festschrift* de 1953; tese a confirmar]
5. 5.5 · Hanley, cronologia de Marcel, 1998 [página a confirmar] · Marcel, católico desde 1929 · «—» · [V via secundária: Hanley]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 5.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “se compromete a ser lugar seguro no rio” · [letra do cânon]
2. 5.1 e 5.5 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII · “O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro” · [decisão do fundador]
3. 5.1 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo revela e nada exige” · [decisão do fundador]
4. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar” · [letra de escrito]
5. 5.1, 5.3 e 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “Presença: estar inteiro onde o corpo está” · [letra do cânon]
6. 5.1 e 5.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “palavra verdadeira posta em circulação”; “Ninguém navega um rio privado” · [letra do cânon]
7. 5.1 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026, Estudo XIII · “A margem é ‘estar consigo’” · [decisão do fundador]
8. 5.1 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XIII · “A mentalidade alargada cabe na Bússola” · [decisão do fundador]
9. 5.1 · Decisões n.º 9 e 10 de 31/10/2026, Estudo XIII · a distinção de Arendt numa frase do Tratado das Águas Comuns, redação a aprovar pelo fundador · [decisão do fundador]
10. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · comunicação (Mounier) · [letra de escrito]
11. 5.2 e 5.3 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição” · [decisão do fundador]
12. 5.2 · Estudo IX, 4.2 e 5.5 · o homônimo; se a disponibilidade que responde a uma espera é exigência · [letra de escrito]
13. 5.2 · Estudo X, 4.4 e 5.4 · a pergunta sobre “indivíduo paradigmático” em Jaspers · [letra de escrito]
14. 5.2 · Estudo XI, 4.4 e 5.3 · o “ter” de Marcel vizinho da *hexis*; Jaspers sobre Aristóteles · [letra de escrito]
15. 5.2 · Estudo XII, 4.5, 5.2 e 5.3 · a presença sem explicação como “parente do mistério” · [letra de escrito]
16. 5.2 · Ficha do Estudo III · “silêncio respeitoso” · [letra de escrito]
17. 5.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “prontidão interior para o novo” · [letra do cânon]
18. 5.3 · Decisão n.º 8 de 06/11/2026, Estudo V · “sem ponte e com a medição no Estudo XIV” · [decisão do fundador]
19. 5.3 · Decisão n.º 12 de 06/11/2026, Estudo V · “Marcel e Jaspers entram só pelo essencial e medem-se no Estudo XIV” · [decisão do fundador]
20. 5.3 e 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” · [letra do cânon]
21. 5.3 · Decisão n.º 5 de 06/11/2026, Estudo V · “a parte de Jaspers mede-se no Estudo XIV” · [decisão do fundador]
22. 5.3 · Decisão n.º 10 de 23/10/2026, Estudo IX · o lobo é definido pelo ato · [decisão do fundador]

23. 5.3 · Disputatio sobre a luz interior e o mal, “Ad tertium” · falta ao cânon um princípio de justiça diante do mal a terceiros · [letra de escrito]
24. 5.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “A luz não se acende — ela se revela” · [letra do cânon]
25. 5.3 · Decisão n.º 6 de 06/11/2026, Estudo V · o ser-para-a-morte de Heidegger ao lado de velar, “sem dizer nada do depois” · [decisão do fundador]
26. 5.3 · Decisões n.º 1 e n.º 12 de 06/11/2026, Estudo V · a fórmula de duas metades; (k) aberta até o estudo de Marx · [decisão do fundador]
27. 5.1 · Estudo XIII, 5.1 e 5.2 · os cinco usos de “presença”; a *humanitas* de Arendt diante da margem · [letra de escrito]
28. 5.3 e 5.5 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “presença, não vitória” · [letra do cânon]
29. 5.3 e 5.5 · Tratado da Vigília, “Definição” · “nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” · [letra de escrito]
30. 5.5 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” · [letra de escrito]
31. 5.5 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém” · [letra do cânon]
32. 5.3 · Decisão n.º 5 de 06/11/2026, Estudo V · “há escuridões que nenhuma bússola veta” (leitura adotada) · [decisão do fundador]
33. 5.5 · Estudo VI, 5.4 · a forma da reescrita da Ficha · [letra de escrito]
34. 5.4 · Decisão n.º 5 de 17/10/2026, Estudo VII · “O lobo é quem inflige o mal, com ou sem intenção” · [decisão do fundador]
35. 5.4 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · a Vigília “promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova” · [decisão do fundador]
36. 5.4 e 5.5 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação” · [decisão do fundador]
37. 5.4 e 5.5 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · a Lux é de alguém · [decisão do fundador]
38. 5.4 · Decisão n.º 4 de 06/11/2026, Estudo VI · “estrutura, nunca nome da Luz” · [decisão do fundador]
39. 5.4 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X · “Só templo” · [decisão do fundador]
40. 5.4 · Decisão n.º 12 de 04/11/2026, Estudo IV · “‘eterna’ e ‘imortal’ não se dizem da Lux” · [decisão do fundador]
41. 5.4 · Decisões n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI, e n.º 11 de 06/11/2026, Estudo V · a obra lida e a biografia anotada · [decisão do fundador]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

1. 6.1 · Marcel, *Être et avoir* (*Ser e ter*), Aubier-Montaigne, 1968, p. 146 · “algo em que estou eu mesmo engajado” · «un mystère est quelque chose en quoi je suis moi-même engagé» · [V-fr]
2. 6.1 · Jaspers, *Philosophie* (*Filosofia*), II, Springer, 2.ª ed., 1948, p. 469 · “sem poder explicá-las e derivá-las de outra coisa” · «ohne sie aus einem Anderen erklären und ableiten zu können» · [V-de]
3. 6.1, 6.2 · Jaspers, *Philosophie*, I, 1948, p. 285 · “a última cifra do ser no existir” · «die letzte Chiffre des Seins im Dasein» · [V-de]
4. 6.1 · Jaspers, *Philosophie*, III, 1948, p. 877 · “o vazio absoluto ou o cumprimento definitivo” · «Sie kann ebensogut die absolute Leere wie die endgültige Erfüllung werden» · [V-de]
5. 6.2 · Jaspers, *Philosophie*, III, 1948, pp. 877–878 · “a indecifrabilidade como última cifra” · «Die Undeutbarkeit als letzte Chiffre» · [V-de]
6. 6.1, 6.4 · Marcel, *Homo viator*, trad. Sígueme, 2005, pp. 72–73 · “em ti para nós” · «Yo espero en ti para nosotros» · [V-es: Sígueme]
7. 6.1, 6.2, 6.4, 6.5 · Marcel, *Posición y aproximaciones concretas al misterio ontológico*, trad. Villoro, 1955, pp. 72–73 · “capaz de estar todo por inteiro comigo quando eu necessito dele”; “para o primeiro sou uma presença, para o segundo sou um objeto” · «el ser disponible es el que es capaz de estar todo él por entero conmigo cuando yo lo necesito»; «Para el primero soy una presencia, para el segundo soy un objeto» · [V-es: Villoro; página a confirmar]
8. 6.1, 6.2, 6.5 · Jaspers, *Philosophie*, II, 1948, p. 469 · “de olhos abertos” · «offenen Auges» · [V-de]
9. 6.1 · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 90 · “Estar indisponível: estar ocupado de si” · «Etre indisponible : être occupé de soi.» · [V-fr]
10. 6.1 · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 155 · “não se reconhece o direito de dispor livremente de si” · «L’être absolument disponible pour les autres ne se reconnaît pas le droit de disposer librement de soi.» · [V-fr]
11. 6.1 · Jaspers, *Philosophie*, II, 1948, p. 348 · “sem estar só” · «ohne einsam zu sein» · [V-de]
12. 6.1, 6.4 · Marcel, *Journal métaphysique* (*Diário metafísico*), Gallimard, 1927, apêndice, p. 323 · “Não me sirvo do meu corpo, eu sou meu corpo” · «Je ne me sers pas de mon corps, je suis mon corps» · [V-fr]
13. 6.1 · Marcel, *Journal métaphysique*, 1927, p. 237 · “na medida em que não o trato como um instrumento” · «je ne suis mon corps (au sens où je suis mes idées, mes œuvres) que dans la mesure où je ne le traite pas comme un instrument» · [V-fr]
14. 6.1, 6.4 · Jaspers, *Die Schuldfrage* (*A questão da culpa*), Schneider, 1946, p. 105 · “Que Deus é, isso basta” · «Daß Gott ist, ist genug» · [V-de]
15. 6.1, 6.4 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie* (*Introdução à filosofia*), Piper, 1971, pp. 40–41 · “A fé não é uma posse” · «Glaube ist kein Besitz.» · [V-de]
16. 6.1 · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 119 · “uma fidelidade absoluta envolve uma pessoa absoluta” · «Une fidélité absolue enveloppe une personne absolue.» · [V-fr]

17. 6.3, 6.4 · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 119 · “senão a uma pessoa”; “só salvaguarda criando” · «Il n’y a de fidélité qu’envers une personne»; «d’une fidélité qui ne sauvegarde qu’en créant» · [V-fr]
18. 6.1 · Marcel, *Homo viator*, trad. Sígueme, 2005, p. 267 · “Heidegger ou Jaspers” entre os que, “explícita ou implicitamente”, se pronunciam contra toda realidade do além · «filósofos existencialistas tales como Heidegger o Jaspers que, explícitamente o no, se pronuncian contra toda realidad del más allá, del Jenseits» · [V-es: Sígueme]
19. 6.1 · Jaspers, *Die Schuldfrage*, 1946, p. 64 · “a falta de solidariedade absoluta com o homem como homem” · «Metaphysische Schuld ist der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen.» · [V-de]
20. 6.4 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, 1971, p. 18 · “estou sujeito ao acaso” · «ich bin dem Zufall unterworfen» · [V-de]
21. 6.4 · Marcel, *Être et avoir*, 1968, p. 150 · “aberta na direção de uma revelação”; “não saberia exigir, nem pressupor, nem integrar” · «ouverte dans la direction d’une révélation, qu’elle ne saurait d’ailleurs ni exiger, ni présupposer, ni intégrer» · [V-fr]

A TRADIÇÃO

1. 6.1 · Arendt, “Karl Jaspers: uma *laudatio*”, 1958, via Estudo XIII, 5.2 · a *humanitas* “nunca se adquire no estar só” · «La humanitas nunca se adquiere en soledad […]» · [V-es via secundária: Estudo XIII, 5.2; página a confirmar]
2. 6.1 · Hanley, cronologia de Marcel, 1998 · Marcel católico desde 1929 · «—» · [V via secundária: Hanley; página a confirmar]
3. 6.1 · Heidegger–Jaspers, *Correspondencia*, trad. García Norro, apêndice, pp. 228–231 · “não livre, ditatorial e carente de comunicação” · «es no libre, dictatorial y carente de comunicación» · [V-es: García Norro; página a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 6.1, 6.2 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “importa a presença, e não a explicação”; “não promete que alguém venha, nem o nega” · [letra de escrito]
2. 6.1, 6.2, 6.5 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “não precisa do fim para valer”; “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” · [letra de escrito]
3. 6.1, 6.3, 6.5 · Tratado da Vigília, “Definição” · “nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”; “devolve a quem está nela um lugar”; “permanece desperto no escuro” · [letra de escrito]
4. 6.1, 6.2, 6.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “estar inteiro onde o corpo está”; “não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” · [letra do cânon]
5. 6.1, 6.3, 6.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “A palavra verdadeira posta em circulação”; “A margem também é rio” · [letra do cânon]
6. 6.1 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “abrir-se não é diluir-se” · [letra de escrito]

7. 6.1, 6.4 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém” · [letra do cânon]
8. 6.2, 6.3, 6.5 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “presença, não vitória” · [letra do cânon]
9. 6.4 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro” · [letra do cânon]
10. 6.3 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “presença anterior a qualquer olhar” · [letra de escrito]
11. 6.1, 6.3 · decisão n.º 8 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “sem ponte e com a medição no Estudo XIV” · [decisão do fundador]
12. 6.1, 6.4 · decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o Abrigo “não vai até a substituição” · [decisão do fundador]
13. 6.3, 6.4 · decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o Abrigo “revela e nada exige” · [decisão do fundador]
14. 6.1, 6.2, 6.3, 6.4 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · a luz “dada antes de qualquer relação” · [decisão do fundador]
15. 6.1, 6.3 · decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · o lobo definido pelo ato · [decisão do fundador]
16. 6.2, 6.3 · decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova” · [decisão do fundador]
17. 6.2 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a ordem do todo como teodiceia · [decisão do fundador]
18. 6.2, 6.3 · decisão n.º 5 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · as situações-limite ao lado da noite, como leitura · [decisão do fundador]
19. 6.3 · decisões n.º 4, n.º 5 e n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a margem como “estar consigo”; o compromisso como promessa dita a outro; a ação e o discurso de Arendt · [decisão do fundador]
20. 6.3 · decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · o Tao como estrutura, nunca nome da Luz · [decisão do fundador]
21. 6.3 · decisões n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e VI · o padrão das fronteiras · [decisão do fundador]
22. 6.1, 6.3 · decisões n.º 9 e n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · Moriá recebe uma leitura; *A questão da culpa* como matéria do tratado da justiça; a porta de (k) · [decisão do fundador]
23. 6.3 · decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · o silêncio sobre Moriá registrado; (j) segue como está · [decisão do fundador]
24. 6.1 · Estudo XIII, 4.6 · “a biografia não é doutrina” · [letra de escrito]

Bibliografia

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo e em que seções ela é citada. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá, e nos demais casos está escrito [cidade a completar]. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa. Nenhuma tradução portuguesa de Marcel ou de Jaspers foi aberta; o português do estudo para os dois é tradução do estudo, salvo o que vem por tradutor ou intermediário nomeado (Souza, para Merleau-Ponty; Tizzo, para as cartas de Arendt e Jaspers). O francês de Marcel foi conferido só em *Journal métaphysique* (Gallimard, 1927), em *Être et avoir* (Aubier-Montaigne, 1968) e em *La dignité humaine et ses assises existentielles* (Aubier-Montaigne, 1964). *Homo viator* e *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* só foram abertos em espanhol (Sígueme, 2005; Villoro, 1955, em reconhecimento óptico, com páginas aproximadas); o francês de *Homo viator* (Aubier, 1944) e o de *Position et approches concrètes du mystère ontologique* não foram abertos, e a edição de 1935 de *Ser e ter* também não. O alemão de Jaspers foi conferido em *Philosophie*, 2.ª edição "unveränderte" (Springer, 1948, três volumes, paginação contínua; a 1.ª edição, de 1932, e a 3.ª, de 1956, têm outra paginação e não foram abertas), em *Einführung in die Philosophie* (Piper, 1971; a edição Artemis, de 1950, não foi aberta), em *Die Schuldfrage* (Schneider, 1946), em *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte* e em *Der philosophische Glaube angesichts der Offenbarung* (*Karl Jaspers Gesamtausgabe* I/10 e I/13, Schwabe), e, em parte, em *Vernunft und Existenz* (55 imagens de página). *Von der Wahrheit* só chegou por Weidmann; o ensaio de Ricoeur de 1947 só chegou por Kuang; o ensaio de Marcel de 1932–33 sobre Jaspers só chegou por Englebert; *A situação espiritual do tempo*, *Os grandes filósofos* e a correspondência entre Arendt e Jaspers não foram abertos; a correspondência entre Heidegger e Jaspers só foi aberta em espanhol (García Norro). Só entram obras citadas nos sete arquivos do estudo (Prólogo e capítulos 1 a 6). Sem acrônimos: toda obra vai pelo título por extenso.

MARCEL: EDIÇÕES E TRADUÇÕES

1. MARCEL, Gabriel. *Journal métaphysique*. Paris: Gallimard, 1927. [Edição de consulta, em francês [V-fr]. Título em português do estudo: *Diário metafísico*. Prólogo, 1.2, 1.12, 2.3, 3.10, 5.3, 5.5, 6.1, 6.4.]

1. MARCEL, Gabriel. *Être et avoir*. [Cidade a completar]: Aubier-Montaigne, 1968. t. I, pp. 7–220. [Edição de consulta, em francês [V-fr]. Título em português do estudo: *Ser e ter*. A edição de 1935, que Grassi cita, não foi aberta, e as suas páginas não são usadas. Prólogo, 1.2 a 1.4, 1.9, 1.11, 2.1, 2.3 a 2.5, 2.7, 2.13, 3.3 a 3.7, 3.10, 4.1, 4.7, 4.8, 5.1 a 5.3, 5.5, 6.1, 6.3, 6.4.]

1. MARCEL, Gabriel. *Posición y aproximaciones concretas al misterio ontológico*. Tradução de Luis Villoro. [Cidade a completar]: UNAM, 1955. [Edição de consulta, em espanhol [V-es: Villoro], em reconhecimento óptico: as páginas citadas (72–73, 68–71) são aproximadas e levam "página a confirmar". O original é *Position et approches concrètes du mystère ontologique* (Louvain; Paris, 1933 e

1949), não aberto. Título em português do estudo: *Posição e aproximações*. Prólogo, 1.3, 2.1, 2.2, 2.15, 3.6, 3.15, 5.3, 5.5, 6.1, 6.2, 6.4, 6.5.]

1. MARCEL, Gabriel. *Homo viator*. [Tradutor: dados a completar.] [Cidade a completar]: Sígueme, 2005. [Edição de consulta, em espanhol [V-es: X], sobre a edição francesa de 1998. O francês de Aubier (1944) não foi aberto; o texto de 1943 sobre *O ser e o nada* está nas pp. 177 e 193 da edição Sígueme. "J'espère en toi pour nous", em francês, só por Antaby (H.V., 17, 85, 120). Prólogo, 1.2, 1.4, 1.9, 1.10, 2.6, 2.15, 3.1, 3.11, 4.1, 4.5, 5.3, 5.5, 6.1, 6.4.]

1. MARCEL, Gabriel. *La dignité humaine et ses assises existentielles*. [Cidade a completar]: Aubier-Montaigne, 1964. [Edição de consulta, em francês [V-fr]; a pesquisa de fontes do estudo dá também "Harvard 1961", a data das conferências, ainda por conferir. Título em português do estudo: *A dignidade humana*. 1.2, 1.3, 1.9, 1.12, 3.1, 3.3, 3.10, 3.11, 4.1, 5.2, 5.5.]

1. MARCEL, Gabriel. *Le Mystère de l'être*. [Cidade a completar]: Aubier, 1951. [Nomeada, não aberta. a pesquisa de fontes do estudo traz a tradução inglesa de Fraser e a castelhana de Valentié, mas não o francês. Prólogo e 1.1.]

1. MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*. [Cidade a completar]: La Colombe, 1951. [Intermediário: Duclos (tese, uOttawa). Título em português do estudo: *Os homens contra o humano*. 1.4, 4.9.]

1. MARCEL, Gabriel. Situation fondamentale et situations limites chez Karl Jaspers. *Recherches philosophiques*, [cidade a completar], v. II, 1932–33, pp. 317–348. Reimpresso em *Du refus à l'invocation*. Paris: Gallimard, 1940. [Nomeada, não aberta. O título, o volume e a seção vêm do índice cumulativo da McGill; a tese do ensaio e a p. 329 vêm por Englebert (2018). 1.9, 4.1.]

1. MARCEL, Gabriel. L'existence et la liberté humaine chez J.-P. Sartre. In: *Les grands appels de l'homme contemporain*. Paris: Éditions du Temps présent, 1947. Reedição: Vrin, 1981. [Intermediário: Politis, "Marcel lecteur de Sartre en 1946" (UERN; só o resumo foi aberto); a página e a edição de Sartre, por Cruvinel, levam "página a confirmar". A conferência é de 1946 e não está em *Homo viator*. 4.5.]

JASPERS: EDIÇÕES E TRADUÇÕES

1. JASPERS, Karl. *Philosophie*. 2. ed. "unveränderte". [Cidade a completar]: Springer, 1948. 3 v., paginação contínua. [Edição de consulta, em alemão [V-de]. O estudo traduz por *Filosofia*; a biografia de 1.1 a nomeia também como *Sistema de Filosofia*. Prólogo, 1.5 a 1.8, 2.8, 2.10 a 2.12, 2.14, 3.1, 3.2, 3.4, 3.8, 3.9, 3.11, 3.12, 3.15, 4.2, 4.4, 4.6, 5.1 a 5.3, 5.5, 6.1, 6.2, 6.4, 6.5.]

1. JASPERS, Karl. *Einführung in die Philosophie*. [Cidade a completar]: Piper, 1971. (Serie, 13.) [Edição de consulta, em alemão [V-de]. A edição Artemis (1950) não foi aberta. O texto da p. 22 e seguintes tem a marcação de página em reconhecimento óptico confusa ("página por contagem"). Título em português do estudo: *Introdução à filosofia*. Prólogo, 1.5 a 1.8, 2.8, 2.10, 2.12, 2.13, 3.1, 3.2, 3.4, 3.5, 3.11, 4.1, 5.3, 5.5, 6.1, 6.4.]

1. JASPERS, Karl. *Die Schuldfrage*. [Cidade a completar]: Schneider, 1946. [Edição de consulta, em alemão [V-de]. Título em português do estudo: *A questão da culpa*. Prólogo, 1.8, 2.9, 3.5, 3.9, 4.1, 4.9, 5.3, 5.5, 6.1, 6.3, 6.4.]

1. JASPERS, Karl. *Die Schuldfrage*. Edição crítica de Kaegi. In: *Karl Jaspers Gesamtausgabe*, I/23. [Cidade a completar]: Schwabe, 2022. [Intermediário para o aparato crítico (p. 62), citado em 1.10; a edição de Schneider (n.º 12) é a de consulta.]

1. JASPERS, Karl. *Psychologie der Weltanschauungen*. [Cidade a completar]: Springer, 1919. [a pesquisa de fontes do estudo dão a edição; a pesquisa do estudo não registra o texto como aberto, e as passagens citadas valem como edição a conferir. Título em português do estudo: *Psicologia das visões de mundo*. 1.5, 1.6, 4.8.]

1. JASPERS, Karl. *Vernunft und Existenz*. [Cidade a completar]: Piper, 1960. (Sammlung Piper.) [Edição de consulta em parte: só 55 imagens de página foram abertas, e as pp. 42–45 não estão entre elas (1.7, "localização a confirmar"). Título em português do estudo: *Razão e existência* (a obra é de 1935). 1.5, 1.7, 4.4.]

1. JASPERS, Karl. *Der philosophische Glaube angesichts der Offenbarung* (1962). Organização de Bernd Weidmann. In: *Karl Jaspers Gesamtausgabe*, I/13. [Cidade a completar]: Schwabe, 2016. [Edição de consulta, em alemão [V-de]. Citadas as pp. 69, 70 e 248 e a Einleitung de Weidmann, pp. XVI–XVII. Título em português do estudo: *A fé filosófica diante da revelação*. Prólogo, 1.8, 3.5, 3.13, 4.8, 5.3.]

1. JASPERS, Karl. *Der philosophische Glaube* (1948). [Dados de edição a completar.] [Intermediário: Weidmann, pp. 33 e 35 da Einleitung. Prólogo, 1.8, 3.5, 5.3.]

1. JASPERS, Karl. *Von der Wahrheit*. [Cidade a completar]: Piper, 1947. [Intermediário: Weidmann, p. 1051 ("página a confirmar"). Título em português do estudo: *Da verdade*. 1.8.]

1. JASPERS, Karl. *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*. Organização de Kurt Salamun. In: *Karl Jaspers Gesamtausgabe*, I/10. [Cidade a completar]: Schwabe, 2016. [Edição de consulta, em alemão [V-de], pp. 17–18. O aparato de Salamun dá a paginação de *Os grandes filósofos* (n.º 20). Título em português do estudo: *Origem e meta da história*. 4.7, 4.8.]

1. JASPERS, Karl. *Die großen Philosophen*. München: Piper, 1957 (reimpressão de 1959). [Nomeada, não aberta. Intermediário: Salamun, que dá as extensões Buda 127–154, Platão 234–318, Agostinho 319–396 e Laozi 898–933; as de Sócrates e de Nāgārjuna não foram achadas. Título em português do estudo: *Os grandes filósofos*. 4.7, 4.8, 5.2.]

1. JASPERS, Karl. Discurso do Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães, 1958. [Dados de edição a completar.] [Edição de consulta: o caderno da cerimônia, p. 7. 1.10, 3.8, 4.3.]

1. JASPERS, Karl; ARENDT, Hannah. *Briefwechsel*. München: Piper, 1992. [Nomeada, não aberta. Intermediário: Tizzo (tese, UC, 2022), pp. 54 e 62, cartas de Arendt a Jaspers (17/8/1946) e de Jaspers a Arendt (23/10/1946), com "página a confirmar". 4.3.]

1. HEIDEGGER, Martin; JASPERS, Karl. *Correspondencia 1920–1963*. Edição de Walter Biemel e Hans Saner. Tradução de Juan José García Norro. [Cidade a completar]: Síntesis, [ano: dados a completar]. [Edição de consulta, só em espanhol [V-es: García Norro]. O apêndice (pp. 228–231, parecer de Jaspers sobre Heidegger a Oehlkers, de 22/12/1945, em reconhecimento óptico) e as cartas de 1950 (pp. 158–160) levam "página a confirmar". O alemão não foi aberto. 1.10, 3.14, 4.5, 6.1.]

1. JASPERS, Karl. *Die geistige Situation der Zeit*. [Cidade a completar]: de Gruyter, 1931. [Nomeada, não aberta. Título em português do estudo: *A situação espiritual do tempo*. 1.10, 3.14.]

1. JASPERS, Karl. *Allgemeine Psychopathologie*. 1913. [Nomeada, só na biografia de 1.1; nenhuma edição foi achada na pesquisa de fontes do estudo. Título em português do estudo: *Psicopatologia geral*.]

1. JASPERS, Karl. *Existenzphilosophie*. 1938. [Nomeada, só na biografia de 1.1; nenhuma edição foi achada na pesquisa de fontes do estudo. Título em português do estudo: *Filosofia da existência*.]

A TRADIÇÃO E OS INTÉRPRETES

1. RICOEUR, Paul. *Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du mystère et philosophie du paradoxe*. Paris: Éditions du Temps présent, 1947. [Intermediário: Kuang (n.º 28), e a nota editorial do volume de 1953 (n.º 29). A data é 1947, não 1948 (levou "tese a confirmar" no Prólogo). Não aberto: só há empréstimo digital. Prólogo, 1.1, 1.7, 3.1, 3.2, 3.5, 4.2, 5.5.]

1. KUANG, [prenome: dados a completar]. [Título e ano: dados a completar.] Tese. Unistra. [Intermediário. Páginas citadas de Ricoeur (1947): pp. 428–434, p. 432 e pp. 221–228, todas com "página a confirmar"; em 3.1 e em 3.5, "atribuição a confirmar" e "localização a confirmar". Prólogo, 1.7, 3.1, 3.2, 3.5, 4.2.]

1. [Autor: dados a completar.] Nota editorial. In: [título do volume em homenagem de 1953: dados a completar]. 1953. [Intermediário: só chega o texto de Kuang e de quem cita o volume; a página e o autor levam "página a confirmar". 4.2, 5.5.]

1. RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Edição castelhana. [Cidade a completar]: Siglo XXI, 1996. pp. 292–293. [Intermediário: Estudo IX, 4.2 (n.º 67). Página com "página a confirmar". 2.4, 3.7, 4.2, 5.1.]

1. ARENDT, Hannah. Karl Jaspers: uma laudatio (1958). [Edição alemã: dados a completar.] [Edição de consulta, em alemão [V-de], pp. 3–4 do PDF. A palavra "humanitas" e a "mentalidade alargada" atribuída a Jaspers levam "localização a confirmar" e "tese a confirmar". 2.12, 2.14, 3.12, 4.3, 5.1, 6.1.]

1. ARENDT, Hannah. *La pluralidad del mundo*. Edição de Andreu Jaume. [Madrid]: Taurus, 2019. [Intermediário: Estudo XIII, 5.2 (n.º 71); o espanhol da laudatio não foi aberto. As páginas levam "página a confirmar". 2.14, 3.12, 4.3, 5.1.]

1. HANLEY, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] [Cidade a completar]: Marquette University Press, 1998. [Intermediário. Cronologia na p. 213, com "página a confirmar". Prólogo, 1.1, 3.5, 4.5, 5.5, 6.1.]

1. ENGLEBERT, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] 2018. [Intermediário do ensaio de Marcel de 1932–33 (n.º 8): a tese e a p. 329, com "página a confirmar" e "tese a confirmar". 1.9, 4.1.]

1. BENETTI, Larissa Garrido. *O fracasso no pensamento de Karl Jaspers*. Dissertação (mestrado). [Cidade a completar]: UnB, 2011. [Arquivo aberto, mas citado só pelo termo "fracasso" ("tese a confirmar"). 1.7.]

1. DUCLOS, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] Tese. [Cidade a completar]: uOttawa, [ano: dados a completar]. [Intermediário de *Les hommes contre l'humain* (n.º 7). 1.4, 4.9.]

1. ANTABY, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] Tese. [Cidade a completar]: uOttawa, [ano: dados a completar]. [Intermediário de "J'espère en toi pour nous", em *Homo viator*. 1.4.]

1. POLITIS, [prenome: dados a completar]. Marcel lecteur de Sartre en 1946. [Dados de publicação: UERN; só o resumo foi aberto.] [Intermediário da conferência de 1946 (n.º 9). 4.5.]

1. CRUVINEL, [prenome: dados a completar]. *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel e o mistério da (co)existência*. Dissertação (mestrado). [Cidade a completar]: Unioeste, 2023. [Intermediário; página e edição de Sartre levam "página a confirmar". 4.5.]

1. URABAYEN, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] *Pensamiento*, v. 72, n. 270, 2016, p. 61. [Intermediário: Ostiz (n.º 41). 4.6.]

1. OSTIZ, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] *Pensamiento*, v. 80, n. 311, 2024, pp. 1621–1622 e n. 33. [Intermediário de Urabayen (n.º 40). 4.6.]

1. TIZZO, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] Tese. [Cidade a completar]: UC, 2022. [Intermediário de Arendt e Jaspers (n.º 22), em português. 4.3.]

1. PARKES, [prenome: dados a completar]. Rising Sun over Black Forest. In: MAY, Reinhard. *Heidegger's Hidden Sources*. [Cidade a completar]: Routledge, 1996. p. 105. [Intermediário: Estudo VI, 4.12 (n.º 64); página com "página a confirmar". 4.8.]

1. MOUNIER, Emmanuel. *Introduction aux existentialismes*. 1947. [Nomeada, não aberta; paráfrase, sem edição nem página na pesquisa de fontes do estudo. 4.1.]

1. MERLEAU-PONTY, Maurice. Resenha de *Ser e ter*. *La Vie intellectuelle*, 15/10/1936, pp. 98–109. Tradução de Souza. *Dialectus*, pp. 146–147. [Intermediário, em português [V-pt: Souza]. Os dados de *Dialectus* (volume, ano e cidade) são [dados a completar]. 1.2.]

1. TAYLOR, Charles. *Uma era secular* (*A Secular Age*). [Dados de edição: nenhum achado na pesquisa de fontes do estudo.] [Nomeada, não aberta ("tese a confirmar"). 4.9.]

1. QUIGLEY, [prenome: dados a completar]. Resenha de *Os grandes filósofos*, tradução de Manheim, 1962. *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962. [Intermediário: Estudo X, 4.4 (n.º 68). 4.7, 5.2.]

1. [Autor: dados a completar.] Introdução a *Os grandes filósofos*. *Existenz*, v. 12, n. 1, 2017, p. 22. [Edição de consulta, em tradução inglesa [V-en: X]. 4.6, 4.7.]

1. WEIL, Simone. [Obra: dados a completar.] [Intermediário: Tratado da Vigília (n.º 52), seção citada em 2.6, onde a espera "tem objeto, alguém que virá". Nenhuma edição de Weil foi aberta ("tese a confirmar"). 2.6.]

O CÂNON E OS ESCRITOS DO LUMEN FLUENS

1. LUMEN FLUENS. *Cânon do Lumen Fluens*, versão 1.2. Agosto de 2026. [Autoridade final. Seções citadas: "Os Quatro Pilares" (I; III, Disponibilidade; IV, Presença e Princípio), "A Vigília", "O Abrigo", "As Águas Comuns", "Independência confessional", "Regra de Vida" e "A Bússola".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seções citadas: Definição, Fundamentação, O problema que responde, Resposta. A "Definição" traz um dos usos de "presença" que o Prólogo conta.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: Definição, Fundamentação, O problema que responde, Objeção provável e resposta breve (segunda objeção), Síntese.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: Definição, Fundamentação, O problema que responde, Resposta, Objeção provável e resposta breve.]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio sobre a luz interior e o mal*. [Seções citadas: *Sed contra* (2) e *Ad tertium* (4).]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. Validado em 18/10/2026. [Citados os números 17, 18 e 24.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Só nomeadas no Prólogo (contagens de vocabulário); nenhuma passagem é citada.]

1. LUMEN FLUENS. *Glossário*. Versão 1.0, validada em 4/11/2026. [Citado em 3.11 e no Prólogo.]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I a VII*. Outubro de 2026. [Citada a Ficha do Estudo III ("silêncio respeitoso") em 5.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I*. Versão 1.1, 3/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 03/11/2026. Citado só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II* (estoicismo). Versão 1.1, 3/11/2026. [Validação: decisões de 03/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado III*. Versão de 4/11/2026. [Validação: decisões de 04/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IV*. Versão de 4/11/2026. [Validação: decisões de 04/11/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado V* (existencialismo). Versão de 6/11/2026. [Validação: decisões de 06/11/2026. Seções citadas: 2.7, 3.10 e 5.1; a bibliografia do Estudo V é o modelo de forma desta.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VI*. Versão de 6/11/2026. [Validação: decisões de 06/11/2026. Seções citadas: 4.12 e 5.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII*. [Sem linha de versão; validação: decisões de 17/10/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII*. Versão de 19/10/2026. [Validação: decisões de 19/10/2026. Só pela lista de decisões.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX*. Versão 1.1 de 23/10/2026 (1.0 em 22/10). [Validação: decisões de 23/10/2026. Seções citadas: 4.2 e 5.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X*. Versão de 23/10/2026. [Validação: decisões de 23/10/2026. Seções citadas: 4.4 e 5.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI*. Versão de 31/10/2026 (1.0 em 30/10). [Validação: decisões de 31/10/2026. Seções citadas: 4.4 e 5.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII*. Versão de 31/10/2026 (1.0 em 30/10). [Validação: decisões de 31/10/2026. Seções citadas: 4.5, 5.2 e 5.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII*. Versão de 31/10/2026. [Validação: decisões de 31/10/2026 (estudo XIII). Seções citadas: 2.2, 4.6, 5.1 e 5.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (Estudo VII). [N.º 1, 2, 3 e 5. Prólogo, 2.10, 3.8, 3.15, 4.2, 4.6, 5.4, 5.5, 6.1 a 6.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (Estudo VIII). [N.º 1, 3, 4 e 5. Prólogo, 2.1, 2.4, 3.7, 4.6, 5.1 a 5.3, 6.1, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026* (Estudo IX). [N.º 1, 10 e 11. 1.11, 2.9, 3.9, 4.2, 4.9, 5.3, 6.1, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026* (Estudo X). [N.º 1, 6 e 7 (o n.º 7 só no Prólogo). 4.7, 5.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudos XI e XII). [XI: n.º 1, 5 e 7 (1.10, 2.4, 3.7, 3.14, 4.5, 4.7, 5.4, 6.3). XII: n.º 1 e 7 (3.15, 4.7, 4.8, 6.2).]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudo XIII). [N.º 1, 4, 5, 6, 9 e 10 (o n.º 10 só em 5.1). Prólogo, 1.11, 2.4, 2.10, 2.12, 2.14, 3.7, 3.12, 4.3, 5.1, 5.5, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026* (Estudo I). [N.º 1, 3 e 6. Prólogo, 2.15, 3.3, 4.2, 4.8, 5.4, 5.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026* (Estudo II). [N.º 1, 7 e 11. Prólogo, 2.8, 3.2, 3.9, 3.14, 3.15, 4.6, 4.8, 5.4, 6.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026* (Estudo III). [N.º 1, mais os n.º 11 e 12 citados como "Estudos III e IV". 3.9, 3.14, 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026* (Estudo IV). [N.º 1, 2 (só no Prólogo), 11 e 12. 3.9, 3.14, 4.8, 5.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 06/11/2026* (Estudo V). [N.º 1, 5, 6, 8, 9, 11 e 12. Prólogo, 1.2, 1.10 a 1.12, 2.1, 2.8, 2.11, 2.15, 3.2, 3.6, 3.9 a 3.11, 3.13, 3.15, 4.5, 4.9, 5.3, 6.1 a 6.3. O n.º 11 é citado também como "Estudos V e VI".]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 06/11/2026* (Estudo VI). [N.º 1, 4 e 12. 2.13, 3.4, 4.8, 5.4, 6.3.]

Conferências pendentes

Conferências pendentes

Este estudo traz 1015 marcas de verificação entre colchetes, contadas por grupo no Prólogo e nos seis capítulos (443 no corpo e 572 nas listas de Fontes; 15 delas, no "Como ler este estudo", definem as marcas e não marcam passagem). Dessas, 115 levam "a confirmar" ou "conferir": 56 no corpo e 59 nas Fontes, que repetem em parte as mesmas passagens. Por capítulo, são 9 no Prólogo, 36 no capítulo 1, 6 no 2, 19 no 3, 33 no 4, 9 no 5 e 3 no 6. Por tipo, são 60 "página a confirmar" (23 no corpo e 37 nas Fontes), 23 "localização a confirmar" (11 e 12), 30 "tese a confirmar" (21 e 9), 3 "atribuição a confirmar" (2 e 1) e 1 de outra forma ("página e edição de Sartre a confirmar", no capítulo 4); dois grupos compostos ("página a confirmar; tese a confirmar", em 1.9 e na Fonte 90 do capítulo 1) contam nos dois tipos, e por isso 60 + 23 + 30 + 3 + 1 − 2 = 115. Quatro das 115, no "Como ler este estudo", só definem a marca; ficam 111 passagens a conferir. Os números saem de `tools/contar-marcas.py`, que conta por grupo (um grupo composto, como [V-de; tradução do estudo], vale uma marca). Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página, edição e numeração que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula, com o capítulo e a seção. Toda citação lida em reconhecimento óptico (Villoro, *Posição e aproximações*; García Norro, apêndice da correspondência; Jaspers, *Einführung*, p. 22 e seguintes) deve ser conferida na imagem da página antes de sair em PDF. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

TIPO	O QUE FALTA
Edições não abertas	(1) **Marcel em francês**: *Homo viator* (Aubier, 1944; só a edição castelhana de Sígueme, 2005, foi aberta), *Position et approches concrètes du mystère ontologique* (só a tradução castelhana de Villoro, 1955), *Le Mystère de l'être* (Aubier, 1951; Prólogo e 1.1), *Les hommes contre l'humain* (La Colombe, 1951; só por Duclos; 1.4, 4.9) e o ensaio de 1932–33 sobre Jaspers (*Recherches philosophiques* II; só por Englebert; 1.9, 4.1). (2) A edição de 1935 de *Ser e ter*, que Grassi cita, não foi aberta; as páginas do estudo são as de Aubier-Montaigne, 1968. (3) **Jaspers**: *Der philosophische Glaube* (1948) e *Von der Wahrheit* (Piper, 1947, p. 1051) só por Weidmann (1.8, 3.5, 5.3); *A situação espiritual do tempo* (de Gruyter, 1931; 1.10, 3.14); *Os grandes filósofos* (Piper, 1957; só por Salamun; 4.7, 4.8, 5.2); a correspondência entre Arendt e Jaspers (Piper, 1992; só por Tizzo; 4.3); o alemão da correspondência com Heidegger e do parecer de 22/12/1945 (só em espanhol; 1.10, 3.14, 4.5, 6.1); *Filosofia* na 1.ª (1932) e na 3.ª (1956) edições, que têm outra paginação; *Razão e existência*, de que só se abriram 55 imagens de página (1.5, 1.7, 4.4); a edição Artemis (1950) da *Einführung*; *Psicologia das visões de mundo* (Springer, 1919; 1.5, 1.6, 4.8) cuja abertura a pesquisa não registra. (4) **Ricoeur**: *Gabriel Marcel et Karl Jaspers* (1947) só por Kuang e pela nota editorial do volume de 1953 (Prólogo, 1.1, 1.7, 3.1, 3.2, 3.5, 4.2, 5.5); *Soi-même comme un autre* só pela edição castelhana (Siglo XXI, 1996), via Estudo IX, 4.2 (2.4, 3.7, 4.2, 5.1). (5) Mounier, *Introduction aux existentialismes* (4.1) e Taylor, *Uma era secular* (4.9) não foram abertos, e a pesquisa de fontes do estudo não trazem edição de nenhum dos dois. (6) *Psicopatologia geral* e *Filosofia da existência*, nomeadas só na biografia de 1.1, sem edição na pesquisa de fontes do estudo. (7) Nenhuma tradução portuguesa de Marcel ou de Jaspers foi aberta.
Páginas a confirmar (60	(1) **Villoro**, pp. 72–73 e 68–71, em reconhecimento óptico: Prólogo (corpo e Fonte 5), 1.3 (três no corpo; Fontes 20 e 21), 2.1 e 2.2 (corpo; Fonte 2), 3.6 e 3.15 (Fontes 25 e 49), 5.5

TIPO	O QUE FALTA
marcas)	(corpo; Fonte 27), 6.1, 6.2, 6.4 e 6.5 (Fonte 7). (2) **Antaby**, *Homo viator* 17, 85 e 120: 1.4 (corpo e Fonte 29). (3) *Einführung*, p. 22: 1.6 (corpo e Fonte 51). (4) Weidmann, via *Von der Wahrheit*, p. 1051: 1.8 (corpo e Fonte 68). (5) Englebert, p. 329: 1.9 (corpo e Fonte 90). (6) **García Norro**, apêndice pp. 228–231 e cartas de 1950, pp. 158–160: 1.10 (dois no corpo; Fonte 80), 3.14 (corpo; Fonte 46), 4.5 (corpo; Fonte 18), 6.1 (Fonte 24). (7) **Ricoeur (1947) via Kuang**, pp. 428–434, p. 432 (c. p. 432), pp. 221–228 e a abertura do ensaio: 1.7 (corpo; Fonte 89), 3.2 (corpo; Fonte 51), 4.2 (dois no corpo; Fontes 31 a 34). (8) Nota editorial do volume de 1953, autor e página: 4.2 (corpo; Fonte 30). (9) **Tizzo**, pp. 54 e 62 (Arendt a Jaspers, 17/8/1946; Jaspers a Arendt, 23/10/1946): 4.3 (corpo; Fontes 10 e 39). (10) **Arendt**, *La pluralidad del mundo* (Taurus, 2019), via Estudo XIII, 5.2: 2.14 (Fonte 32), 4.3 (Fontes 36 e 37), 5.1 (Fonte 33). (11) Ricoeur, *Soi-même*, pp. 292–293: 2.4 (Fonte 29). (12) **Salamun**, extensões de *Os grandes filósofos* (Sócrates e Nāgārjuna sem página): 4.7 (corpo; Fonte 48), 4.8 (Fontes 49 e 50). (13) Parkes, p. 105: 4.8 (Fonte 51). (14) Cruvinel, página e edição de Sartre da conferência de 1946: 4.5 (corpo e Fonte 41). (15) **Hanley**, p. 213: Prólogo (Fonte 23), 5.5 (Fonte 37), 6.1 (Fonte 23). (16) A definição da marca, no "Como ler este estudo".
Localizações a confirmar (23 marcas)	(1) Prólogo: a definição da marca, no "Como ler". (2) 1.1: Hanley (Fonte 85). (3) 1.7: *Razão e existência*, pp. 42–45, que não estão nas 55 imagens abertas (Fonte 56). (4) 1.10: *A situação espiritual do tempo*, onde a passagem se acha. (5) 2.12: a "mentalidade alargada" atribuída a Jaspers por Arendt (Fonte 31). (6) 3.1: *Einführung*, p. 95, "esperança" (Fonte 4). (7) 3.5: o título de Kuang (Fonte 52) e Hanley (Fonte 53). (8) 3.11: *Homo viator*, pp. 147–166 (Fonte 42). (9) 3.12: a laudatio no Estudo XIII (Fonte 55). (10) 3.13: Moriá. (11) 3.14: *Os homens contra o humano* e *A situação espiritual do tempo*. (12) 4.1: Mounier (Fonte 29) e Englebert (Fonte 28). (13) 4.3: "humanitas" na laudatio, em alemão (Fonte 38). (14) 4.5: Hanley (Fonte 42).
Teses e atribuições a confirmar (30 teses e 3 atribuições)	(1) **Biografia, em 1.1** (nove marcas): a data de nascimento de Marcel (7 ou 8 de dezembro de 1889); a tese de 1909 sobre Coleridge e Schelling; a data provável (1925) do apêndice "Existência e objetividade"; as professuras de Jaspers (extraordinária, 1916; ordinária, 1921); a amizade com Heidegger desde 1920; a chegada dos americanos a Heidelberg em 1.º de abril de 1945; o Prêmio da Paz de 1958 (Jaspers) e o de 1964 (Marcel); a cidadania suíça (1967–68) e a morte em Basileia, em 26/2/1969; a data do livro de Ricoeur (1947). (2) **Prólogo**: a Ficha dos Estudos VIII a XIII, que a página anterior ("O que a série já disse…") ainda não traz; a data de Ricoeur (Fonte 24). (3) **1.7**: "fracasso" (Benetti) × *échec* (Ricoeur). (4) **1.9**: a reimpressão em *Du refus à l'invocação* (1940); Englebert, as cinco situações, p. 329 (a marca é composta: página e tese). (5) **1.10**: *Führerprinzip*. (6) Capítulo 1, Fontes 86, 88 e 90. (7) **Fonte 30 do capítulo 2**: Weil. (8) **4.5**: a amizade com Heidegger e a ruptura no fim de 1933 (Fonte 43). (9) **4.7**: Estudo XI, 5.3, Aristóteles entre os "seminais". (10) **4.9**: Taylor, *Uma era secular* (Fonte 52). (11) **5.1**: "mentalidade alargada" em Jaspers. (12) **5.2**: Jaspers sobre Aristóteles; Ficha do Estudo III, "silêncio respeitoso". (13) **5.5**: as Fichas VIII a XIII. (14) **Capítulo 5, Fonte 4**: o ano da carta de 16 de janeiro de 1933, inferido; **Fonte 36**: Ricoeur via a nota de 1953. (15) **Atribuição** (3): a definição, no "Como ler"; as duas marcas "página e atribuição a confirmar" de Kuang, em 3.1 e na Fonte 50 do capítulo 3, onde falta decidir se a linha é de Marcel ou de Ricoeur. (16) **Contagem de "presença"**: o capítulo 1 (Fonte 99) cita o Estudo XIII, 5.1, como "seis usos", enquanto 2.2, 5.1 e as Fontes 37 e 64 dizem "cinco", e o Prólogo diz seis; conferir no Estudo XIII se são cinco (o sexto seria a "Definição" do Tratado da Luz Interior, achado da pesquisa de fontes do estudo).

TIPO	O QUE FALTA
Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados	(1) **Kuang**: primeiro nome, título e ano a completar (tese, Unistra); o estudo só sabe de Ricoeur (1947) por ele (Prólogo, 1.7, 3.1, 3.2, 3.5, 4.2). (2) **Weidmann**: só pela Einleitung de I/13 (pp. XVI–XVII; Prólogo, 1.8, 3.5, 5.3). (3) **Englebert** (2018): primeiro nome e título (1.9, 4.1). (4) **Hanley** (Marquette University Press, 1998): primeiro nome e título (Prólogo, 1.1, 3.5, 4.5, 5.5, 6.1). (5) **Salamun**: só pelo aparato de I/10 (4.7, 4.8, 5.2). (6) **Politis**: só o resumo (UERN) foi aberto (4.5). (7) **Cruvinel**: dissertação (Unioeste, 2023) usada só para a conferência de Marcel sobre Sartre (4.5). (8) **Tizzo**: tese (UC, 2022), título e primeiro nome (4.3). (9) **Duclos** e **Antaby**: teses (uOttawa), títulos, primeiros nomes e anos (1.4, 4.9). (10) **Urabayen** e **Ostiz**: títulos e primeiros nomes (*Pensamiento* 72/270, 2016, p. 61; 80/311, 2024, pp. 1621–1622 e n. 33; 4.6). (11) Benetti, dissertação (UnB, 2011), só pelo termo "fracasso" (1.7). (12) Parkes, p. 105, via Estudo VI, 4.12 (4.8). (13) Mounier, só nomeado e parafraseado (4.1). (14) Merleau-Ponty, resenha de *Ser e ter*, via Souza, *Dialectus*, pp. 146–147: dados do periódico (1.2). (15) Taylor, só nomeado (4.9). (16) Quigley, via Estudo X, 4.4 (4.7, 5.2). (17) Weil, só pelo Tratado da Vigília (2.6). (18) Autor e título da introdução de *Existenz* 12/1 (2017), p. 22 (4.6, 4.7). (19) Arendt: o alemão da laudatio foi aberto (pp. 3–4 do PDF); o espanhol (Taurus, 2019) vem pelo Estudo XIII, 5.2. (20) Intermediários dos Estudos V, VI, IX, X, XI, XII e XIII, citados por seção nas Fontes (ver a bibliografia, n.º 63 a 71).
Traduções do estudo a rever com exemplar em mãos	(1) O marcador [tradução do estudo] aparece 103 vezes: 82 no capítulo 1 (10 no corpo e 72 nas Fontes), 2 no capítulo 2 (1 e 1) e 19 no capítulo 4 (9 e 10). Nenhuma tradução portuguesa de Marcel ou de Jaspers foi aberta; só Souza (Merleau-Ponty) e Tizzo (Arendt e Jaspers) vêm em português. (2) ***Scheitern***: "naufrágio" no estudo × "fracasso" (Benetti) × *échec* (Ricoeur), em 1.7. (3) ***Dulden***: "suportar" em 3.1 (Fonte 5) × "tolerar" em 1.7 e 4.6; uniformizar. (4) ***Engagé***: "engajado". (5) ***Chiffre***: "cifra"; ***Umgreifende***: "abrangente"; ***Grenzsituation***: "situação-limite". (6) ***Verschleierung***: "velamento"; ***liebender Kampf***: "luta amante". (7) "O ser disponível", em Villoro (espanhol), a cotejar com o francês de Marcel.

Painel de verificação

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

MARCA	TOTAL	CORPO	APARATO
[V-de]	206	110	96
[V-fr]	133	75	58
[leitura do estudo]	120	120	0
[V via secundária]	90	42	48
[V-es]	61	27	34
[V-de; tradução do estudo]	34	0	34
[V-fr; tradução do estudo]	24	0	24
[tese a confirmar]	24	21	3
[V-es; tradução do estudo]	21	10	11
[hipótese do estudo]	19	19	0
[… a confirmar]	13	10	3
[paráfrase]	12	10	2
[V-en; tradução do estudo]	4	2	2
[V-pt]	3	2	1
[paráfrase; … a confirmar]	3	2	1
[V-en]	2	2	0
[inferência do estudo]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

CAPÍTULO	CITAÇÕES	PALAVRAS
Prólogo — O estado da questão e o método	115	5298
1. Marcel e Jaspers em sua melhor forma	124	5229
2. Onde nos tocamos	135	3832
3. Onde nos separamos	157	5371
4. Marcel e Jaspers diante um do outro e das casas da série	91	3836

CAPÍTULO	CITAÇÕES	PALAVRAS
5. O que a série já disse e a Ficha proposta	98	2791
6. Síntese, fórmula e questões abertas	113	4368
Total	833	30725

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.